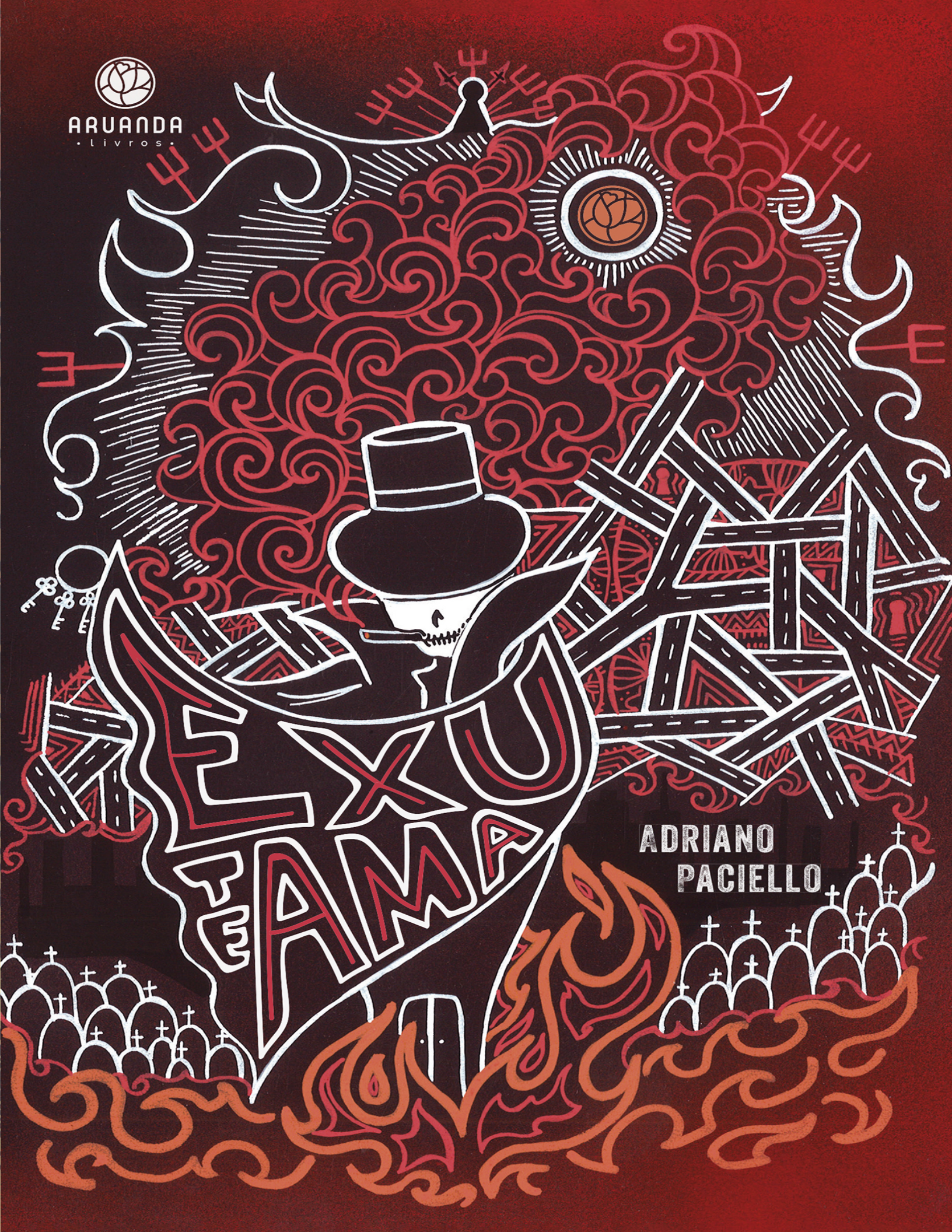




ARUANDA
Livros



FEAMA

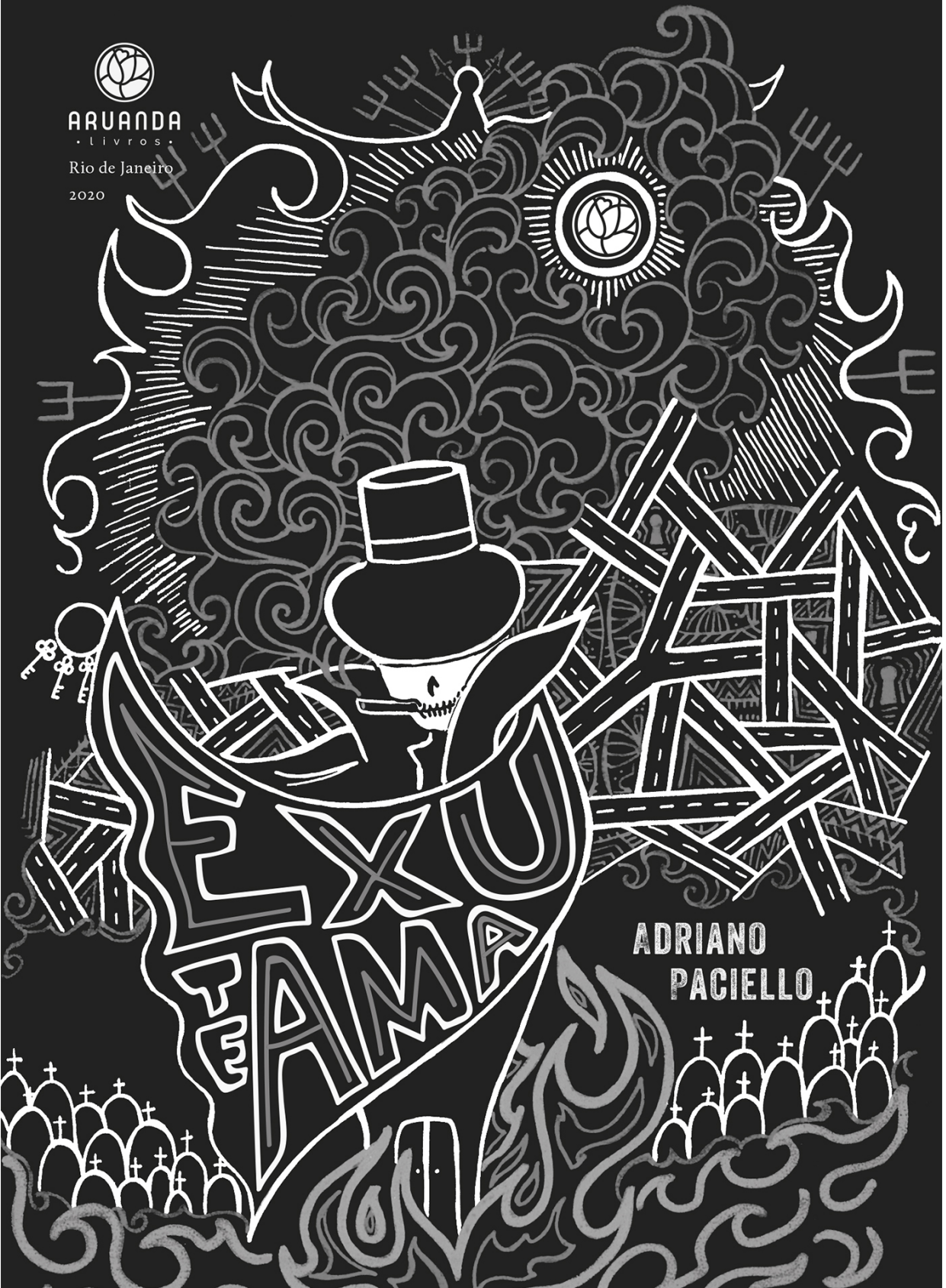
ADRIANO
PACIELLO



ARUANDA
· livros ·

Rio de Janeiro

2020



ADRIANO
PACIELLO



Texto © Adriano Paciello, 2019

Direitos de publicação © Editora Aruanda, 2020

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610/1998.

Todos os direitos desta edição reservados à

Aruanda Livros

um selo da EDITORA ARUANDA EIRELI.

Coordenação Editorial Aline Martins

Preparação Iuri Pavan

Revisão Anna Carolina Guimarães e Editora Aruanda

Design editorial Sem Serifa

Ilustrações Zanarts

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Paciello, Adriano

Exu te ama / Adriano Paciello. — Rio de Janeiro, RJ: Aruanda Livros, 2020.

ISBN 978-65-80645-14-5

EDITORA ARUANDA

contato@editoraaruada.com.br

editoraaruada.com.br

À Nena, a minha esquerda preferida.

**NÃO SERÁ PREFERÍVEL CORRIGIR, RECUPERAR
E EDUCAR UM SER HUMANO A CORTAR-LHE A
CABEÇA?**

— FIODOR DOSTOIÉVSKI —

ALEXU L L

Muito me aprouve saber que, seja por curiosidade, ratificação ou ousadia, sua atenção chegou até aqui. Dificilmente teremos uma relação mútua, um pacto ou algo mais próximo. Não me surpreenderei se for rechaçado, se for ignorado, porém adianto que será em vão a sua negativa, a sua indiferença, justamente porque você não está em condições de exigir, fugir, escapar ou se esconder. Ponha-se nas trevas, e tirarei a luz; cubra-se com a negligência, e me revelarei no momento mais inoportuno; finja minha existência, e me apresentarei sem convites ou qualquer referência. Minha sina é seguir você, minha meta é me fazer presente, minha intenção é assinar os desígnios, e não careço de sua autorização, porque sou eu quem decide quando, sou eu que permito quem. Venho de todos os cantos das trevas como servo de Deus, ainda que prefira não autenticar tal demanda. Sou eu quem vai gargalhar sob sua teimosia, seus pecados e desvios morais. Sou eu quem vai indicar a sua sujeira e, enquanto não for limpa, sou eu quem vai emporcalhar as suas imperfeições, até que elas machuquem sua alma, até que seu bom senso fique são, limpo e digno. Sou eu quem toma as rédeas de sua vida, sou eu quem enxerga a podridão de seus mais nefastos desejos, porque o divino me incumbiu de purgar suas tristezas para não sujar as mãos com as perfídias humanas. Eis-me aqui, expondo minha vida, para que você saiba que não fui melhor que você, mas que hoje passo longe, muito longe da vergonha que você deixa em cada esquina de sua vida. Uns me chamam de demônio, porque temem minha presença, outros me chamam de diabo, porque lhes é

conveniente, e poucos me aceitam como pai, porque não existe outra opção. Posso ser seu demônio, se seu coração for indigno. Posso ser seu diabo, se suas intenções forem malignas, mas sei bem ser seu pai, se há justiça e honraria em suas ações. Chamam-me de muitos nomes, no entanto, exu é a minha verdade. Em minha última encarnação, fui protagonista de erros de mil naturezas. Chame a ganância, e eu direi “presente”. Chame o ego, e me inflamarei. Traga mulheres e bebidas, e me embriagarei sem limites. Desencarnei carregando essas sombras na alma e finquei minha bandeira anos e anos nessa escuridão, vagando por trevas, conhecendo planos espirituais que fariam Belzebu tremer e sentindo as dores dos erros passados. Não enxergava saída nem pedia por ela. Sabe-se lá em qual momento fui resgatado. Não consegui divisar quem eram, eu só via vultos, daqueles que fariam qualquer um cair, porque a verdade só é pesada aos indignos. E caí ao vê-los. Eram outros exus que atuavam nessas zonas cinzentas. Com eles, absorvi as leis de Deus; a Justiça Divina veio-me como ciência adquirida até que pudesse olhar-me e reconhecer-me como um deles. E isso me tomaria anos e anos, quicá vidas, que me proveem de sentimentos que combateriam qualquer outro terreno mundano. Aprendi a absorver cada situação sem ego, sem vaidade, sem sombras, sem ganância. Comecei a discernir o certo do errado sob o cajado de Deus, cujas leis vêm representadas por Ogum,^[1] a quem todos os exus estão ligados e com quem aprendem a absorver os seus valores e parâmetros maiores. E me vi regenerado. Digeri os meus erros e os perdoei, sem melindres e com orgulho. Sou igual a eles hoje. Sim, vi-me exu, pois exu teria de ser. Minha missão agora é grande. É hora de devolver o que me deram. É hora de usar a gratidão abrindo caminho a outras mais. Por isso, venho aqui para me ligar a um encarnado, ajudá-lo a evoluir, a ver as suas falhas, as suas sombras, e a crescer. Começa aqui a minha ligação com o homem que me ajudou a cair em outras vidas. A ele foi dada a chance de

aprender, a mim foi dada a chance de regenerá-lo. Começa aqui a história de Pedro Augusto Neto, hoje denominado filho. Começa aqui a minha história, hoje me denominando pai. Recomeça aqui a nossa tentativa. Receberei os cacos e os colarei com outro selador. Dar-me-ão o aluno, e devolverei a lição sob a batuta do ensinamento, da educação. Venham com o peso ideal, venham com os espinhos exatos. E nele reconheço sua sombra no coração e a abraço como experto, como profundo conhecedor de onde seus passos vagarão e para onde os levarão em cada esquina trevosa. Dê-me seu desvio, que darei o caminho. Dê-me sua podridão, que darei a purgação. Dê-me seu desengano, que trarei o ideal. Dê-me seu abismo, que serei sua ponte. Sim, sou eu. Exu, terceirizado por Deus na aplicação do justo. Representante do Divino, autenticando Suas leis e outorgando Suas ordens como servo, como salvador, como incansável corretor. E não me pintem inquisidor, não me julguem tirano. Sou o portador da luz a quem a merecer. Sou o portador da prosperidade a quem a merecer. Sou o portador da saúde a quem a merecer. Sou o portador do bem a quem o merecer. E desembainho minha espada e com ela firo o ego, queimo a vaidade, desestabilizo a prosperidade e adoeço o corpo e a mente, se houver sementeira da ganância, da soberba, da prepotência e do egoísmo. Sem a intervenção divina, mas sob Suas aprovações. E não me venha dizer que sou injusto, porque conheço as faixas mais cinzentas da vida espiritual, e nelas um dia fixei residência. Fui resgatado, e agora me cabe resgatar. Separo espíritos obsessores dos dignos, aponto os espíritos de luz e desencaminho os mal-intencionados. Selo as portas do mal e escancaro as do bem, porque a mim foi confiado o trabalho, porque conheço o mal como nem Deus ousaria entender, pois já me sujei e fui limpo. Agora é hora de solver a putrefação humana. Sim. Eu sou tudo isso e muito mais.

Não se pode pontuar o exato momento em que um coração se desvia. Ele nasce com esta tendência, e a ele são dadas outras mais para que tudo se encaixe no processo evolutivo do ser humano. Não vim aqui para cuidar da origem de tudo, mas para dar cabo dos dias que estão por vir.

Pedro nasceu em uma família simples, filho temporão e único de dois operários nobres com mais de 40 anos cada um, que sabiam ser uma grande ousadia educar um filho com idade de avós, o que conseguiram a duras penas. Contavam o dinheiro justo e dormiam um sono leve para que tudo estivesse ao seu alcance. Não ganhavam nem perdiam, mantinham um equilíbrio raro, poucas vezes visto nos dias da vida. O menino via as excentricidades dos amigos, com seus jogos e brinquedos, mas não ficava devendo para a mesa farta, que era o que contava aos pais, cujo lema era a verdade acima de tudo.

Pedro cresceu sem luxo nem regalias, mas dizer que passou necessidades seria uma desonra sem precedentes. O primeiro dinheiro veio nos caixas do minimercado do bairro, quando o pai conseguiu umas duas horas de empacotador para ele, o que rendia um terço de um salário mínimo, uma pequena fortuna dedicada a balas, refrigerantes e doces. Diriam os pais a ele que nem sempre seria assim, mas entendiam que podar as frivolidades de uma criança que nunca reclamara da vida seria crueldade.

Aos 9 anos, o garoto sabia como empregar seus ganhos e começou a desenvolver esse gosto perigoso ao descompromisso e ao prazer.

Confesso que deveria agir, no entanto era minha esperança de que os dias trariam exemplos melhores, porque concorrer com a vida era alimentar uma derrota iminente. E não. Das duas horas diárias, passou às quatro horas, a competência e o carisma o levaram às seis, e não demorou para, aos 15 anos, começar a fazer os serviços de banco do local. O salário mínimo era mais um salário entre os três, quase empatando com os dois de cada um dos adultos de lá.

Mas junto à maturidade aparecem as obrigações; junto às obrigações aparecem os traços de personalidade, que nem sempre são o reflexo do desejo de quem dá, do desejo de quem recebe. Pai, mãe e filho começaram a ter pequenas discordâncias, já que o prazer da família era o bem-estar, e o bem-estar do garoto já eram as matinês e algumas meninas.

Eis o exato momento de seu ponto fraco: Pedro se perdia fácil por elas e fazia o possível para tê-las por perto. Por uma vizinha e dois copos de cerveja, deixou de levar o leite e os pães que a mãe pediu, e não tive outra ação que não o fazer perder a mesma quantia no dia seguinte, quando as moedas lhe escaparam do bolso e vi, sem aprovação alguma, aquele descontrole que lhe custou uma discussão pesada em casa. O pai o acusou de ingratidão e egoísmo, enquanto a mãe tentava impedir que o menino crescesse, tirando-lhe a responsabilidade, o que gerou uma comoção mais demoníaca do marido. Ela piscou a ele, ele piscou a ela, e não tive o que fazer, pois, quando existe o conformismo e a aceitação, nosso papel se resume a mero espectador, pois também carecemos da ajuda alheia para tal.

Para tanto, tive de fazer uns bicos aparecerem à costureira, que sorriu feliz até tarde por duas noites, enquanto o menino se entretinha nos lençóis de uma adulta sem higiene. Existem serviços que ficam mais fáceis de serem aplicados, e apenas soprei em poucos ventos a decorrência de tudo. Confesso que me foi prazeroso ver aquela

gonorreia no rapaz, e o gasto triplicado que teve para saná-la, contudo, não seria muito bom vê-lo encarar o marido, que cismou que ela o traía. Felizmente, consegui que a separação ocorresse de modo menos dolorido. O menino com a ardência nas partes baixas, o brucutu com a ardência nos cornos, e a mulher com a porta fechada de Pedro, que mandou a mãe dizer que não conhecia Maria alguma em sua vida. Ela teve o que mereceu e seguiu sua vida para outros lados, certamente com a promessa de nunca mais emendar uma história sem que tivesse terminado a atual.

A vida seguiu como deveria. Pedro, com o talento nas palavras e na comunicação, não tardou a concluir o ensino médio com louvor e a entrar em uma faculdade pública. O amor pelo dinheiro serviu como determinação. No mesmo dia em que lia seu nome na lista de aprovados, conseguia uma vaga de auxiliar em uma grande empresa, ganhando o mesmo salário que pai e mãe juntos, ou seja, 50% da renda daquela casa viria dele. O pai suscitava uma aposentadoria, e a mãe já não enxergava muito bem com as linhas. Era comum que furasse o dedo muito mais vezes do que anos atrás. E foi assim que tudo se desenhou. Pedro assumiria metade das contas de casa para que os pais pudessem deixar os dias mais brandos, já que a rodagem deles não tinha a mesma engrenagem da fúria jovem do garoto.

Em uma tarde de domingo, a mãe esquentava o almoço, porque o filho chegara cedo demais para jantar dali a quatro horas. Eram 15h quando ela, com sua dor na coluna, se levantou da cadeira de balanço sob os olhares inconformados do marido. Eis-me aqui de novo a lhe soprar o justo, e usei tudo o que pude para fazer aquele homem pacato usar a justiça que tinha de ser feita. Ele esperou que o filho devorasse o frango com farofa e sentou-se à sua frente. Pedro ameaçou levantar, dando uma desculpa qualquer, mas Ogum e Xangô^[2] me apoiaram o suficiente para que sua voz fosse grave e sua ordem fosse respeitada:

— Não dei permissão para que se levante dessa mesa, Pedro! Se já se comporta como homem, não é como pai que peço que me escute, é como igual, já que o respeito que você deveria ter comigo e com sua mãe não existe mais!

Saí, porque minha parte já havia sido feita e era o primeiro momento de evolução, de justiça, o primeiro de muitos que ele teria pela frente. Se falhasse, não queria ser testemunha; se fosse aprovado, também não me cabia honraria. Deixei que o livre-arbítrio pudesse fazer a sua parte, e não me competia revelar o que já sabia.

— Por que esse tom?

— Eu pergunto a você: por que esse tratamento? Não me parece tão complexo a você perceber que sua mãe não é sua empregada! Não me parece muito complexo a você perceber que seria hora de nos ajudar, porque precisamos, não porque queremos! E não me parece muito digno a você ter de escutar tudo isso!

Pedro manteve o olhar ressabiado, tendo de devorar a verdade, mesmo não havendo mais espaço em seu estômago, já que a comida havia forrado cada nicho ali.

— Enquanto você era um menino, eu deixei que fizesse suas escolhas com seu dinheiro. Pensei que pudesse desenvolver suas responsabilidades e aprender a ser justo. Sua mãe não tem mais condições de trabalhar. O tratamento é caro...

— Você quer que eu pague o tratamento dela?

— Não. Quero algo mais simples que isso: quero que não dê mais trabalho a ela!

Fiz com que as dores da coluna da velha aumentassem para que ela não pudesse intervir na realidade que se punha na frente de Pedro. O menino havia crescido, seus 19 anos eram bem vividos, e seus ombros largos poderiam sustentar bem mais do que seu próprio mundo, do que seu próprio ego.

— Você tem capacidade de cuidar de sua roupa! De cuidar de seu almoço, de seu jantar! Não vou permitir que ela faça nada fora de seu horário! Eu e ela dividimos as tarefas, e a ajudo como posso! Disse que não faria nada a você, mas ela não consegue e eu tento entender essa relação de mãe e filho! Não sou mãe, mas já fui filho e apoiei sua avó quando as forças faltaram a ela! Você tem de fazer o mesmo, Pedro! Tem de fazer o mesmo! E não me conformo que tenha de dizer o óbvio a você! A partir de amanhã, você cuida de seu almoço, de seu jantar e de suas roupas! Se eu posso fazer isso aos 65, e sua mãe fez a vida toda, você também pode!

Ele não teve muita reação. Olhou a mãe chorosa, olhou com raiva para o pai, que tremia as mãos e a fala. Levantou-se sem falar coisa alguma e saiu. Vi em seu coração a ingratidão e o egoísmo e tive de agir rápido. Não fosse pelos pais, o dinheiro sumiria de outra forma. Ele voltou no meio da noite com o ego ferido e a razão nos pés. Poderoso com seus quatro salários, preferia contrariar a aceitar a verdade. Falhava em sua primeira provação. Decidiu que gastaria o dobro fora de casa. Fez as suas malas e deixou dois pais chorosos pela pouca dignidade. Pedro ainda estava na porta:

— Saio com minhas despesas. Assim sobra mais a vocês.

Decidiu fechar os olhos e alugar um quarto de fundos a dois quilômetros de lá. Foi a última vez que viu os pais, que caíram em uma depressão profunda. Até um deslize da mãe, que esqueceu o gás ligado. Consegui adiar ao máximo a explosão e, em uma justiça divina, trouxe o velho para dentro no mesmo instante em que ela teimava em acender uma vela aos anjos, para que guardassem o filho há seis meses sumido. A casa foi pelos ares, e os operários estavam agora em paz, sem dores na alma ou na coluna.

Que o remorso se fizesse no peito de Pedro era uma utopia sem precedentes a mim, que pude ver em seus olhos uma forte dor durante

o enterro deles. Julguei que ele a sustentaria como fonte de crescimento e evolução. A culpa é uma impulsão e tanto a superações, uma aliada poderosa a regenerações. Velei aquele choro por dias e tive a certeza de que tudo poderia mudar. E teria de esperar para ver se a sua perversão com a bebida e as mulheres teria uma reviravolta. Deixei que uma quarentena dolorosa se apoderasse de seus dias para que a dor fizesse seu papel. Geralmente, era eficaz e sempre seria no coração dos dignos. Naquela época, Pedro pulava os muros, sempre fugindo dos maridos, porque sempre preferiu as casadas, para que nunca pudessem lhe cobrar algo. Foi então que o momento me apareceu oportuno, e nada melhor que constatar que talvez o sumiço dos pais — sim, porque o enterro fora simbólico, já que os corpos foram dilacerados e apenas dois pedaços deles estavam como evidência do fim — fora determinante para reparar seu primeiro grande erro. Patrícia era uma menina meiga, que estudava Psicologia e sustentava os pais com a venda de semijoias em um shopping na Zona Sul. Eles cursavam a mesma universidade e se esbarravam às sextas depois da aula em um bar nas imediações. Ele sorriu, ela também, e cri ser o momento ideal. Apaixonaram-se e se entregaram furtivamente a um romance promissor. Pela primeira vez, Pedro era de uma, porque fora ele o primeiro dela. Acabaram se dando exclusividades significativas, e tudo era propício.

O rapaz havia negado um compromisso com os pais, talvez não pudesse fazê-lo com uma família. Em uma noite de domingo, enquanto estavam no banho, Pedro massageava lentamente a barriga da moça com o sabonete e por lá ficou alguns instantes. A menina sorriu feliz e perguntou a ele se era algum tipo de pressentimento.

— Que pressentimento? — perguntou em um tom bem mais sério.

Foi nesse instante que saí. Não pude ficar ali, porque tive medo de mais uma vez ele falhar. Na verdade, eu já sabia a resposta e teimava, mais que a vida, em fazer dele um campeão das trevas.

— Você nunca ficou assim tão carinhoso e justamente aqui, Pedro...

— O que tem aqui, Patrícia? Que brincadeira é essa?

Ela calou o sorriso, temendo continuar o assunto. Pudesse ela, teria voltado no tempo, acabado o banho e seguido sua vida. Fora um mau pressentimento, a água morna esfriou, e Pedro saiu contrariado, deixando a moça ali, sozinha e sem palavras. Ele se enxugou e pediu que ela fizesse o mesmo. Patrícia já não tinha mais o que falar, porque o que estava para dizer já tinha a sua reprovação. Ela saiu e encontrou um homem transtornado, fumando nervosamente, com a toalha na cintura.

— O que tiver para dizer, diga já e sem rodeios.

Ela, em um tom trêmulo, entre a decepção e a vergonha, quase em um sussurro, quase como um pedido de desculpas:

— Você vai ser pai...

— Como é? Pai? Pai? Eu vou ser pai?

Ela não respondeu, uma lágrima lhe escorreu pela face direita, refletindo a pouca luz do banheiro e o pouco interesse do namorado. Apenas enxugou as dores e começou a se vestir, enquanto escutava os impropérios e os resmungos de Pedro, que se vestia e reclamava, ensandecido, culpando-a por tudo, assumindo o papel típico dos indignos. Ela apenas se vestia, sabendo que não deveria estar ali, que tinha de se perdoar pelo erro imensurável de não ter escutado sua intuição e as amigas de sala, que conheciam bem os passos sedutores e as palavras atraentes do rapaz. O silêncio foi constrangedor, e óbvio que nada mais caberia ali. E não poderia caber, porque, quando o autorrespeito inexistente, requerer que ele nasça de imediato era mais impossível que aceitar a verdade. Ela estava colocando a muda de dois dias de roupa na mala quando teve de escutar o que escutou, quando teve de aguentar o que aguentou, quando teve de segurar a injúria mais ardida que o pior dos ferimentos:

— Tem certeza de que é meu?

Lembro que estava na sacada de fora e não tive reações. Não eram somente os pais que haviam sumido pelos ares, os sentimentos, a solidariedade, o respeito, a dignidade e o bom senso estavam desintegrados. Ela nada respondeu, calou-se e saiu. Seguiria com a criança até o fim e a tomaria para si como sua bênção eterna. Abraçaria a criança como um acerto, como uma correção dessas que somente nós, exus, saberíamos dar. Mas ela não poderia, ela não aguentaria, e, sob as ordens divinas e com o apoio de Omulu,^[3] rompemos a ligação mãe e filho, que voltaria anos depois, em uma época mais apropriada, com um ambiente adequado. Pedro falhava mais uma vez. Eu falhava mais uma vez. Suas faltas acumulavam junto às minhas.

A notícia correu à família da moça, e um primo mais exaltado tomou-lhe as dores, pegando seu facão e entrando no Fusca 66 para honrar a dignidade da prima. Tive de fazer com que Pedro fosse promovido no trabalho e ganhasse ambições maiores, saindo do quartinho de fundos, com a sorte abençoando sua vida, quase fugido e completamente conveniente. O carro do primo não pegou, o motor do Fusca 66 foi um excelente álibi para que minha função não fosse desastrosa e prematuramente cortada. Ficaram ele e seu facão ali, tentando fazer o carro funcionar, em vão, enquanto Pedro saía do bairro para um hotel no centro. Preferi não agir e deixei que dessa vez tudo se amainasse. Infelizmente, não para o seu bem, pois dois reveses em sua evolução angariariam não só perdas futuras, como caminhos ainda mais hábeis a tudo o que ainda estava por vir. Não era meu pesar, era minha função, e eu sabia que ganharia no momento ideal, bastaria Pedro me ajudar a não tornar ainda pior as trevas em seu caminho.

O caminho da evolução humana não pode ter uma medida exata. Não é longo nem curto, apenas é. Leve-se o tempo que levar; quando chegar, estará pronto. Não será curto, não será longo, apenas será. E terá uma forma muito justa e ideal para que se consiga atestar como cada um se encarrega de sua própria evolução. Deus rege tudo, e somos suas peças frágeis e praticamente vulneráveis. Um sopro, e tudo começa; outro sopro, e tudo acaba. Não nos cabe julgar, decidir ou escolher, cabe-nos aceitar e ver que somente os desígnios de Deus podem comandar nosso trajeto e nossa caminhada. Uma vida toda ainda é pouco para medir nossa evolução. Duas vidas e nada. Três ou quatro. Não importa. O que é nosso por direito é receber de braços abertos lições, acertos e erros. Aceitar, sem reclamar, dores, bofetões, injustiças; e saber que sempre por trás de uma dor existe o alívio. Sempre atrás de um azedume existe o doce, e sempre atrás de uma correção há a justificativa. A consequência, boa ou má, não é tão importante, o importante é saber como se caminha, como se fazem os passos e como se marca pela vida que se viveu, se vive ou se viverá. Eu sou o meio de tudo, o seu fim não é somente você quem decide. O Divino comanda, eu realizo e você obedece. Guio os seus gestos a mando de Deus, você age de acordo com o que lhe foi traçado. Não cabe a você intervir, opinar. Você decide apenas a forma de aprender, e eu decido a forma como passar. Assimilar o golpe ou abraçar o aprendizado não tornarão a sua vida melhor, fará de sua vida ideal para o que foi programado nos dias em que protagonizará sua vida. Seja onde e quando for. Plante o mal e a

justiça o encontrará. Plante o bem e a justiça o encontrará. Plante o nada e, ainda assim, a justiça estará presente. Sou apenas sombra de suas ações. Eu jogo as cartas, e você decide como usá-las. A forma como você as dispuser na mesa é a maneira como você seguirá o seu jogo. Sou eu que estou por trás de suas atitudes. Sou eu que sigo as ordens dos céus, apesar de rastejar com dignidade e mansidão pelas trevas. Quase flutuo, e a sujeira nunca mais me afetará, diferentemente de você, que não possui essa habilidade porque ainda não foi dada de cima a você. Tudo tem seu tempo, e o seu é diferente do meu, porque o meu independe do seu e os nossos estão sob o comando de Deus. É a vida, e a vida não dá as respostas, pois o gabarito não lhe é permitido. As questões lhe são entregues e serão repetidas de mil formas, confundindo-o para que você não decore as respostas. Acertar é a maneira de conduzir seu próximo passo. Errar é a maneira de repetir a tentativa. Seu equívoco não o atravança, nunca se para no tempo, seguimos sempre a um lugar, seja o certo, seja o errado, mas seguimos. Exu estará para as boas-vindas, seja ao céu, seja ao inferno. E de nada adianta seguir pela direita ou pela esquerda, seguir reto ou em curvas, porque a vida não é como a verdade. A verdade é um instrumento que o acompanha pelo trajeto, e o trajeto é a vida. A verdade é seu cajado, e a vida, as pedras. A verdade é a sua luz, e a vida, a escuridão. Jogue seu cajado fora e terá um arranhão em sua pele. Jogue a luz fora e se perderá até seu destino. Sou eu quem decide o que, mesmo você decidindo como. Não passa de uma marionete frágil, fácil de manipular. Apesar de sua força e de seu poder, tolo de quem crê que ergue o que ergue. Faça um castelo de aço, e eu o derrubo com um sopro. Basta um comando dos céus e tudo o que seria indissolúvel desaparece. Você é nada e, se assim desejar seguir, suas fraquezas ascenderão sem esforços. Deseje sair da inércia, e seus esforços terão de ser triplicados. Almeje o divino, e seu ego sumirá, sua arrogância será açoitada, sua dignidade ficará

firme, tudo somente depois de beber o lodo da vida, comer o esterco da verdade e engolir a fragilidade de sua arrogância. E então estaremos limpos. E então seremos um só para que sua evolução dê algum sinal de vida e os degraus comecem a subir. Sou eu quem escolhe sua dor. Sou eu quem aponta sua mediocridade. Sou eu quem espezinha sua insignificância, e, se ainda assim estiver de pé, as honrarias estarão dispostas, e eu as deixarei vívidas e expostas. Leve o tempo que levar, não será mais digno se mais rápido for, porque não se mede o tempo, mede-se o seu coração. Para Deus, não há distinção entre a celeridade e a lerdeza. Para Deus, só existe o ideal. Quando se almeja isso, estará pronto. No seu passo e no seu caminhar, sou eu quem o conduzo até esse merecimento. Sou eu quem provê, sou eu quem retira. Sou eu quem alimenta, sou eu quem esfomeia. Sou eu, porque sou de Deus e só quem recebe esse título tem o cajado da verdade, a luz do real. Exu o abraça como filho, no entanto, seu coração e sua dignidade têm de estar limpos para isso. Não se torna meu filho apenas quem deseja. Torna-se meu filho quem aprende a flutuar pela lama, a rastejar pelo lodo, sem uma gota de sujeira qualquer ao término de tudo. E não se alegre em pensar que já se pode enxergar o fim. O fim não existe. O fim é apenas um atalho à próxima fase. E lá estarei eu. Exu, com sua capa, o receberá e o protegerá assim que ler em seu coração tudo o que não se pode corromper. Tome fôlego e engula seu ego, pois eu chego com Xangô e com Ogum, trazendo as leis, a justiça, o merecimento dos dignos, os troféus dos puros e a recompensa dos justos.

A evolução não carece de uma correção imediata. Nossas medidas não se emparelham com o tempo da Terra. A correção não é imediata, existe o tempo de digeri-la, para que haja o senso de pensamento e de autoanálise; assim, não cobro uma retratação instantânea, porque isso impediria que o pecador tivesse sua consciência. O perdão e a retratação devem vir de dentro; quando não, sou obrigado a mostrar o certo, o errado — e confesso ser prazeroso fazê-lo —, mas descarto o sadismo, o prazer é de pôr a justiça no caminho correto e alimentar a esperança de que o infrator tenha a assimilação ideal. Na maioria das vezes, isso não acontece, e então sou obrigado a continuar provendo até que se transborde e aconteça o efeito devastador, quando o homem percebe o erro, toma o fel como amigo e lambe todos os cantos do pote que pus para ele sorver. Assim, um passo ao destino certo é dado, e rotineiramente os aprendizados vão aparecendo até que tudo esteja pronto.

Pedro está com 19 anos e ainda errará muito, e retornarei no momento ideal. Deixo um espaço curto de seis anos, época em que se formará na faculdade, ascenderá com um salário ótimo, porque o dom da inteligência lhe foi concedido. A comunicação lhe é plena, assim como a empatia. Terá o justo no profissional e plantará erros e mais erros por esse caminho. Sendo assim, nós o encontraremos aos 25 anos em seu apartamento junto com os demais enganos. Enquanto isso, nossa atenção vai se voltar a outro relato e vamos regressar dois séculos,

para onde e quando tudo começou. Para onde e quando exu estava em vidas terrenas e Pedro assinava outro nome.



1920 foi um ano determinante para ambos, foi o momento crucial de nossa separação, de nossa despedida, e o marco que selou o retorno. Nascemos de mesma mãe, na pobreza do Rio de Janeiro, perto dos morros cariocas, onde o lixo prevalecia e a moral praticamente inexistia. Contava minha mãe ter parido em decorrência de dois estupros. Não tínhamos certeza do que se tratava, e seria melhor que jamais soubéssemos, pois o ódio se apoderou de nossos corações quando tivemos ciência do relato. Quatro anos nos separavam, e ainda posso sentir o cheiro do café com urina de quando eu ninava meu irmão enquanto minha mãe saía para mendigar algo pelas ruas do Centro, em 1896. Foram nessas horas mais avançadas da noite que alguns nobres confundiram fome com devassidão anos antes. Dizia minha mãe que costumava ter um brilho doce no olhar e que isso lhe foi arrancado aos 15 e aos 19. Disse que meus avós eram de Minas. Que minha avó morrera de tuberculose e que meu avô teria feito o mesmo com a filha não fosse o tio. Nossa mãe aproveitou a briga e correu muito, até encontrar uma carruagem e seguir para o Rio de Janeiro. Lá conheceu a praia, a fome e a dor. Embrenhou-se na casa de uma baiana que perdera a filha cedo e a abraçava como tal. Começaram uma luta juntas. Ela trabalhava na casa de um comerciante, que logo aceitou a filha postiça e, também, em uma tarde, tentou uma investida contra a menina. Ela se desvencilhou urrando, e a baiana veio em sua defesa, cravando um facão imenso no peito do velho, que morreu. Nossa mãe sumiu e não viu o linchamento da baiana. A garota tinha a certeza de

que a morte estaria em seu encalço e de que provavelmente seriam sua sina o abuso e a violência.

A duras penas e com uma serenidade assombrosa, decidiu que ninguém mais morreria ou mataria por sua causa. Não conseguiria pagar o aluguel do barraco e saiu com duas mudas de roupa para as ruas da capital. O calor e o cheiro de merda com maresia a acompanhavam predominantemente. Mendigava com outras duas mais velhas e vez ou outra conseguia algum pão ou algum queijo. Por sorte, tinha vinho nas noites mais quentes; nas demais, passava a seco. Foi acolhida por prostitutas, que a defendiam como filha e que viviam negando aos clientes um preço maior pela virgindade dela. Em uma noite de outono, elas não estavam lá, e um velho nobre, sedento pelo cheiro forte que vinha de uma semana sem banho, arrancou-lhe o vestido e o pudor.

Fui concebido na esquina da Rua de Mata-Cavalos, pelo sangue nobre, que morreu assim que nasci em uma tarde de dezembro. Rompia ao mundo com o ódio eterno. Toda a miséria que cercava minha mãe e não a concebia me fora passada como espólio, e eu a abraçava como o único legado que poderia ter. Minha mãe, aos 16 anos, sorria para mim, enquanto cantava e dizia que nenhum mal poderia me acontecer, porque todas as mortes haviam se consumido em nossas vidas, pois assumia seu destino e se deixara vítima. Dali para frente, tudo seria diferente. Ela estava enganada.

O sol batia forte em meus olhos. Ainda consigo sentir aquele calor nas tardes de verão, enquanto ouvia os mimos das prostitutas comigo, dando-me bonecos de sabugo e algum brinquedo pela metade. Ainda me lembro dos agradecimentos de minha mãe, que teimava crer em um Deus, e dava graças a Ele por ter pão, diariamente, pelas mãos agraciadas de duas velhas católicas, que teimavam em crer em nossa salvação, e saíam da recém-inaugurada Confeitaria Colombo e nos deixavam sabores que nunca poderíamos provar. Minha mãe fixou

ponto na Rua Gonçalves Dias, e estávamos no céu. Eram mimos demais, e conseguíamos dividir até com as prostitutas que nos cercavam. Éramos uma família, e minha mãe talvez estivesse recuperando o brilho nos olhos. Até uma noite de inverno, quando um dos guardas que faziam a ronda percebeu mais do que uma mãe ali e a interpelou com violência. Talvez fosse Deus testando sua fé, e minha mãe, temendo outras mortes, principalmente a minha, não esboçou reação, rezou a Deus para que algo acontecesse, em vão. Percebeu que o estupro era iminente e amenizou-o sem resistência, transformando-o apenas em abuso. Ela se calou, ele cumpriu seu papel, levantou-se, ajeitou-se e saiu. A menina levantou-se e correu para onde eu estava. Encontrou-me em um sono profundo, com todas as esperanças intactas. Ela agradeceu e sabia que estava acabado.

Não estava. Dias depois, ele reapareceu, pensando ser o alvo ideal. E mais uma vez, comigo ali, ele a interpelou e a currou com força, enquanto ela me segurava nos braços. Não me lembro de sentir o peso dele em minhas costas, mas dizia minha mãe que ele estava se levantando, quando as prostitutas chegaram e o deitaram na morte, com pancadas de paus na cabeça. Minha mãe estava ainda zozna, e tivemos de fixar residência em outro local. Perderíamos certamente o pão diário, mas precisaríamos ganhar vida. Meu irmão foi concebido sob a morte, sob o abuso, sob a tristeza. E o olhar doce de minha mãe ficou ali para sempre.

Pedro nasceria em uma manhã difícil e chuvosa. Ainda me lembro dos fortes raios que iluminavam o semblante sofrido de minha mãe. Pedro teve essa habilidade de nascer e matar indiretamente os sonhos dela. Era comum ficarmos em uma esquina da Lapa enquanto ela tentava trazer algo para o fim do dia. Geralmente era tarde, e dormíamos; tempos depois, ela aparecia suja, em um semblante apático,

pedindo que acordássemos e que comêssemos o que viesse, e devorávamos sem cerimônias.

1903 fora o ano da possível redenção. Um convento nos acolhia, e nós três seguimos para lá. Mamãe trabalharia como faxineira, e nós teríamos a educação necessária, além de aprendermos o ofício das madeiras. Diziam as freiras ser uma nobre arte, porque Jesus Cristo teria destreza na carpintaria. Eu sorria, aceitando tudo, pois, ainda que as farpas entrassem vez ou outra em minhas mãos, eu tinha cama limpa e teto. As estrelas agora não nos faziam tanta companhia e não nos assustavam mais. Podíamos ficar olhando para elas e as escondíamos quando nos cansassem, muito diferente de meses atrás. Eu estava com 11, e minha infância ainda estava ali, já os 7 anos de Pedro pareciam ter matado qualquer inocência em seu olhar. O ódio lhe era latente desde que descobrira o que era estupro e como nascera. Ele fazia questão de me lembrar sempre do fato, e não raro as discussões sobre justiça com a mãe acabavam com nossos encontros, nossas leituras da Bíblia, e ela o mandava para a cama, exigindo que se retratasse, pois a salvação do homem estava no perdão. Mas ele não o tinha em sua alma.

Pedro me corrompia sempre com juras de vingança, mesmo sabendo que seu pai estava morto. Ainda assim, ele babava raiva e tentava aliciar-me, fazendo perguntas sobre a Justiça de Deus. Questionando-O a todo instante. E confesso que muitas vezes não discordava dele. O ódio é um sentimento contagioso e de fácil impregnação quando se comunga de histórias similares. Quando perdíamos o sono, ele sempre aparecia com algum plano mirabolante para trazer a doçura de volta à minha mãe, que dificilmente sorria e era muito enérgica em nossa formação. Não era incomum que ela aplicasse algumas palmadas mais assertivas nele. Eu não entendia aquilo. Soube, anos depois, que não era em Pedro que ela batia, mas nos acontecimentos que teimavam em não sair da boca do

caçula. Reprimindo-o com veemência, certamente ela tentava afastar aquela brutalidade de anos passados.

Talvez o momento crucial de seu ódio tenha vindo na Páscoa de 1907, quando descobriu, pela liturgia da missa de domingo, que Deus entregara o Filho à morte. Sua reação fora natural e imediata: pegou a Bíblia da mãe e a queimou sem remorsos. Uma ponte de silêncio entre ambos se deu até o fim, quando, em 1918, a gripe espanhola levaria mamãe sem dó. Pedro não poderia se despedir. Já estaria nas ruas, vivendo de pequenos furtos. Não só ele, era comum que eu o acompanhasse, porque gostava da noite. Das fugas e da adrenalina dos assaltos. Deixei-me influenciar pelas teorias de igualdade, e tirávamos o suficiente para ambos. Os nobres continuavam a se prover diariamente e acabavam nos provendo indiretamente. Até sua morte, mamãe continuou no convento. Vez ou outra eu apareci para uma visita. Levei um doce ou um xale, e ela creu que vinha de dinheiro honesto. Aquele olhar triste e o “cuide-se e fique de olho em seu irmão” sempre me delataram a verdade. Ela sabia e morreria sabendo. E assim o fez.

Em 1920, nossa fama começou a correr as ruas do Rio, porque sempre assaltávamos nos mesmos moldes e os mesmos tipos: nobres. Geralmente, Pedro os interpelava com violência, surgindo do nada com um murro visceral, e limpava o que tinha de ser limpo. Vivíamos bem. E eu ignorava a brutalidade de meu irmão, pois me era útil e conveniente. Andávamos sempre juntos. Com o dinheiro farto, conseguimos alugar um barraco no morro e passávamos o dia ali, bebendo bem, comendo bem e tramando outros assaltos.

Foram anos e anos assim. Até que, certa noite, fosse pelo motivo que fosse, não saí, e meu irmão voltou com sangue nas calças, na camisa e nos punhos. Em um sobressalto, perguntei se estava tudo bem. Ele tinha aquele olhar frio e me respondeu com uma exatidão quase forçada. Não havia emoção. Havia nada em sua afirmação. Apenas o óbvio: alguém

fora ferido que não ele. Trouxera nada e apenas dizia que a morte de mamãe o deixava mais à vontade para determinadas coisas.

Tornou-se comum ele sumir todas as noites logo depois dos assaltos. Eu voltava sozinho, e ele dizia que precisava andar, que precisava de ar, e voltava sempre com aquela expressão mais animalesca. Normalmente, no começo da manhã. Outras vezes, no meio da tarde. O terror começou a me assaltar de modo avassalador. Comungava dos assaltos porque me fazia bem imaginar o agressor de minha mãe sendo agredido, sendo roubado. Confesso, bebia disso e me fartava do ódio que meu irmão tinha por tudo e por todos. Dificilmente ele sorria, estava sempre com aquele olhar fixo e obcecado. Era comum que passasse horas sem nada dizer. Fixava o olhar no nada, sentado na cama e, de repente, pulava dela e saía às ruas, voltando com a expressão monstruosa.

O que era desconfiança se tornou verdade, constatação. Quando boatos de que havia um estuprador pelo centro da capital apareceram às minhas vistas, não foi necessário checar se Pedro sabia. Não apenas sabia, ele era o protagonista. Era ele quem paria o terror. Era ele quem tomava o que tomaram de nossa mãe anos atrás. Lembro-me de que cheguei a ele em uma tarde e perguntei se aquilo realmente o deixava melhor. Limpando os punhos, me falou que a vida deveria seguir seu rumo a cada um de nós. Que eu continuasse a contar os lucros, e que ele saberia o momento ideal para declarar fim a tudo. Aprendi com a minha mãe que julgar o próximo era perigoso, que cada um deveria ter a sua atitude e se responsabilizar por tudo. Que a vida daria o justo fim ao infrator, ao pecador e ao digno. Naquele instante, vi que pouco havia de honraria em minhas atitudes. Que vagava roubando, que comungava e abençoava as ações errôneas de Pedro, mas que os estupros não me desciam. Cada vez que imaginava o caçula em ação, era como se minha mãe lá estivesse. E por que não pensar o mesmo dele? Talvez tentasse

matá-la, matar a sua consciência. Enterrar as surras, aniquilar as correções até que pudesse perdoá-la, até que pudesse perdoar-se.

Relembrei nossas vidas naqueles últimos cinco anos e não vi coisa boa. Sabia que, em algum momento, seria a vez de a vida revidar e, pelo que mamãe dizia, ela revidaria com tanta força, com toda a justiça possível, e não seríamos páreo a isso. Foi o exato momento em que minha cabeça se iluminou e decidi largar tudo. Bastava de violência. Bastava de dor. Não caminharia jamais pela escuridão das trevas ou pelas sombras da vergonha. Tinha, naquele exato momento, a consciência de assumir o que a vida pudesse me mandar, e outra função, ainda mais difícil: resgatar meu irmão, cuja fúria era insaciável.

Fiquei a tarde toda com minhas culpas e rezei. Rezei como nunca mais tinha rezado e retomei os anos no convento. Pedi perdão aos prantos e deixei-me alvo do justo. Que meus pecados fossem sanados do modo correto. Só me dei conta de que a noite chegava quando a porta se abriu. Era Pedro. Trocara de camisa e sairia em seguida. À primeira vista, pensei em pará-lo. Não conseguiria. Teria de voltar a ele o que sempre dávamos às nossas vítimas: a surpresa. Esperei alguns minutos e saí em seu encalço. Consegui manter uma boa distância, ele andava quase correndo e seguia pelas ruas desertas do Centro. Parou na esquina da Gonçalves Dias, onde mamãe dizia que costumava ficar e onde parte de minha origem se fincava. Ele estava de soslaio, esperando algo, certamente esperando alguém.

Um pequeno movimento se deu na saída da Confeitaria Colombo. Um grupo de mulheres saiu, e Pedro não titubeou, seguiu no encalço delas. Parecia saber que, em algum momento, a oportunidade se revelaria. Segui-o como pude. Tinha de fazê-lo sem exposição, mas a surpresa me camuflava, e não precisei de tanto cuidado. Esquinas depois, o grupo se separou, e uma delas ficou sozinha. Sabia que seria o momento. Ela estava revirando a bolsa, talvez para abrir a porta do

prédio, e ele se aproximou lentamente, deixando que ela o notasse. Alguns metros atrás, escondido, esperei que tudo chegasse ao ponto crucial. Ela se assustou com o caminhar sorrateiro de Pedro, com a boina escondendo metade de seu rosto; cumprimentando-a com um “boa-noite” nada convincente, ele a atacou. Saí em disparada e vi que tomava um maço de dinheiro e punha no bolso. Aos berros, ela tentava se livrar de sua brutalidade, mas Pedro era forte o suficiente para guardar o roubo e travá-la no chão, sufocando-a. Não tive dúvidas: pulei em cima dele, jogando-o ao lado. Ele se levantou em um pulo, sem saber quem estava ali. A moça, em uma agilidade fantástica — o pavor faz isso com as pessoas —, correu berrando, e os olhos dele se arregalaram quando me viram. Pedi que baixasse a navalha e que fôssemos embora.

Pedro bufava contrariado e, desesperado, repetidamente ameaçava me atacar. Lembrando-o de que eu era seu irmão, eu lhe pedia que tudo acabasse ali. Que ele deixasse aquilo de lado e que sumíssemos. Ele tentou me atacar de novo, eu me afastei, e foi quando percebi uma dezena de homens virando a esquina, a poucos metros de nós. Mandei que ele corresse, e ele correu, saímos em disparada, mas não iríamos longe, porque outros dois apareceram em nosso caminho, atrasando a fuga. Conseguimos colocá-los no chão, o que, no entanto, só fez com que ficássemos à mostra dos demais. Fui jogado para o lado como um saco de batatas, enquanto outro grupo punha Pedro no chão. Não tive tempo de avisar. Fui socado por murros e chutes de todos os lados. Rosto, costelas, e logo estava no chão também, com gosto de sangue na garganta. Senti os dentes partirem e as agressões prosseguirem de modo avassalador.

Sim. Sabia que havia chegado o meu castigo, não sentia mais as dores intensas em meu corpo. A cabeça balançava e talvez recebesse a mesma surra visceral que via Pedro tomar. Vi seu corpo ser esmagado com paus e chutes. O silêncio apareceu entre nós. Ele estava imóvel,

com a cabeça perto de uma poça, e seu olhar, o mesmo olhar de obsessão e desvario, estava ali. Os impactos em mim não paravam; com a mesma voracidade com que meu irmão era atacado, eu também assumia a culpa. Merecíamos tudo. Era a vida, a tão temida vida, a mesma que minha mãe avisara que viria avassaladora. E veio. Cobrava nossas atitudes, e eu estava pronto a receber, abraçava o castigo, a cobrança, a correção. Pedro talvez preferisse os tapas de minha mãe ao espancamento dos cinco ali. E não paravam e não parariam. Os cinco anos de erros apareciam finalmente com a força ideal.

Dez minutos depois, tudo se calou, tudo esmoreceu. Eles saíram cansados e nos deixaram irreconhecíveis. Meus olhos se fecharam, e mal pude ver o rosto desfigurado de Pedro. Não sentia mais dor alguma, estava em um torpor etéreo. Não tive forças para chorar porque meu irmão não respirava. Não tive forças para reagir ou pensar. Nem teria. Naquela noite, éramos apenas corpos. Corpos sem vida. A morte nos atacava e nos escolhia. Morríamos com os pecados nas costas, e não havia, naquele momento, nada mais a ser feito. Deus não apareceu para chorar nossa morte, muito menos nossa mãe. Pude apenas perceber os rostos de todos que cruzaram nossos caminhos e todo o mal que deixamos neste mundo. Começaria uma outra fase de nossas vidas.

Era 1920, e cada um seguiria seu destino. Mas isto já é uma outra história.



Eis o momento exato de nossos destinos. Morriam dois pecadores sem o tempo ideal para que todas as faltas, todas as falhas fossem aceitas e corrigidas. E vagamos nas trevas, cada um com sua sombra e seus débitos. Fiquei entregue às dores, absorto em um mundo negro, sem vida, vagando sem rumo em um frio intenso e uma perturbação

angustiante. Minha alma queimava, meu peito sangrava e meu coração, justamente quando acordara, calava-se para que pudesse ser regenerado, e eis que fui sugado, resgatado para o meu aprendizado, a minha purificação.

Não os reconheci, nem os reconheceria naquele mundo cinzento, naquela faixa de baixa vibração. Eram os outros exus que me davam a mão, e eu, temendo cada olhar firme e rubro que vinha de seu julgamento, sabia que não teria outra escolha. Rendi-me porque minha intuição berrou alto e pude confiar em seus gestos de uma forma que jamais provei em vida. Entreguei-me aos anos que viriam, absorvendo as leis de Deus, sufocando a ganância e os mil erros que jaziam em meus ombros e que, em um último suspiro, exasperaram como o faria quem abraça a justiça com o peso devido a cada pecado plantado em vida. Estrangulei meu ego com as mãos ao saber que é ele um dos principais inimigos da evolução terrena. Tudo começa pelo ego: a maldade, a ganância, o poder. O ego é a ramificação da podridão, e eu estava tomado por todas as raízes possíveis, pisadas por milhões de desenganados e cegos, cuspidas por inúmeros obsessores, que roubam a energia de descrentes, fracos e egoístas.

Levantei-me, limpei-me da terra pútrida e me vi exu, senhor dos mundos, dono das faixas mais baixas da vida, digno e poderoso sob as bênçãos de Deus. Com o cajado da verdade, o chicote da justiça e a clareza do digno. Eis-me aqui. Sou aquele que pede sua reverência, sou aquele que exige sua obediência, sou aquele que condena suas atitudes indignas. Sou aquele que cobra suas falhas, aponta seus pecados e surra seu ego com o brilho da humildade, porque provei a podridão dos homens, a domino e a conheço como ninguém, sei todas as máscaras com que ela se esconde e todas se rendem ao meu olhar, ao meu poder e à minha presença. Sou exu, e nada fica de pé depois de mim.

Por todos os lados, conheço a história de Pedro, que ficou a vagar por anos e anos, em uma esquina fria e escura, clamando uma justiça manca, urrando pelas forças que lhe foram tiradas e pela sudez que ele decidiu vestir em vida. Fechou-se em seu casulo de dor e de fetidez e viveu como um obsessor por anos e anos, praguejando a existência alheia e pregando suas verdades e suas mentiras como leis indissolúveis e únicas. Quiumbas^[4] não o respeitavam, e todos os demônios cuspiam em suas pegadas e o anunciavam como a encarnação da violência e do ódio. Vagou por anos em seu próprio inferno e, depois de quase uma eternidade, foi resgatado e, meio século depois, ganhou uma chance de recomeçar. E se viu com seus pecados e falhas, sob a misericórdia de Deus, sob meus cuidados e açoites, minhas correções e armadilhas. Tudo recomeça com um sopro dos céus. Tudo recomeça com a Vontade Divina, e que recomeça com a devida força e os ajustes necessários. Sou exu e não peço permissão para entrar, porque, em seu mundo, em sua faixa cinzenta e em sua vibração baixa, quem manda sou eu.

Poucas são as diferenças morais de uma época e de uma nação. Pouca coisa mudou de 1920 até a época atual, 75 anos depois. Eis-me aqui na esquina, em uma noite de 1995, quando Pedro, aos 25 anos, volta em seu carro novo, com um belo relógio no punho e outros dois guardados no belo apartamento, com a promissora carreira de analista financeiro em alta e a empatia de uma empresa toda. A mente rápida para números, o gosto pelo dinheiro e a fraqueza para mulheres lhe eram latentes. Sua virilidade com o sexo e sua habilidade em triplicar valores faziam de seus dias uma eterna batalha contra a realidade da maioria das pessoas pelo mundo. Era capaz de manter três ou quatro meninas com o carinho que nenhuma delas jamais teria de nenhum marido dedicado, que as recheasse com presentes, mimos e orgasmos em quantias realmente exacerbadas. Sabia o limite entre o compromisso e a indiferença, o encanto e a paixão, o respeito e a insanidade. Trazia a habilidade de reverter situações, assuntos e responsabilidades. Era jovem, era rico e não tinha pretensões de mudar essa vida nem exibia intenções de evolução. A natureza não seria sua aliada para tal, precisava de um incentivo externo para uma reação, e tudo caía em minhas mãos para conseguir guiá-lo de forma justa e necessária. Tinha o pecado como companhia fosse onde fosse, estivesse com quem estivesse. Tinha o dom do autorrespeito e não o estendia aos demais. Desdenhava do azar e cria apenas em uma taxa de lucros justa. Seu talento e sua ambição eram um convite a tudo.

Foi em uma dessas festas badaladas que soube de uma boa fonte de negócios. Celulares. A tecnologia sempre fora uma aliada para dois caminhos: por ela mediam-se o caráter de uma pessoa e sua ambição, perdia apenas para o dinheiro em si. Gutierrez Padilha era amigo de um dos sócios da empresa onde Pedro trabalhava e queria uma indicação para investimentos, e o sócio indicou Pedro, exímio com as cifras. Na noite seguinte, estavam os dois na mesa de um restaurante francês, com duas garrafas de champanhe que poucos saberiam pronunciar. E foi na mesa que o assunto foi exposto. Gutierrez detalhou a Pedro que ele, Gutierrez Padilha, e um primo de segundo grau, Rafael Rodriguez, contrabandeavam aparelhos japoneses e americanos e que, às sextas-feiras, saíam do escritório alguns dólares camuflados. Geralmente, faziam o depósito em sua metade. Naquele mês, tudo havia saído do normal e dos comuns 500 mil ou 1 milhão de dólares, e havia a certeza de que 10 milhões estariam no carro na próxima sexta-feira.

A ganância se insinua ao ganancioso como a água ao sedento. Ao tomar conhecimento disso, Gutierrez convocou um de seus seguranças, que também chefiava o esquema no local onde o lucro do contrabando era recolhido, e propôs um plano. O homem atendia por Mendes, era marido da copeira de Gutierrez e cunhado da mulher com quem este mantinha um caso enquanto a esposa estava ocupada com outros afazeres, e que também era sua empregada. Gutierrez decidiu comprar o silêncio dos três e sabia que o máximo que teria seria um não. No entanto, a doença do filho do casal e o tratamento caro que os fazia trabalhar dobrado seriam um alibi muito forte. Gutierrez sentou-se com os três e, feito isso, dias depois, revelou a Pedro, entre champanhes e demais iguarias, o teor do plano. Bastavam 10% ao analista, e tudo estaria pronto.

— Preste atenção, Pedro, sempre há duas sacolas. A mais gorda fica no porta-malas, e a outra, para despistar, junto ao motorista. O irmão

da copeira, cunhado do Mendes, topou abordar o carro, roubar as sacolas e trazê-las a mim. E toparam receber e dividir 30% aos quatro. Seus 10%, sobrando 60% para investir em meu futuro.

— Posso fazer uma pergunta, como curiosidade, senhor Gutierrez? Cinco milhões já não seriam suficientes? Todo esse esquema para lucrar apenas 1 milhão? Isso vale a pena?

— Pedro... — deu um longo gole no champanhe. — Isso se chama poder, e um dia talvez você entenda que o poder vale muito mais que 1 milhão de dólares.

E foi com essa frase que Pedro saiu daquele restaurante. Um prato cheio e uma demanda irrecusável. Não pôde crer que teria, em cinco dias, 1 milhão de dólares, o que garantiria sua independência financeira. Foi dormir com os números na cabeça, mas não eram apenas eles que povoavam a sua mente. O poder começou a corrompê-lo. Flertar com o dinheiro parecia não ser apenas seu esporte. Descreveu, mais uma vez, muito bem, o pouco atraente Padilha, que tinha a empregada como amante, óbvio, por interesses de ambos — ele pelo poder, ela pelo dinheiro —, e sua mente começou a desenhar uma outra realidade. Ficou com o cartão de Gutierrez e telefonou para a casa do homem. A empregada atendeu, e ele conseguiu o endereço de lá. Calculou e teve sorte nisso.

No horário de saída da mulher, fingiu ter o carro quebrado. O terno, o perfume e a simpatia, além da boa educação, chamaram a atenção da moça, que não soube indicar onde haveria uma oficina, mas que, em um bate-papo de meia hora, se deixou encantar pela lábia do analista financeiro. Ela era linda, e ele se sentiu desafiado. O desafio de conquistá-la fora sua perdição, e decidiu atolar-se ainda mais na lama da ganância e da baixeza, e me doíam as formas como ele facilitava que eu agisse. Pedro soube causar uma impressão invejável, e foram a um bar, onde ele revelou que sabia do plano de ambos e que seria ele a fonte

de renda dos menos favorecidos. Ela hesitou, mas, quando ele pousou a mão na sua, tudo ficou muito melhor. Ele revelou detalhes do plano e não tinha outra comprovação de sua autenticidade. Inventou que Gutierrez lhe devia dinheiro e desejou vingança, inflamando-a contra tudo, contra a posição deles, contra o abuso e o risco e a baixa margem de lucro.

Pedro sabia seduzir como ninguém, e foi entre uma lábia e outra que ele foi sincero com ela, perguntando-lhe de quanto precisava para evitar o suor medonho do chefe baixinho e ganhar o mundo. A moça sorriu e mostrou-se uma presa fácil. Ele conseguiu, porque eu quis que conseguisse. Não demorou para que fossem ao motel para a arte do amor e do sexo, que, quando juntos, parariam guerras e causariam outras. A moça ficou encantada, ganhou mimos que jamais pensou ganhar, incluindo uma carona até a extremidade da cidade. Ela não demoraria a aceitar e aceitou.

No dia seguinte, ela mesma marcou um encontro com o segurança e a copeira, que também não titubearam em aceitar entregar a Gutierrez a sacola de menor valor, alegando que só havia aquela ali e nada mais. Pedro sugeriu que dividissem o restante, tudo pela cura do filho do casal. Existem certas coisas no mundo que deixariam qualquer exu ensandecido. Roubo e falta de caráter estariam entre elas, no entanto usar a doença de uma criança é mais baixo e vil que tirar-lhe a vida. Havia um plano e tanto nas mãos do grupo. De repente, eram eles contra Gutierrez Padilha, que fumava seu cachimbo despretensiosamente e achou curioso a empregada sumir no restante da semana, justamente quando ele mais estava excitado com tudo. Como ajudar o menino que estava morrendo? Como punir os pais que pensavam em sua cura? Quem se daria bem? Quem se daria mal?

Eis-me aqui, pedindo a obediência de quem tem a dignidade de se curvar a mim. Eis-me aqui com a justiça nas mãos e muitas vidas em

jogo. Havia Rafael Rodriguez, que seria enganado, mas que mereceria a punição. Havia Gutierrez Padilha, que desejava roubar quem merecia uma correção. Havia dois pais desesperados, mas gananciosos demais para salvar o filho. Havia uma mulher imbecil, que se vendia por trocados, e havia Pedro, que manipulava todos com a inteligência peculiar de outros trambiques. Sou eu quem decide quando, como e por quê. Naquela sexta-feira, tudo estava perfeito. O carro deixou a garagem pontualmente às 14 horas, e logo o cunhado de Mendes apareceu em uma moto perseguindo o motorista, que não chegaria ao seu destino.

Em um determinado ponto, às margens do rio Pinheiros, o motoqueiro fechou-lhe a frente, estacionou e conseguiu abordá-lo. Com uma arma em riste, pediu a sacola. Mendes e a copeira o acompanhavam de longe, em um caminhão-baú, e pararam logo atrás do carro, enquanto Pedro e a empregada esperavam a alguns quilômetros dali. Aos berros, o motoqueiro pediu a sacola mais uma vez, e não completaria a terceira, o motorista concordou em passar, mas rapidamente sacou uma arma e fez dois disparos. O motoqueiro caiu morto sob as bênçãos de Omulu.

Em desespero entre a saúde do filho e a descoberta da farsa, Mendes acelerou sobre o carro, que passou por cima da moto e acelerou, desencadeando uma perseguição feroz. O motorista o reconheceu quando o caminhão-baú emparelhou com ele, e não havia outra coisa a ser feita. Sob os berros da copeira, Mendes jogava bruscamente o caminhão contra o carro uma, duas, três vezes e, na quarta tentativa, e em uma força descomunal, empurrou-o com tanta violência que ambos despencaram rio abaixo. Morriam mais três, no entanto, não havia os 10 milhões ali, que saíam do escritório com Rafael Rodriguez naquele exato momento.

Não demorou para Pedro e a empregada descobrirem que tudo fora um fracasso. Também não demorou para a moça entender que o analista não queria mais nada com ela. Como também não demorou para Gutierrez Padilha lucrar seus 5 milhões e saber das intenções de Pedro, confessadas por uma dama com o coração em frangalhos. O menino certamente morreria sem o tratamento e órfão, mas a avó entendera que os números que eu a fiz sonhar seriam mágicos para uma bela quina na loteria.

Em uma tarde de segunda-feira, semanas depois, Pedro fora surpreendido pela resolução de tudo. Óbvio que sabia quem o delatara. E seu chefe fora benevolente em não o denunciar por envolvimento com contrabandos. Acabaram fazendo um acordo: o homem aceitou sua carta de demissão, e tudo estava resolvido. Pedro Augusto Neto estava sem nada, sem dinheiro, sem economias e finalmente pronto para beijar a lama e esquecer toda a sujeira com que se envolvera. Tirei com orgulho tudo o que lhe podia tirar. E punha a vida agora às claras a Pedro, que não sabia o que fazer e certamente precisaria de um tempo para começar ou recomeçar. Claro que outros testes deveriam vir; se ele falhasse ou se tivesse êxito, não importaria, o que realmente importava é que, independentemente disso, sou eu quem decide quando e como.

Eis-me aqui, e peço a obediência dos dignos. Tome minha mão em reverência, e lhe concedo a justiça. Cuspa nos aprendizados e sua carga será aumentada. Sou eu quem decide tudo.

Tudo o que se vê pelo mundo possui duas frentes, duas energias. Não há uma existência sequer com apenas uma via de acesso ou de saída. Nem sempre o bem só causa bem, e nem sempre o mal só causa mal. Deus põe em nossos caminhos sempre uma bifurcação em tudo o que se nos oferece. Nossos aprendizados se dão em cada um desses prazeres, em cada um desses reveses. Não há um tom sequer em cada peça deste mundo. Assim como as pessoas, tudo traz muito mais a ser explorado. Aprendemos com isso, desenvolvemo-nos com isso e, por que não, nos perdemos com isso. O inferno caminha com o paraíso de mãos dadas, cada um em nossos ombros, em nossas consciências, e invertem os lados sempre para nos testar, sempre para retificar erros ou ratificar teorias. E o mundo por vezes crê que as perdições estão nas futilidades da vida, e não estão. As perdições estão na ausência do essencial: o bem. É a falta dele que traz a ganância. É na falta dele que vem o egoísmo. É na falta dele que surge o poder. Todas as perdições do mundo surgem quando somem o bem e toda a semântica que vem com ele. Em uma linha lógica, só se pode enxergar bom senso, justiça, correção, dignidade e honrarias em consequência do bem. Com ele, todas as perdições e vícios deste mundo perdem seu valor, seu sentido, sua força. Um coração sem o bem é o ímã a todos os desenganos desta vida. E não seria mais fácil enxergar o simples? Onde existe o simples, tudo fica mais natural. É natural ao homem amar. É natural ao homem agir com tudo o que vem consigo em estado puro. Aprendi com os exus que tudo o que tem forma, tudo o que se enxerga, tudo o que se vê, tudo o

que está somente ao alcance dos olhos é a perdição do mundo. Há que se ter cuidado para entrar no lodo e conseguir se limpar sem corromper a ética e o coração. E não requer muito esforço formar pares com as perdições do mundo. Onde se veem a ganância e o poder, veem-se ouro, dinheiro, vestimentas, vê-se tudo o que se pode pôr em formas, em um papel. Onde se vê egoísmo, vê-se a si próprio com as perdições. Onde se vê o ciúme, vê-se o outro para si, como matéria, como posse. Onde se vê o mal, vê-se o outro sem nada. São as perdições do mundo em excesso. Aprendi com os exus também que as perdições servem ainda como cura. Onde se vê o bem, vê-se o outro com ouro, dinheiro, vestimentas. Onde se vê amor-próprio, vê-se o outro com dignidade. Onde se vê justiça, vê-se igualdade, vê-se merecimento. Aprendi com os exus que amar-se não é egoísmo, é produzir amor para se doar. Aprendi com os exus que dividir é também receber. Aprendi com os exus que o bem é um caminho também de duas vias, mas duas vias de mesma mão. Assim como o mal. A diferença é que o bem que vai e o bem que vem serão sempre iguais. No entanto, quando é o mal lançado, o bem volta em forma de lição. Porém, os olhos do egoísta não enxergam o bem ali camuflado. O bem sempre será bem, mas o mal o será a quem nunca souber entender a lógica das leis divinas. Aprendi com os exus a pegar as perdições do mundo e a dar uma roupagem útil e ideal. Quando se divide o ouro, quando se repartem vestimentas, deixam de existir o poder, a ganância, o egoísmo, a maldade, porque o bem prevalece. Como se fosse ele a luz, e os enganos, as sombras. Em uma lógica, a ausência de luz traz as sombras, elas não podem existir por si. Ponha luz, e seu caminho estará seguro. Ponha luz, e seu bem prevalecerá. Ponha luz, e sua dignidade se fará. Ponha luz, e sua justiça predominará, porque todas as coisas que vêm com o bem alcançam as esquinas e os cantos mais obscuros. Não se pode negar a existência das tentações ou das perdições, não se dá um valor a quem não se corrompeu por nunca

ter tido com elas. O valor está justamente em quem se banhou delas, as sorveu e não se corrompeu. Não existe merecimento sem enfrentamento, não se ganha sem luta, não se cresce sem dor. E não existem distinções entre os que jamais se corromperam dos que um dia se perderam e agora as renegam. A pureza dos sentimentos, a dignidade das ações e a justiça dos fatos não distinguem caminhadas, senão igualam resultados. Aprendi com os exus que somente os exus se diplomam na escuridão e nunca mais farão uso delas. Eis-me aqui. Sou eu quem decide quando e como. Tudo o que se aprende nesta vida provém de dor ou de um enfrentamento infortúnio. Não são raras as vezes em que o homem consegue absorver o justo sem uma batalha ou um trauma definitivo. Levem o tempo que levar, as oportunidades servem como testes. Coloca-se a armadilha. A ação é que determina se o que virá será para retificar ou para ratificar. Quando a imunidade é desenvolvida, basta apenas um teste, e comprova-se que o valor foi sorvido e está à mostra. Quando não, a evolução funciona como degraus de dificuldade, testa-se o grau dos desenganos com perdições cada vez mais tentadoras. Quanto maior ela for, pior será o trauma. Se houver consciência da dor, ela não voltará. Se não, a maçã virá ainda maior e mais doce, deixando que o abocanhar seja iminente e a mordida alcance somente os próprios dentes ou a própria língua.

Pedro talvez tenha aprendido com isso tudo, ao menos na ganância. Vamos encontrá-lo, meses depois, se desfazendo dos relógios, dos eletrônicos, do carro e de grande parte dos lucros com as aplicações. E assim se deixou recluso. Sem dinheiro, sem mulheres, sem erros, sem enganos. Os dias de trevas, exatos três anos, foram os mais terríveis de sua vida. Nem o sumiço dos pais ou a covardia com Patrícia serviram para que suas dores mexessem em sua alma, então que o bolso sofra e que fique claro que a dor é o ensinamento mais eficaz que se pode ter. Depois de seis meses do evento, começou a buscar novos caminhos.

Consegui ler em seu coração uma determinação diferente. Se ainda não lhe enxergava o bem, o mal também estava longe. Fosse por falta de opção, fosse por falta de oportunidade. Talvez fosse o momento de testá-lo, mas de uma forma inusitada. Nos seus 25 anos, não se pôde ver crença alguma em seu caminho. As coisas da fé e das divindades eram raras em sua boca, quiçá em suas ações. Não cria em Deus e Ele não se carecia disso, não precisava de crentes, precisava do bem da humanidade. E a vida é um corredor interminável de portas e de oportunidades. Corro até uma e abro-a com a destreza que somente os exus teriam.

Sabrina de Alcântara Machado não tinha apenas um sobrenome imponente, tinha um patrimônio de bilhões, todo ligado ao pai, um empresário do ramo farmacêutico que ganhava seus milhões rezando para a doença da humanidade. Eis aqui uma via interessante: fazer riqueza com a desgraça alheia era o exemplo típico de quando se bate e quando se assopra. Remediar as doenças era diferente de saná-las para sempre. E a filha, única herdeira de tudo, nasceu com a mania de querer salvar o mundo. Dizia ela que as enfermidades não acabariam, porque todos os dias nasceriam enfermos, no entanto livrá-las para sempre dos males do corpo não era uma ideia com a qual o pai compactuava. Por motivos que agora não nos são importantes, ela vinha ao mundo com esse pesar e com a esperança de ser feliz. Com a esperança de amar, de ser amada, porque todas as outras preocupações da vida poderiam ser ignoradas — essas o pai garantia com cheques cruzados e à vista.

A garota cresceu em um mundo de arco-íris e unicórnios, tinha um quarto cor-de-rosa e viagens sempre que pudesse piscar os olhos. Não havia miséria que não tenha visto nem luxo que não tenha provado pelos quatro cantos do mundo. E, da mesma forma que se acha o lixo normal quando se cresce nele, cresceria ela no luxo, achando-o acessível e o lixo praticamente inexistente. Cria no bem, e isto lhe era diferente. Não havia pedintes que saíam infelizes, não havia desenganados que não sorriam aos seus olhos. No fundo, sabia que doava mais por culpa do que por gratidão.

Aprendi com os exus a repudiar os excessos e a nunca ser ingrato com o que tivesse. Fosse um, fosse um milhão. Aprender a lidar com o que se tem também é uma forma de gratidão. Seja a migalha, seja o pão. Sabrina repudiava muita coisa, mas a gratidão não lhe era sentimento desenvolvido. Rebelava-se contra o pai, contudo não se desprendia dele. Amava o próximo mais por conveniência do que pelos motivos naturais. Não era amor, era vingança. Saber dividir é mais do que a ação em si, é fazê-lo com consciência, é sentir na alma o prazer disso. E Sabrina repartia o repúdio, e não a gratidão ou o amor. Sim, faltava-lhe o amor-próprio. O asco que pensou desenvolver pelo pai não era lógico, mesmo porque o homem, com seus enganos e pecados, agia como agiria qualquer ser provido de dinheiro. Ia de vez em quando à igreja católica mais para agradar a esposa e amenizar sua ganância do que pela natureza do bem em si. Precisava entender a moça que a riqueza nem sempre é um defeito, justamente quando se julga errado a mão que a provê, contudo, banha-se com o que vem. Exus avistam de longe tamanha injustiça e sabem como fazer a correção com a sabedoria de quem conhece os caminhos.

Pela falta de amor-próprio, a ela foi dado José — sim, simplesmente José, como um zé-ninguém, daqueles obsessores encarnados com belas feições e intenções escusas. Eles também nos são úteis, servem de escada a quem quer evoluir e, se assim desejarem e entenderem, também tomam para si as quedas que a vida e os exus sabem criar e ofertar. Nasceu bem e amava o dinheiro mais que a si mesmo. Amaria Sabrina porque Sabrina trazia uma sacola de ouro, e a amaria como ninguém.

Foi assim que tudo se deu. Ele estendia a mão, e ela a preenchia com tudo que não fosse dela. Terceirizaria valores e daria um coração sem alma nem amor. Foi uma paixão arrebatadora de ambos. Ele queria ter seu estabelecimento, porque amava cafés e acabava a faculdade de

Administração com o apoio da avó. Sabrina poderia dar mil deles. E ambos se fecharam nisso. Fizeram planos e tinham um empresário que faria tudo para endossar o sorriso da filha, que pensou estar feliz finalmente e que começaria uma vida por si, ainda que com o pai em seu suporte. O namoro desandou em alegrias. Viajaram pela Europa, e o empresário entendeu o olhar ganancioso de José, e não tentou desfazê-lo. Percebeu que a queda seria o melhor professor.

Dois anos depois, casaram-se em uma cerimônia simples, em troca do belo apartamento e do estabelecimento, apenas no nome do marido, para que tudo fluísse como tinha de fluir. E fluiu. Em alguns meses, o local era um sucesso, José era um sucesso e sabia fazê-lo como ninguém. Carismático, envolto com tudo e com todas. Sim, a clientela feminina aprovava o local, o clima francês, o *espresso*, os bolos, os *macarons*, o seu charme, a sua disposição e as suas habilidades como amante. Um atraso aqui, uma escapada ali, um bilhete escondido, um número de telefone, pequenas desconfianças, e não tardou para que Sabrina o flagrasse dentro do próprio café, já tarde da noite, atrás do balcão com uma cliente assídua, que não cansava de fazer pedidos e mais pedidos, principalmente para a festa de batizado do primogênito. Seu coração se despedaçou em apenas seis meses de casamento. Não só se espantou com a cena como não creu que o marido não fizesse questão de explicar o inexplicável. Foram dias de sofrimento, e reconheceu no pai o apoio de que precisava. Pediu a ele que não se envolvesse, que ela saberia lidar com tudo. Ele a respeitou. Sabrina assinou o divórcio, José aceitou sem pestanejar, porque já tinha o que queria, e cada um seguiria com suas lições.

Ele voltou a ser ninguém um ano depois, quando um de seus desafetos — uma empresária de renome, que descobriu que não era a única — conseguiu que o fornecimento de queijo fosse estragado,

causando uma intoxicação alimentar sem precedentes na maioria dos clientes, entregando de volta ao dono um aprendizado eficaz.

A secretária do pai, vendo Sabrina na escuridão, apresentou-lhe a Umbanda, coincidentemente, em uma gira de ciganos, com mamãe Oxum^[5] abrindo e abençoando os trabalhos. A garota não só virou uma consulente, como adotou a religião como seu ideal de vida. Reconheceu no pai suas boas qualidades, perdoou-lhe o que não precisava ser perdoado. Perdoou-se em tudo que carecia de perdão e conseguiu retomar a vida como nunca havia conseguido. Devia à Umbanda o que nem notara que era devido, apenas se deixou ver com o coração que tinha e percebeu que somente o amor-próprio consegue fazer com que tudo flua como deve fluir. Amando-se, amaria o próximo; ajudando-se, ajudaria o próximo. Assim, assumiu suas qualidades boas, tomou as rédeas e controlou suas qualidades ruins e nunca mais deixou que seu ódio imbecil pelo pai e por tudo que ele havia conseguido fosse um problema. Era passado. Sabrina estava pronta para amar de novo, e Pedro, pronto para ser testado com tudo o que a garota poderia lhe oferecer: lealdade e, principalmente, dinheiro, muito dinheiro. Eis-me aqui, sou exu. Sou eu quem decide quando e como.

Era uma sexta-feira fria, e Pedro era um dos dois selecionados naquele processo para analista na renomada empresa farmacêutica. Seu cansaço era evidente, e não havia um dia sequer em que não pensava no que teve ou no que poderia ter tido. Não deixava de imaginar onde poderia estar se não fosse pela benevolência do ex-chefe. Era comum que esses pensamentos o sobressaltassem, principalmente nas entrevistas que fazia. Nas inúmeras delas em que o fiz cair porque não era ainda aquilo de que precisava. Quatro anos depois, enfim a oportunidade se fez, e consegui uma boa forma de tentar rearranjar defeitos e confirmar aprendizados.

Pedro estava encantado com o local, mas conseguiu não nutrir suas esperanças para que a decepção mais uma vez não o acompanhasse na volta para casa, para que não se sentasse na sala vazia ou comesse o mesmo macarrão instantâneo de sempre. Não entendia o porquê do teste psicológico de dividir o mesmo dia com outros candidatos, ainda assim agarrava-se à conveniência de que a vaga fosse realmente dele, viessem os caminhos que tivessem de vir.

Seu concorrente entrou, e ele ficou tentando se concentrar, para enganar o nervosismo, lendo uma revista qualquer. Estava na antessala do RH e não tinha por que reparar nas duas mulheres que ali conversavam, trocando palavras praticamente inaudíveis. Decidiu, então, ir ao banheiro e respirar um pouco o ar neutro, onde a concorrência não o pudesse ouvir. Levantou-se, chegou a uma delas e perguntou o que deveria ser perguntado. Agradeceu e saiu para, no

momento em que o elevador se abria, dar de cara com Sabrina. Os olhares se cruzaram e se demoraram por alguns segundos. Ele sorriu e a cumprimentou, estava tenso demais por pensar se ela seria uma boa transa, mas achou-a linda e seu coração ficou calmo. Ela esboçou um sorriso e baixou o olhar. As moças perceberam, porque somente mulheres têm o dom da percepção geral. Uma delas, a secretária umbandista, arregalou o olhar de forma curiosa e intuitiva, dizendo que o rapaz era simpático e disputava uma das vagas. Sabrina apenas sorriu e desejou que a sorte fosse boa e que a vida fosse justa. E subiram, mas sem antes esperarem Pedro voltar pelo *hall* do elevador. Não deu tempo, porque teriam depois todo o tempo do mundo.

Passados uns minutos, ele estava na sala com o gerente financeiro e fez uma de suas melhores entrevistas, porque eu quis assim, porque deveria ser assim. Naquele mesmo dia, no fim da tarde, seu telefone tocou: na segunda-feira, teria outra entrevista com o diretor, apenas um protocolo para que todos estivessem de acordo com sua contratação. Foi o dia mais feliz de sua vida. Pedro, repleto de imperfeições, teria mais uma vez a chance de se redimir e colocar em prática tudo o que sabia fazer. Não errar sem oportunidades era diferente de realmente não errar. Era o momento de saber se sua dignidade estava acesa, se suas percepções do justo finalmente se acendiam e se tudo o que passara naqueles quatro anos tinha valido por uma nova vida e um novo começo.

Os novos começos se realizam com as novas chances que a vida traz e que o homem aceita. Não se pode dizer que não seja uma forma de livre-arbítrio, o nosso livre-arbítrio, da maneira que melhor sabemos fazer, escondidos nos cantos, manipulando vontades e controlando os desejos mais intensos e justos. Os exus sabem o momento ideal de apresentar suas habilidades, sabem como mostrar o caminho mais fácil e mais rentável, desde que rentável e justo seja ao agraciado. Os exus sabem como dividir responsabilidades e deixar que o homem pense ser somente dele o acerto, porque o erro não assumimos, já que não erramos, porque o fizemos em vida e deixamos que os encarnados pequem e sejam os únicos responsáveis pelas mazelas e poucas habilidades com o correto. Os exus abençoam o justo e deixam a ele o caminho limpo para seguir o bem, dividir a matéria e inflar necessitados. Desde que ele esteja provido do ideal, é e sempre será a medida exata que Deus concedeu e que nós aprovamos. Os exus trazem o peso milimétrico do nicho a ser preenchido. Os exus sabem como preenchê-lo de modo adequado, pois nunca sobra, nunca falta, sempre é. Os exus definem o momento prático do sucesso, o momento certo da Justiça e das Leis Divinas. São os cavaleiros de Deus, que encabeçam a liderança dos céus contra eguns e obsessores. Os exus desencarnam o indigno a pauladas e o encarnam com um sopro doce, um halo de alegria e de serenidade. Somos nós que abraçamos o baixo e o rasteiro e os transformamos em alto e elevado. Os exus dão o ritmo compassado à dança da vida e pausam quando a respiração pede e o pensamento é

requerido. Os exus bailam contra os espíritos menos evoluídos e mostram a eles que somente a luz pode curá-los das sombras. As sombras se fundem com as trevas, o rasteiro se funde com o baixo, e tentam formar um exército de infelizes e de odiosos, que fogem ao simples sinal do bem, da justiça, da luz e de qualquer traço divino. Os exus exalam o urro da dignidade e das honrarias, arrotam leis celestiais e celebram o bem. Escarnam com a sujeira pútrida do homem, suas mazelas e seus desleixos, encaixam os desenganados e corrigem os faltosos com a vara abençoada de Deus. Somos nós que fazemos tudo, somos nós que abrimos, somos nós que fechamos. Sem os exus, a vida não segue. Sem os exus, a música não toca. Sem os exus, o sopro é falho. Cantamos as glórias divinas como quem celebra a justiça perfeita, vinda com força, com assertividade e com raiva, fúria, porque os servos de Deus não temem o ego do cego nem a surdez dos impuros. Nossa fúria é nosso guia, nosso urro é nossa arma, nossa raiva é nosso escudo, e quem bebe disso não cai, porque filhos de exu esnobam desafios, dormem com eles, caminham de mãos dadas com o impossível e batucam a vitória, que apenas é o resultado dos justiceiros, dos justificados, dos justos. Somos nós a ligação entre Deus e o homem, somos nós o elo entre o baixo e o alto, somos o meio, somos o início, somos o fim, atestados e endossados pela verdade. Somos os soldados divinos, os protetores da realidade e os defensores das benevolências terrenas. Não há caminho certo sem nossa indicação, não há destino correto sem a nossa aprovação. Ouvimos o divino e indicamos. Nossas entranhas emanam paz, emanam justiça, emanam prosperidade. Eis-me aqui, sou eu quem decide como e quando. Sou Exu Tiriri, seu guardião e seu protetor.

Não existem mudanças tão repentinas assim, basta ficar atento à vida. Elas podem vir com a fúria da surpresa, mas dão seus sinais como devem dar e tudo acontece como deve acontecer.

Pedro ganhava mais uma chance de mostrar seu talento, e isso seria iminente. Não precisou de mais de uma semana para conquistar a satisfação do gerente e do diretor, que agora, se crenças tivessem, rezariam ao Divino pela contratação do homem. Não se pode negar que a felicidade era mútua. Depois de anos, ver a conta-corrente com quase cinco dígitos era mais do que um alívio, era um impulso merecedor a todo o deserto a que ele teve de se sujeitar. É nas situações mais adversas que testamos a força das pessoas, e Pedro, apesar de tudo, dos desenganos e do modo rasteiro de agir e de pensar, conseguiu se segurar como pôde. Tomou as rédeas de sua desgraça, bebeu o sangue do desespero, comungou do pão da miséria e se manteve firme, mesmo que pelos motivos torpes. Consumiu tudo o que tinha para consumir e, quando estava a um passo do precipício, entregou a recompensa. Não se mostrou grato a nada porque em nada cria, estava feliz e se entregava ao trabalho como o moribundo se entrega ao calor, como o sedento se entrega à água.

O sofrimento nos últimos anos mudou seu comportamento bruscamente. O comunicativo e acessível deu vazão ao introspectivo e determinado. Sua equipe de quatro pessoas servia apenas para o horário comercial. Não almoçava com eles, não os estendia a mão a nada, era profissional nos agradecimentos, na divisão de tarefas e em nada mais.

Os anos de solidão o fizeram solitário. Não confiava mais em ninguém e sabia que exagerava, mas seu mundo precisava disso, ele precisava disso. Percebeu que poderia crescer para todos os lados, e cresceria. Era seu faro para a prosperidade e as demais baixezas da vida. Daria um excelente exu, e o era, sem a devida justiça e senso de dignidade. Cheirava a tramoia a distância e conseguia evitá-la. A empresa certamente estava em boas mãos.

Em quatro meses, percebeu uma falha no sistema financeiro de investimentos da companhia que causava um prejuízo ínfimo, mas perigoso em longo prazo. Conseguiu detectar a falha nas horas extras, porque precisava de seu padrão de vida de volta. Por duas noites, mexeu aqui, fuçou ali e não se importou se pessoas seriam responsabilizadas. E seriam. Duas delas, mais especificamente. Assim que o relatório e as provas ficaram prontos. Poderia Pedro ter uma breve reunião com elas para chegar a um acordo e usar da justiça. Pus-me ao seu lado naquela noite e observei suas ações; ao ler seu coração, percebi que não faria isso. Não seria uma ação direta contra eles, diriam os irresponsáveis que os negócios não envolviam questões pessoais. Mentira, sempre envolvem. Entendi que pensou primeiro em si e que isso traria consequências sérias aos dois, uma dupla de acomodados que apenas faziam o óbvio e o previsível, porém, ainda assim, diante da mediocridade do mundo, não era certo. Ele saiu resolutivo, eu fiquei ali, com a certeza de que não me envolveria, e deixei que a natureza seguisse seu caminho.

Coincidentemente, na manhã seguinte, pouco antes de o diretor e o gerente anunciarem uma reunião, Pedro já havia comunicado ao primeiro o desejo de uma conversa informal, um café na copa. O homem estranhou, mas entenderia depois e acharia nobre a sua atitude. Existem talentos nesta vida, e todos eles têm lá os seus louvores. A diferença está nas consequências que essa habilidade traria. Fosse ao

bem geral, teria um julgamento. Fosse desastroso a outrem, ganharia conotações de sadismo.

Os seis se sentaram em volta da mesa de mármore com seus cafés, blocos e notebooks. O diretor pediu a palavra e disse, sem rodeios, que a filial do Sul perdia um colaborador e que ele assumiria o nicho de lá; conseqüentemente, o gerente assumiria o posto deixado ali. Uma comoção tomou conta da reunião, e uma comichão se alastrou por todos os demais. Fiquei na ponta lendo a ganância de todos e me diverti com isso. Os encarnados e obsessores vendem-se por cifras como um mendigo se vende por qualquer coisa. O fedor do poder impregnava o ambiente, e ninguém se diferenciava. Aptos e inaptos davam as mãos em uma esperança iminente. Não sorriam nem cumprimentavam o diretor com a devida justiça, davam-lhe tapas nas costas somente pelo egoísmo e se encorajavam à oportunidade que se mostrava. E aqui se exemplifica a diferença do digno e do ganancioso. O digno também teria suas ambições — e a ambição é útil e deve existir, desde que siga em linha reta e não faça curvas, evitando o injusto. E não creiam, egoístas, que as curvas não se endireitam mais para frente. O ganancioso vê-se apenas, não cumprimenta, cumprimenta-se. Não enaltece, enaltece-se.

As hienas babavam no pedaço de carne podre e mordiscado. Colegas se desconheciam, e os olhares mudavam. Poderia ver o diretor a disputa fria entre eles pela postura. Antes das palavras, olhavam-se descontraídos, recostados nas cadeiras de couro. Agora estavam empinados, tomando uma distância natural em troca de dois mil reais a mais por mês. Sim, a vida pede dinheiro, no entanto, antes das cifras, vêm merecimentos. E, dentre os postulantes ali, Pedro os arrasaria, com ou sem os relatórios. Entre raposas, a ação deveria ser no mesmo nível. Mentiu o diretor que a intenção era a de uma promoção e que, no prazo de um mês, depois de entrevistas individuais, em sinal de equidade —

esta foi a minha parte preferida, porque entrevistas com outros figurões começariam fora de lá no mesmo período —, o novo gerente assumiria as funções. Pude ler na alma de Pedro aquela ganância adormecida espreguiçar-se. Sabíamos eu e ele que, de longe, havia ninguém ali melhor do que ele. Sorriu internamente, porque sua tacada seria perfeita e sem intenções explícitas, já que o café informal fora requisitado antes da revelação. Não comemorou ainda mais por precaução do que por respeito. Sentiu que os quatro anos de deserto seriam revertidos em anos de prosperidade.

Minutos depois, a reunião acabou em aplausos, com um frenesi incontrolável entre os engravatados, que já se viam no novo posto e se punham tal qual no andar e nos pensamentos. A maioria calculava as cifras em sua vida. Uns pensavam em um carro novo, outros na tão sonhada viagem a Nova Iorque, e se sentaram em suas mesas com tais pensamentos. Pedro chegou à sua com a expressão serena. Abriu a gaveta superior e conferiu todos os relatórios, como quem passa a mão em um amuleto, como quem prevê um futuro considerável. Estava havia apenas cinco meses ali e tinha seus louros, embora eles ficassem um pouco menos brilhantes pelo pouco companheirismo que muitas vezes as pessoas teimavam manter no mundo corporativo. A vida é uma só e, seja onde seja, esteja onde esteja, fosse com quem fosse, suas ações não têm pesos diferentes e não sofrem mutação de acordo com a situação. A justiça é uma só. A verdade é uma só. A dignidade também. Não se pode ser metade céu, metade inferno. A ética cabe em todos os lugares e é compatível com todos. Roubar o ladrão não o qualifica ao bem, apenas o qualifica como um deles. Não é mais assassino quem mata dez de quem mata apenas um. Seus atos sempre terão o mesmo valor, fosse acima, fosse abaixo.

Pedro, entre as cotoveladas pelas migalhas do chorume, recebeu uma ligação em sua mesa, minutos depois. Era o diretor, pedindo que se

levantasse dali a dez minutos, fosse à copa, pegasse um copo de café, descesse ao *hall* de entrada da empresa e o esperasse nas poltronas de couro. E assim foi. Quando ele se levantou, dez minutos depois, ninguém notou diferença alguma, havia até quem estivesse com a planilha aberta, fazendo contas. Pedro entrou no elevador com o café e desceu. Pelo caminho, antes do térreo, a porta se abriu e Sabrina entrou. Eles se olharam e se saudaram. Ela o reconheceu de imediato e teve uma felicidade tola e inexplicável de descobrir que ele tinha sido contratado; não lembrava se a secretária umbandista havia comentado algo sobre. Ele se esforçou para se lembrar de onde aquelas curvas lhe eram familiares. Conseguiu colocá-la no dia da entrevista e soltou um “banheiro”, quase como um pensamento alto, e justificou sê-lo em seguida. Eles riram e se despediram. Ele olhou o seu rebolado, e ela seguiu feliz com seu coração imenso.

Pedro esqueceu um pouco o assunto que viria e se deixou perder ali. Deu dois goles de café e lembrou que há meses estava sozinho, e poderia retomar outras memórias não fosse a chegada do diretor, que apareceu sereno, com a dignidade e o senso de justiça que poucos teriam ali. Seria fácil convencê-lo, porque a atitude que Pedro escolheu era a mais ética dentre todos os egoísmos. Sentaram-se. Pedro Augusto o parabenizou mais uma vez e, com sinceridade e a pedido do diretor, foi direto e claro. O homem ficou estarrecido com a negligência e o comodismo dos responsáveis, e questionou por que Pedro não os havia comunicado, e Pedro foi sincero, dizendo que eles não seriam capazes de resolver e provavelmente esconderiam o problema, trazendo prejuízos e mais prejuízos. O diretor pediu os documentos o quanto antes, físicos e virtuais, primeiro via e-mail e depois em um envelope, que Pedro devia deixar em sua mesa, lacrado e identificado, durante o almoço e sem que ninguém o visse. Parabenizou-o antecipadamente, e pude ler em seus olhos que algo mudara naquela atitude. Pedro esperou

que o diretor subisse e fez o mesmo, cinco minutos depois: entrou na seção, foi até a copa, pegou outro café e sentou-se em sua mesa. Percebeu que o gerente estava ao telefone, e seu olhar perdido entregou a novidade. Notou também que o gerente olhou a ele por duas vezes entre a admiração e a ameaça. E era, porque não deixava de ser uma falha de todos do setor.

Terminado seu horário, Pedro sentiu vontade de sair para beber algo. A despedida do gerente naquele início de noite tinha um tom de respeito comedido e temeroso, contudo, ainda assim, havia respeito. Na manhã seguinte, diretor e gerente sentavam-se com o presidente da empresa, expondo a situação. Prostrei-me perto da janela, de onde se viam os carros na avenida arborizada e um silêncio previsível. O chefe tinha um coração justo, mesmo sendo quem era, mesmo com a frieza que muitas vezes pedia o ambiente. Embora não quisesse punir os responsáveis, parabenizar a eficiência e não destituir os incompetentes seria tão incoerente quanto interceptar o ladrão, fazê-lo devolver o roubo e soltá-lo em seguida. Não havia outra coisa a ser feita. Pedro, sem saber, conseguira os louros justos de sua competência e as congratulações mornas da parca justiça. Naquela tarde, enquanto o diretor o chamava para nomeá-lo à gerência, a dupla era demitida. Ainda que o presidente tivesse argumentos necessários e óbvios para dispensá-los sem os direitos devidos, fez que ambos recebessem as multas rescisórias e mais de um ano e meio de salários adiantados. O diretor assumiu a culpa e os louros.

Pedro e o seu único adversário foram chamados à sala do gerente que, em uma simulação, colocou os números da fraude, perguntando se eles conseguiam ver alguma falha ali. O recém-promovido simulou desvendar o desafio, ao passo que o segundo obviamente acharia nada por lá. Assim que o homem assumiu a ignorância, Pedro deu a solução e a saída, comprovando sua competência e camuflando uma justiça opaca.

Na semana seguinte, Pedro Augusto assumia a gerência, com seis meses de empresa e o sabor doce da conquista. O único colega continuou ali, com a incompetência e os sonhos travados; tornar-se-ia apenas um auxiliar, e Pedro disse que seria inútil, e que daria conta sem mais ninguém por lá. E deu. E daria, porque tinha seu talento e provava sua habilidade por meios escusos e torpes.

Lamentei que tivesse sido assim, pois não era condizente com os anos de solidão. Tinha de ter desenvolvido o coleguismo. Não se pode ter valor na injustiça, mesmo que a justiça requeresse seu reconhecimento. E isso, para sua evolução, era péssimo. Naquele instante, tive de fazer engrossar suas faltas. Optei por ignorar cada ausência de caráter, cada escusa de suas ações. A resolução do problema foi tão perfeita que não deixaria vilões. E, quando eles não se revelam, cabe ao destino a culpa. Sorte, pura sorte. No entanto Pedro havia fechado a porta da ética e aquilo me deixou atento. Talvez sua dignidade fosse recuperada com o que haveria de vir. Quando a ética é ignorada, quando a verdade é esquecida, provoca-se uma catarse sem precedentes no plano espiritual, como um reflexo nebuloso aos caminhos que estavam por vir.

Ao se plantar uma semente, tivesse ela a qualidade que tivesse, germinaria a mesma tonalidade, o mesmo sentimento. O ser humano que tem a ingratidão e o egoísmo como bases de seu DNA e de sua alma vive uma vida de perigos e não sabe a diferença entre réu e vítima, preferindo desqualificar o primeiro e potencializar o segundo pela conveniência e pela facilidade. Muitas vezes não enxerga isso, outras vezes prefere colocar nas sombras as justificativas e fingir que a vida e o Divino cochilaram no exato momento da falta. Não. A vida e o Divino nunca cochilam. São sempre, estão sempre, sabem sempre, cobram sempre e fazem sempre. Pior que uma reação imediata dos exus é quando eles passam a contabilizar as faltas, e não tive outra solução. Era

o momento de deixar sua natureza agir e pontuar sins e ãos. Quantos sins prosperariam, quantos ãos renderiam, e tentaria de todas as formas que as Leis Divinas fossem aplicadas. E seriam implacáveis aos indignos e seriam maravilhosas aos justos. Deixemos que talvez o amor se encarregue disso, porque mamãe Oxum tem a medida exata de como beneficiar perdedores e campeões. O amor a quem dele vive, o mundo a quem dele vive. Eis-me aqui, sou exu, sou eu que decido quando e como.

As giras aos sábados eram um evento e tanto para Sabrina, que se agarrava na religião porque creu que fora ela quem a ajudou, porque cria que fora ela quem a aproximou do pai e fora ela também quem lhe dera forças para se reerguer e entender a vida em si. Tinha seu trabalho voluntário semanal com refugiados e vendia suas pinturas em telas belíssimas mais a amigos e a clientes do pai. Tinha consciência de suas limitações com a arte, porém não era mediana nos traços. Havia mais poesia em seus desenhos do que talento. Via-se com mais paixão que habilidades, e era isso que seus trabalhos traziam. Raramente se lembrava de José, e chegou a sorrir aliviada por tudo o que passou. Aprendeu com as entidades que sempre haverá uma lição e que, se não aprendidas da forma devida, voltariam com mais energia, mesmo que aparecessem contornadas por sofrimento e dores, que se transformariam em alegrias e em evolução. Usava uma guia rosa, presente de uma preta-velha, que só podia sorrir à doçura de seu olhar, dizendo “Fia vai aprender que o amor também é servir como tola, mas que os tolos nada mais são que encarnados sem egos e elevados”. Tomava aquela lição ao que se passou com o casamento frustrado e toda a tristeza que a consumiu naqueles dias cinzentos. Quase um ano depois, ela recuperava com força a sua alegria e o seu mel.

Naquele sábado, à espera da gira, sentia o coração diferente e exibia uma certa ansiedade, um certo nervosismo. Quando era a esquerda por ali, preparava sua alma às surras necessárias para crescer. Fazia suas orações enquanto o terreiro enchia. Sentia uma energia densa, diferente

das giras de direita. Quando os atabaques começaram e o orixá Exu veio, ela se encantou com a dança furiosa, que purgava a baixeza do mundo. Ele girava ensandecido, expulsando a podridão, afastando egoístas e gananciosos como quem varre a sujeira da esquina. Ficava ali apenas a verdade, e todos que tivessem coragem de tomá-la como bênção que a levassem para casa. Exus, quando se reúnem, fazem a arruaça aos pútridos, esmurram os obsessores e espancam os eguns. Exus, quando se reúnem, saúdam o Divino e expulsam a mentira. Não há espaço a desenganos. Cinco minutos de energia e devoção. Cinco minutos de entrega e de purgação. Cinco minutos de reverência e de subserviência. Não tardaria para que o terreiro inteiro trouxesse falanges e mais falanges, Tiriris, Tranca-Ruas, Tatas-Caveiras, Marias Quitérias, Caveirinhas, e o ambiente se transformava. As gargalhadas das pombagiras,^[6] o olhar certo dos exus e a clareza dos mirins fariam qualquer indigno fugir dali.

Sabrina gostava deles, precisava deles, e todos sempre a abraçavam com carinho e conselhos. Ela ficou ali, olhando os charutos, as pingas, os doces e as cervejas. O cheiro da defumação, mesclado aos incensos e à fumaça dos cigarros e cigarrilhas, e toda a penumbra carregada de ensinamentos, com a curimba e seus ecos ritmados, eram de uma beleza sem igual. Ela sempre se emocionava com a chegada deles. Seguiu as letras sem cantar, mas sabia-as de cor e se arrepiava. “Deu meia-noite, a lua se escondeu, lá na encruzilhada, dando a sua gargalhada, Tranca-Rua apareceu”, e a poesia se repetia em um torpor doce e em uma paz furiosa. A menina compassava com palmas leves e com o coração tomado de luz e de toda a sinergia daquele ambiente.

Os batuques foram cessando, e os consulentes começaram a peregrinação em fila, esperando pela sua chance, pela sua vez. Muitos precisavam de ações, e todos, de palavras. E conselhos de exus são ordens, porque são eles os servos mais incisivos do Divino. Toda

baixeza passa por eles e por eles é esmagada, sem resquício algum de volta ou reação. Exus, pombagiras e mirins, duas dezenas deles ali, em comunhão a quem carecia, a quem clamava. Estendiam a mão para quem dela necessitava. Os sorrisos debochados estavam ali, debochados à tristeza, à perdição, debochados à ganância, ao poder, ao egoísmo. Não há mal que exu não tire, não há desvio que exu não conserte, não há prosperidade que exu negue, não há injustiça que exu não puna, não há correção que exu não faça, não há justiça que exu não dê.

Sabrina tinha essa ciência e esperava com a calma que merecia, porque aprendera com a preta-velha que a pressa é o próprio capitão do mato e a paciência é a sua liberdade. E ali esperou. Quando foi chamada e se viu na fila, era uma a mais, tão igual aos olhos do mundo, tão única aos olhos de exu e da própria vida. Poucos minutos e estava de frente com a Cigana do Cruzeiro das Almas, uma pombagira-cigana de lenço e saia vermelhos, leque preto e um olhar profundo como as trevas, como somente a esquerda poderia pintar. Ela abriu os braços e pediu um abraço. Abraçou a garota firme, enquanto o cheiro forte de alfazema tomava o corpo de Sabrina quase como um passe. Ficaram assim por alguns segundos. A cigana se afastou, deu um gole no vinho e perguntou se Sabrina estava pronta de novo ao amor. Ela sorriu de volta, quase em um espanto, e disse que sempre estava. A pombagira gargalhou, falando à Sabrina que fosse menos ingênua e mais firme consigo mesma. Que respeitasse mais suas vontades, porque o amor-próprio teria de vir na frente. Devolveu a pergunta, questionando como estava seu amor-próprio. Sabrina não respondeu, talvez mais por vergonha do que por incerteza. A cigana fora firme e pediu que ela repetisse que ele estava aceso. Sabrina repetiu. A cigana pediu que falasse mais uma vez, e assim foi feito. Explicou a pombagira que a dor do amor também é um renascimento, e perguntou se Sabrina conhecia Omulu. A garota disse que não, então diria a Cigana do Cruzeiro das Almas que pai Omulu é a

morte em um sentido mais amplo, na qual ciclos que já se cumpriram precisam ser finalizados para que novos sejam gerados. É a renovação necessária para que a vida prossiga. Sabrina soube reconhecer isso e acabou citando o que já passara; sabia bem o que aquilo significava. A cigana parou com um olhar desconfiado, daqueles que somente a esquerda sabe impor, como se aquilo que acabara de ouvir não fosse uma constatação, mas uma previsão. “Filha, sabe mesmo do que estou falando?”. Sabrina confirmou, mas não convenceu a cigana, que disse que o coração dela saberá entender o momento ideal para enterrar um amor inútil, que de útil traria apenas uma força à sua autoestima. Falou que tudo ficaria muito claro assim que sua alma berrasse e, quando isso acontecesse, acendesse uma vela roxa na porta de um cemitério qualquer e fizesse a saudação a Omulu. Pediu as duas mãos dela, envolveu-as com a guia, fez uma reza em silêncio, soltou-as e a abraçou tão forte e tão carinhosamente que Sabrina se emocionou e chorou em seus ombros. A cigana disse que a vida era assim mesmo, que o sofrimento aparecia para nos tornar fortes e que a tristeza perdia cada vez que um sorriso às dores e à adversidade era dado. A moça agradeceu e recebeu outro abraço. Antes de sair, ganhou a vela roxa consagrada com a baforada da cigarrilha e saiu feliz, aliviada, certa de que estava firme e pronta. Um novo amor apareceria, porque José havia sido enterrado e sua vida, que já se punha nos trilhos, continuaria direta e sem atropelos ou percalços.

Dias depois, em uma noite fresca, ela decidiu caminhar pelo bairro e, passando por uma banca de jornal toda iluminada, percebeu um rosto familiar. Passou por ele, caminhou mais alguns metros, tentando se lembrar de onde. Sim. O semblante batia perfeitamente com o do rapaz que trabalhava na empresa do pai. Ela se virou para confirmar, no mesmo instante em que ele a acompanhava com o olhar. Sorriram. Seu coração disparou de maneira inesperada. Sentiu o cheiro das rosas da

cigana, comprovando o que havia escutado havia dias. Ela voltou, e ele foi ao seu encontro.

— Você não acha estranho? — perguntou Pedro.

— Estranho?

— Sim, não haver um elevador entre nós aqui.

Era aquele bom humor perigoso, e era aquele coração frágil.

— Pedro — estendendo a mão.

— Sabrina — e não se largaram por alguns segundos.

— Eu não quero atrapalhar o seu exercício, mas deixo aqui a minha alegria de conhecê-la.

— Você não está me atrapalhando, nem me conhece, apenas sabe o meu nome.

— Então permita atrapalhar o seu exercício e conhecê-la. Café? Suco?

— Suco. Depois café.

E seguiram para uma padaria ao lado. Lá souberam o que deveriam saber em uma primeira noite. Ela mentiu, dizendo ser colaboradora da empresa, mas confirmou ser amicíssima da secretária do presidente. Ele afirmou ser o gerente financeiro e não esperava escutar a moça se espantando e se entregando ao revelar que meses era um tempo recorde para um analista receber uma promoção. Logo em seguida, ela corou, e ele se excitou. Sabrina não era uma menina linda, sua beleza estava no olhar, no coração e no sorriso doce. Diferentemente de Pedro, com um olhar invasivo, atento e cordial, além do carisma ao falar e da inteligência latente.

Perderam-se em quase três horas de conversa e avançaram nas palavras como se elas estivessem ali há anos, ensaiadas, e agora faziam um show à parte. Daquela noite veio a segunda, e nela se reconheceram e nela se entregaram em uma paixão ardente. Sabrina se viu encantada, e Pedro tinha lá suas predileções. Ela passou o fim de semana em seu

apartamento e não poderia esconder por muito mais tempo: disse que o presidente da empresa era seu pai. Pedro ficou sem palavras e se sentiu ameaçado. Talvez aqui tenha se dado o momento em que tudo ficou barrado em seu caminho. Poderia ter dito que não queria envolver-se mais a fundo, pois seria realmente uma relação complicada. Não precisou. Ela o fez e disse que seguiriam assim, em silêncio, somente entre eles, porque eles só precisavam de ambos. Pedro ficou receoso, mas creu nas palavras da moça, que decididamente eram reais.

O amor preencheu todos os nichos dela, e por que não preencheria os dele? Principalmente os materiais. Sabrina acabou mobiliando o apartamento com o bom gosto que tinha e com o coração de Oxum guiando seus movimentos. Renovou-lhe o guarda-roupas. Sumiam para Buenos Aires ou Montevideu nas sextas-feiras e voltavam na segunda, e o fizeram por duas vezes em um mês. E tudo estava bem, dois meses que pareciam anos. Sabrina tinha Pedro, que não tinha mais o espaço que tanto queria. Um ardente caso que começava a apertar-lhe a liberdade. O dinheiro que recebia era pouco usado, e ele conseguia retomar suas aplicações, porque a moça provia, provia e provia. Ela nunca fora tão feliz, ele nunca fora tão controlado. Era este seu preço. Deixava-se apaixonado e recebia mais do que ela, recebia tudo dela. Mas Sabrina não era compatível com os presentes, as viagens, tudo. Pedro nunca esteve disposto a isso e inventou um curso de inglês para respirar um pouco. Disse que preferia aprender com profissionais, porque a fluência dela e sua beleza seriam empecilhos à falsa insegurança que nunca lhe serviu.

Ele não programou, ou talvez não conscientemente, contudo as executivas do curso também estavam disponíveis ou fugindo de algum marido ou namorado. Conheceu uma ruiva empresária, cujo marido a mantinha sob rédeas curtas. Pedro queria aventura, porque Sabrina não podia dar mais nada além do palpável. A ruiva queria novidades. Uma

troca de conversas, telefonemas ao longo do dia. Um almoço desprezioso no meio da semana e uma carona tendenciosa na volta. Um beijo roubado em uma quarta-feira no estacionamento do curso, e o calor se espalhou. Sabrina estranhou aquela conversa de liberdade nas noites do curso e nas noites de quarta-feira, porque ele adorava futebol e preferia assistir aos jogos em casa e sozinho. Ela o respeitou. E eram às quartas-feiras que passavam a se encontrar. Uma. Duas. Três. Pedro tinha o hábito e o subterfúgio de ligar para Sabrina nos intervalos. Fez isso várias vezes com a ruiva em cima dele ou em outras posições. Em uma das noites do curso, a ruiva não apareceu, e uma morena estava ali. Tudo aconteceu no carro, no estacionamento do curso.

Pedro se envolvia com seu maior vício: o perigo. Sua adrenalina crescia em um ambiente menos convencional. Conseguia manter as três e dar a mesma atenção a elas como nem o marido da morena nem o namorado da ruiva juntos pudessem fazê-lo. Desligava o celular nos fins de semana, principalmente quando viajava, no entanto não era raro escapar para o banheiro, ligá-lo, escutar as mensagens na caixa postal e devolver outras mais. Um frenesi alucinante. Mantinha firme seu talento na empresa, fazendo um trabalho impecável, e atendia muito bem às carências das duas, sem levantar suspeitas ou ao menos sem que elas tentassem uma aproximação mais a fundo.

Quando fez um ano de empresa, Sabrina fez um jantar especial a ambos em seu apartamento, cuja decoração e cujo clima o encantaram. Ganhou um roupão branco da namorada, que pediu que o usasse. Ele foi ao banho e, no meio da ducha, escutou o celular tocar no quarto. Seu coração gelou, e apressou-se, berrando que ela o desligasse, porque os relatórios do trabalho o estavam deixando louco. Sabrina assim o fez. Silenciou o aparelho. “Ricardo” continuava a brilhar na tela incessantemente, e mais duas vezes em menos de um minuto, que continuariam não tivesse Pedro chegado e tirado o aparelho dali,

dizendo à Sabrina que não envolveria trabalho em sua comemoração. Ela sorriu e sentiu seu coração disparado quando o abraçou. Perguntou-lhe se tudo estava bem, ele disse que sim e conseguiu despistar tudo, envolvendo-a com elogios. E assim a noite de sexta avançou.

Eram 23h30 quando ele conseguiu ir até o quarto, pegar o aparelho e ver: 34 ligações da morena e 15 mensagens na caixa postal. O marido viajara, e ela insistentemente o chamava para estar ali ao seu lado. Disse que sabia que estava com Sabrina e que a dispensasse, porque outra oportunidade eles não teriam. Pedro se excitou em viver aquilo e, antes mesmo de dormirem, disse que a insistência gerara uma hora extra no sábado. Teria de ir à empresa e recorrer aos relatórios. Sabrina perguntou se realmente tudo aquilo era inevitável e, se fosse, por que não trabalhar de casa. Pedro desculpou-se falando que os arquivos estavam no sistema, mas que faria de tudo para que o sábado deles não fosse perdido. Ela se conformou e exigiu que fossem ao cinema à noite, e Pedro concordou. Enquanto ela ajeitava a cama, ele foi à sacada, ligou para a morena e, chamando-a de Ricardo, garantiu que estaria logo cedo na empresa e que fariam de tudo para não emendarem o sábado naqueles relatórios. Ela ficou em êxtase e disse que viesse o quanto antes.

Na manhã seguinte, Pedro acompanhou Sabrina até o carro e adiantou que desligaria o celular, mas que entraria em contato assim que pudesse. O coração disparado o excitava, a chance de ser descoberto não o inibia, pelo contrário, saber que estaria com outra garota no meio de um protocolo pessoal o enchia de alegria e de adrenalina. Ela saiu, e ele foi em seguida. Quando estacionou em frente à casa da morena, fez as contas e esperou mais dez minutos, tempo suficiente para estar na empresa. Ligou para Sabrina, avisando que já havia chegado e que a amava. Com um sorriso na voz, ela disse que

sentia orgulho dele. Ele desligou, e não seria mentira se dissesse o mesmo de si.

Passou o sábado com a morena e ligou duas vezes a Sabrina, dizendo que tudo corria bem e que não demoraria. No meio da tarde, foram surpreendidos pela inesperada volta do marido, que, por sorte, ligou avisando que tudo se resolvera e que estava a caminho, fazendo o coração da esposa disparar. Ela pediu que ele passasse no mercado antes e lhe trouxesse morangos. Pedro se excitou, mas ela o negou, mandando-o embora.

Depois de dobrar a esquina, ligou o celular, e logo o aparelho soou. Era Sabrina. Ele atendeu amoroso, mas a voz dela lhe pareceu sombria. Ele percebeu e emendou que já havia saído, bem mais cedo do que previra, e que voltava para o apartamento e a esperaria por lá. Ela retrucou que ligara havia pouco para a empresa e que o segurança do prédio confirmou que ninguém estivera por lá naquele sábado. Seu coração quase saltou pela boca, mas Pedro conseguiu manter a calma e riu, dizendo que o homem estava louco ou que provavelmente já fosse o turno de outro guarda. Sabrina rebateu dizendo que o turno começava às 6 horas e acabava às 18 horas, como atestou o segurança. Pedro manteve a calma, reafirmou que esteve lá e decidiu arriscar, perguntando por que ela estava desconfiando dele. Completou falando que, se fosse para manter aquele clima, que esquecesse o cinema e que fosse mais justa com ele. Desligou o aparelho, temendo apenas por seu emprego. Sabrina ligou de volta, mas ele não atendeu. Ela tornou a ligar, e Pedro manteve a voz firme, a preocupação realmente existia, entretanto, ele conseguiu canalizar para outra coisa. Sabrina tinha a voz chorosa e pedia desculpas, quase implorando uma retratação. Pedro aceitou e disse que nunca mais desconfiasse dele, e mantiveram o cinema às 20 horas.

Quando ele desligou, havia no coração de Sabrina uma dor estranha. Ela teve a certeza de que sentira cheiro de rosas, e a tristeza talvez não fosse pela perda, mas por outra coisa. Pedro temia por seu emprego e começou a pensar no pior, porque sabia lidar com pressões e gostava do perigo. Chegou ao apartamento e checkou seus investimentos. Pelas suas contas, caso o pior acontecesse, conseguiria manter seu padrão por no máximo seis meses. Não queria isso e decidiu que terminaria todas aquelas aventuras. Tentaria manter o namoro, mesmo que Sabrina não tivesse o atrevimento e a ousadia da ruiva ou a insaciabilidade da morena. Na dúvida, arriscaria uma profissional nos momentos mais difíceis, mas não poderia perder seu emprego. Estava determinado a isso. Decidiu que sairia do curso, que compraria outro aparelho, que mudaria de número e que tentaria ser normal e combater o seu vício.

E então veio a dificuldade de matar o alimento do poder e da ganância: o ego. O maior obstáculo era esganiçar um obsessivo quando ele mesmo se provia disso. Era o momento de abstinência seu maior desafio. O perigo o mantinha vivo, e ser leal, justo, não era um esporte que ele conseguiria praticar. Sabia que não conseguiria, que era um fraco e que acabaria cedendo a outras aventuras. Ao mesmo tempo, não tinha como terminar sua história com Sabrina, porque também temia perder o emprego em uma clara retaliação da menina. Qualquer pai tomaria as dores de sua filha. Ele decidiu que mudaria de aparelho na semana seguinte, para que nada ficasse às claras. Sabrina chegou meia hora depois, havia chorado, estava vulnerável, porém não trazia ares tão subservientes quanto ao telefone. Abraçaram-se, amaram-se e decidiram não sair. Pedro relaxou e foi ao banho. Não demorou para que ela entrasse no banheiro e colocasse o aparelho em cima da pia, falando:

— Ricardo ligou e deixou um recado para você, além de todos os anteriores... Ah, sim, e disse que te ama.

E o sábado estava terminado. Pedro desligou o chuveiro com mil pensamentos, e nada vinha à sua cabeça. Não sabia como encontraria Sabrina. Chegou ao quarto, ela estava em pé, olhando a janela, esperando algo que não viria, justamente porque Pedro não era digno de algo sensato naquele instante. Ele se sentou na cama mudo, e mudo ficaria até que ela concluísse tudo.

— Por quê, Pedro?

Ele não respondeu, porque não tinha o que responder. Decidiu endossar sua canalhice e enaltecer as qualidades dela, mas a moça o interrompeu.

— Para. Para! Essa cena patética não me cabe. Não tenho de escutar o que eu já sei. Nada do que você disser será bom ou justificável, então tenha um pouco de dignidade e não tente sequer se atacar... É ridículo.

Pedro abaixou a cabeça — sumiria dali se pudesse — e apenas pensava como conseguiria trabalhar na segunda com aquela iminente ameaça. Fez-se um longo silêncio no quarto. Sabrina continuava a olhar pela janela, e ele tinha o pensamento fixo no trabalho, principalmente no dinheiro. Era constrangedor, era perturbador. De repente, ele não podia mais segurar, tinha de ser sincero. Tomou fôlego e, ainda de cabeça baixa, com a voz abafada, quase nula, foi categórico:

— Posso te pedir um favor?

Ela se virou para ele e o viu de toalha na cintura. Sentado na cama, continuou:

— Em respeito a tudo o que vivemos nesses meses...

— E o que vivemos nesses meses, Pedro? Uma mentira?

— Foi verdadeiro para mim — acovardou-se.

— Não faça isso, acabe logo esse assunto...

Ele levantou o olhar e, com toda a sinceridade do mundo, concluiu:

— Não me...

E parou. Tomou fôlego de novo:

— Não me faça perder o emprego...

Por alguns segundos, Sabrina não pôde crer que tudo se resumia ao seu trabalho, à sua vida profissional. O homem que tanto amara, ou amava, estava ali, revelado, desmascarado, pedindo o que qualquer ser previsível pediria, uma outra chance, uma outra maneira de serem felizes, de tentarem recuperar aqueles sete meses de relacionamento, cortado bruscamente por um “Ricardo” qualquer? Não. Pedro tinha sua paixão por mulheres, pela adrenalina do perigo e pelo dinheiro. Amava sua habilidade. Amava sua vida e abria seu coração à moça. O grande problema é que, em seus 30 anos de vida, nada de bom, digno ou leal brotara em sua alma. Era vívido aos vícios do mundo e precisava de alguém para magoar. Estava acabado e com medo, realmente com medo, sabia que aqueles últimos quatro anos foram terríveis e não os queria de volta, nem teve a hombridade de aprender com a dor, com o sofrimento.

Minha justiça urrou alto, e minha vergonha me tirou de lá. As lágrimas escorriam a cântaros de seus olhos, mas ela continuava firme, apesar da dor. Sabrina não se sentiu suja por ter se envolvido com aquela energia baixa e nada digna, nada leal, cuja ganância e cujo egoísmo estavam mais preocupados com o próprio futuro, endossando a coerência. Dessa forma, Sabrina só tinha algo a fazer. Foi até a sua bolsa, tirou um talão de cheques, preencheu uma folha, assinou, endossou e destacou. Foi sua vez de ser categórica:

— Não quero sua energia nem seu talento ou habilidade na empresa de meu pai. Ele é um homem íntegro, mas eu não poderia explicar a você o que é isso. O valor que há aqui é praticamente toda a minha poupança. Você tem um ano, um ano para viver bem. Se conseguir economizar, você triplica o período. Segunda-feira, eu o quero fora de lá, caso contrário, contarei ao meu pai toda a nossa história, quem é você, e sua reputação estará arruinada. Recomece a sua vida e aprenda

que o dinheiro é nada, que as aventuras também não têm seu valor e que pessoas como você não têm o direito nem o poder de acabar com a autoestima de ninguém.

Ela pôs o cheque em cima da cama e o deixou ali. Pedro estava boquiaberto não só com o que escutara, mas também com os 300 mil reais naquele cheque em seu nome. Sabrina estava leve e saiu sem chorar; na verdade, sorriu feliz, porque conseguiu identificar o “momento ideal” do qual a Cigana do Cruzeiro das Almas havia falado e porque somente ela sentira um forte perfume de rosas enquanto descia com o elevador. Ela entrelaçou os dedos das mãos, as palmas viradas para baixo, esticou os braços e agradeceu:

— Laroîê, pombagira! Pombagira é mojubá!^[7]

Bateu por três vezes as palmas e seguiu ao cemitério mais próximo de lá. Havia uma garoa fina, mas que não a impediria de pegar a vela roxa consagrada e acender sua morte, seu renascimento e seu recomeço a Omulu. Que o orixá levasse a podridão de suas mãos e de seu coração, que ela não se sujasse com a baixeza humana, porque Sabrina conseguira comprar, pela primeira vez, o seu amor-próprio. Estava orgulhosa de sua atitude, de sua reação, e tinha a certeza de que aquela sensação valia muito mais que os 300 mil reais que ficaram na cama de Pedro.



Pedro Augusto Neto, como previsto, pediu demissão na segunda-feira. Conseguiu um bom valor ainda com as muitas rescisórias e teria um ano de aprendizados para levar adiante. Caminhei ao seu lado na esperança de que pegasse aquele cheque e o rasgasse, queimasse e não se sujasse ainda mais, diminuindo minhas cobranças futuras. Por dois dias, ele o olhou e olhou e olhou. Mas, no fim daquela semana, ele o depositou, e a sua carga — não pelo valor, porque não se pode valorar

uma alma digna, uma alma justa — tinha o peso de todos os pecados do mundo. Olhei-o enojado e me vi em 1920, tão arrebatado quanto. Meu coração se dilacerava ainda mais, e a horrenda figura que jazia morta na minha frente era mais honrada que aquele semblante, dias depois, que constatava os seis dígitos em suas economias. O sangue que lhe escorria de um olho vazado, os dentes que não mais estavam em sua boca, os lábios tão inchados que pareciam duas línguas a mais eram ainda muito mais belos que aquela expressão nojenta à minha frente. E nos chamam de demônios, e nos chamam de capetas, e nos intitulam diabos, porém o que era aquele homem depois de tudo? O que sobrou em sua alma? O que restava em seus dias? Eu lhe dera a chance, e ele cuspiu nela com sua soberba gananciosa e sua ambição pútrida. A mim restavam as cobranças do futuro e todas as contas que ele tinha para acertar comigo e consigo mesmo. Eis-me aqui, sou exu, sou eu quem decide quando e como.

Os olhos da vida, os olhos de exu sempre estão abertos e apontados aos desvios e às correções. A ingenuidade ou a soberba das pessoas, aqui sentimentos tão distintos, acabam quase se igualando, chegam a nós como pura diversão, descaso e despreparo. Não se pode plantar o mal e dar as costas a isso como se o tempo e o vento pudessem apagá-lo ou levá-lo embora como uma folha seca que um dia pode acabar em qualquer lugar do mundo. Não. Seja o bem ou não, a vida é como um campo fértil. Crescerá, germinará nas suas ações e nos seus acontecimentos. A fertilidade é uma Lei Divina, que age como um reflexo óbvio de nossas intenções, nossas reações, nossos movimentos. Saber que nada fica impune, nada, seria uma obrigação dos encarnados. Mas não. A maioria prefere se distrair ou imaginar que estão no comando e que há um caminho certo a tudo. E há, a diferença são os tons com que a justiça lhe chega. Não há pressa para o merecido, as punições se exibem sempre no coração do homem e na sua alma. Há-se que seguir com o coração digno e justo para que se tenha uma vida digna e justa. Não fazer o mal não é o mesmo que fazer o bem. A inércia de ajuda não se equivale à mão que se estende. O mundo crê que punições não ocorrem, que a injustiça impera, mas não. Muitos não têm a medida do que é punição, do que é justiça. O imediatismo acaba se tornando o pior instrumento de medida a tudo. Venha a quem vier, julgar o tempo é julgar errado. E tivemos exemplos claros aqui. Há uma Sabrina carregada de insegurança e de luz, mas com um julgamento errado sobre o pai, sobre a vida. E o que colheu seria rígido em um

dado instante, mas apenas resultado do que ela mesma se fez. Aprendeu que o ouro tem lá suas utilidades, aprendeu com ele e acabou comprando a sua paz, justamente porque seria o ouro a paz dos gananciosos. Ela seguiu a sua vida, provavelmente terá em dobro o investimento impresso ali e encontrará certamente o seu caminho, porque soube entender, soube ver e soube aprender. Omulu aceitou sua oferenda e a trouxe à luz, à renovação. Sabrina não poderia ver, mas sua vela, apesar da chuva e dos ventos, queimou até o fim e se findou em flor, porque o orixá que corta a vida cortou a dela, a antiga, rompendo com valores difusos e deixando-a agora com um sorriso mais equilibrado. E o que será de Pedro? O ganancioso que provocou a demissão de duas pessoas, feriu o coração de Sabrina e tomou-lhe dinheiro para a sua paz. Vamos encontrá-lo oito anos depois. E bem. Aos 40 anos, pelo excelente currículo e competência, não demorou para conseguir outro trabalho, dessa vez um pouco mais modesto que o anterior. Graças à habilidade com as cifras e ao conhecimento de investimentos, os 300 mil reais praticamente estavam intactos. Não perdera coisa alguma e seguia a vida como contador, dono do próprio negócio, sem funcionários, prestando serviços a várias microempresas que precisavam de sua habilidade. Vivia de trabalhos menos opulentos, mas vivia. Teve de fazer alguns cortes, enxugou alguns excessos para não ter de mexer em suas economias, ainda que não tivesse de suar para somá-las. Então, cabe aqui a pergunta: onde há justiça nisso tudo? O homem praticamente saiu ileso e continua a seguir incólume pela vida? E eis aqui a diferença entre o imediatismo, a reação e a justiça. O imediatismo pressuporia uma morte, o que, convenhamos, seria muito mais um benefício do que uma punição — ou, ainda, a perda do dinheiro e o dobro de anos mendigando ajuda ou sendo o estorvo encarnado. Não, isso não nos interessa. A reação seria o grande empresário descobrir-lhe o plano, processá-lo ou encomendar uma

surra para que estivesse exposta em sua pele ou em sua alma toda a dor que causara em Sabrina. Não, podemos fazer muito melhor. Por isso, exus optam pela justiça, que, assim como o dinheiro, é um investimento muito mais rentável, muito mais prazeroso, honroso e digno. Não usamos da pressa, não reagimos, apenas provemos o encarnado de evidências suficientes para que ele possa se banhar com elas no momento oportuno. Tentei a crença com Pedro. Não tive o resultado esperado, mas, graças à fé alheia e a todas as entidades a seu favor, ela agiu sobre ele de uma forma justa. O homem vivia do perigo e precisava dele para sentir-se vivo. Pedro, como todo encarnado, tinha lá seus desvios e faltas, a lealdade lhe era algo um tanto quanto peculiar. Prendia-se a uma situação para que uma segunda ou uma terceira fosse valorada. Não sabia se ele tinha aprendido com a lealdade, portanto, seria o momento de redimir-lhe esse pecado e colocar o amor em seu caminho. Seria o momento de mexer com o seu coração como nunca foi mexido nos seus 40 anos de vida. Seria o momento de silenciar-lhe a ganância e testar suas honrarias. Às vésperas de completar 41, que presente seria melhor que aquele? Uma doçura para sua alma e outro teste para seu caráter falho. Embora não aliviassem suas faltas, ainda assim seriam melhores que acumulá-las como quem infla um inferno todo de podridão.

Diana era a encarnação da meiguice e a perfeição em pessoa. Tinha um coração gigantesco, uma inteligência aguçada e uma lealdade sem precedentes. Trazia claro suas cicatrizes e também algumas portas abertas a testes, porque todos nós somos testados até o último suspiro. Veio ao mundo em uma família rica, que tinha lá seus excessos e suas perdições, e foram caindo ano a ano, até beberem a água do meio-fio. Uma jornada interessante, com temperos de amor, aventuras e mortes. Sua mãe é quem trazia o ouro de uma família forte no mercado de tecidos, cujas lojas se espalhavam pelo centro de São Paulo desde a década de 1930. Seu pai era um batalhador, que sustentava as irmãs e a mãe, porque o avô sumira desenganado e com responsabilidades demais em sua vida. O homem conseguiu faculdade e o coração da garota mais linda da universidade. A família dos tecidos abraçou-o como filho, e ele endossou o talento do sogro, assumindo a frente nos anos 1980 e liderando com sucesso, por quase 15 anos, cada níquel ali conseguido.

No final dos anos 1990, tudo começou a mudar pelos caminhos misteriosos da vida. Fosse pela concorrência ou qualquer outra coisa, fato é que, em 1998, das 11 lojas, apenas uma se arrastava e não dava ares de longevidade. Diana nasceu no calor ainda das riquezas, no começo de 1983. Conheceu a Disney enquanto a maioria vivia apenas dos carrosséis nos subúrbios das cidades grandes. Tivera sua babá, seis refeições diárias e um motorista só seu pelas ruas do Jardim Paulistano. Conhecia a pobreza com as histórias dos empregados e não cria que

naquela época havia famílias que não tinham um aparelho de TV. Estava em uma bolha, protegida dos vermes e das baixezas do mundo.

No entanto, ela estouraria quando a menina completasse 15 anos e seu sonho de conhecer a Europa ficasse no chão devido à falência de tudo. De repente, tudo sumiu. O casarão da rua Colômbia, os carros, o motorista, a babá. E viu que realmente havia famílias sem TV. Em uma tarde de agosto, ouviam-se seus passos pelo casarão vazio, ecoando o nada, porque era o nada que estava ali. Sua mãe chorava no topo da escada, sentada no mármore carrara, enquanto o pai desfrutava do último gole de uísque, sentado no jardim, no banquinho que enfeitava o gramado. Estava descalço, com a barra das calças dobrada até os joelhos. Não havia gelo em seu copo, e o gosto do destilado ainda evaporava em sua boca quando sacou o revólver e se tirou daquele inferno, indo vagar no vale dos suicidas, adiando seus pecados.

Diana se assustou com o estampido e ouviu os passos rápidos da mãe, que urrou sem saída nem chão. A menina se transportou para as ruas limpas da Disney, ajoelhou, tampou os ouvidos e desejou sentir o cheiro doce de lá. Queria escutar os sorrisos dos sonhos. Naquele momento, fez um pacto consigo mesma, de que a vida seria como um parque de diversões e ninguém a poria para baixo. E decidiu que dependeria apenas de si para ser feliz ou para chorar. De certa forma, Diana tinha as suas forças quase inabaláveis. Contudo, aos poucos, foi desenvolvendo um mundo paralelo, em que se fechava diante de qualquer problema. Ela ignorava as mazelas e as desgraças da vida não como um preto-velho sabia fazer, dando-lhes a mão e amansando-as com seu amor e seu coração interminável. Não, longe disso. Ela ignorava-as a ponto de esquecer e fingir que a realidade não era aquilo. Punha o problema para debaixo do tapete e tinha uma habilidade de purgar o mal, olhando para o lado contrário e não o sufocando com a forma mais adequada.

E assim ela cresceu. E também fechou os olhos aos 18, quando a mãe, em uma depressão que já se arrastava por anos, desde a perda de tudo e do marido, e desde a chegada à casa de cinco cômodos da irmã solitária, que sorria de braços abertos às duas, na zona norte de São Paulo. A mãe tomou um cômodo para si e não saiu mais dele. Foi Diana quem a encontrou e já havia duas mortes em seus ombros, mas ela, do seu jeito, também se ajoelhou, tampou os ouvidos e consolou a tia.

A mãe foi enterrada em uma cerimônia sem velório, somente com as duas presentes e com as economias da dedicada moça, que se esforçava com as comissões na joalheria e tinha um futuro muito bom com seu sorriso e sua doçura. Era apaixonada por plantas e se formou em Biologia aos 24, contudo tinha certeza de que seu diploma ficaria para um passatempo nos fins de semana, já que havia sido promovida à gerente e agora podia ter sua vida nas rédeas. Foi nessa mesma época que a tia adoeceu e também decidiu partir. Aqui, Diana não precisou fechar os olhos e as percepções. Tinha uma auditoria na joalheria e não podia sair. Pediu que o hospital tomasse conta do que poderia tomar e a enterrou na manhã seguinte. Olhou para tudo e sabia que aquela casa cheirava à morte. Poderia ter seguido adiante. Fechado tudo e respirado a vida. Mas não. Decidiu que ficaria ali e que mudaria cada canto da casa, que tinha lá seu charme dos anos 1940, com sua escada de madeira e alguns mimos europeus dos gostos peculiares da tia, pianista de mão cheia, que mantinha um lindo Bösendorfer logo abaixo da escada e outros bibelôs alemães. Doou os móveis e redecorou a casa. Sentiu-se orgulhosa de si mesma. Preferiu manter a morte ali e virar a página.

Era um modo diferente de enfrentar a realidade. Mantinha esse apego, talvez com medo de perder algo, mesmo que este algo fosse ruim a ela. Tinha esse fôlego e essa disposição para jogar energias em situações infrutíferas. Enfim, Diana sabia como fingir à tristeza: ela simplesmente não olhava para ela, mesmo que em nossa evolução,

muitas vezes, precisemos andar com as desgraças, beber com elas, aprender com elas. Não. Diana não trazia essa predisposição. Deixava que o silêncio prevalecesse e que a vida seguisse como viesse, acumulando mágoas, desenganos.



E aqui temos um caso interessante, porque não havia ganância, nem poder, tampouco egoísmo, mas o que diferenciava o egoísmo do autoabandono? Não havia distinção entre quem pensasse somente em si e aqueles que pensassem somente no outro. O egoísta acabava abandonando a todos em detrimento próprio, ao passo que os daqui acabavam abandonando a si próprios em detrimento alheio. E que bela combinação. E que belo desafio. Por que não unir o egoísta com a altruísta? Por que não juntar dois obsessores para que possam mostrar um ao outro como ter um pouco de cada e seguirem em equilíbrio? Seria o momento ideal para que as portas fossem fechadas e cada um tivesse a sua redenção.

Quando uma alma se finca como insegura, os exus veem nela o erro, pois a segurança é uma forma de evolução. Uma alma insegura comete os pecados alheios, não deixa que outros seres evoluam e, assim, interrompe a subida de duas almas. Há que se ter amor, principalmente o próprio, para que mais amor seja dado, seja doado. Tudo ocorre com as outras formas de benevolência. Esquecer-se de si mesmo é um erro fatal. É cometer os enganos dos outros. Não se pode andar com os pés de outrem, bem como não se pode evoluir pela vida de um terceiro. Cada vida tem seus percalços e seus aprendizados. Tão ruim quanto pensar somente em si mesmo é pensar somente no outro. Os obsessores se enganam quando pensam que ajudar somente quem pede ajuda é uma forma de evolução. Não. Há que se ajudar também, e primeiro, a si mesmo, para que o caminho da evolução flua sem interferências e sem outros obstáculos que a vida pode e vai colocar no trajeto. Não acerta quem não se ajuda, erra quem somente se ajuda. A diferença praticamente inexistente. Há que se ter o equilíbrio para que a neutralidade seja a liberação da euforia e o apazíguo da desgraça. Ninguém evolui sozinho, os exus colocam vidas em seu caminho para que elas sirvam de lição e de exemplo na nossa caminhada. As Leis Divinas nos mandam desviar o correto, para que o correto aprenda que os desvios existem. As Leis Divinas nos mandam endireitar os turvos, para que eles aprendam que a correção é o melhor itinerário. Nesta vida, sempre existem as duas maneiras, sempre existem os dois pensamentos, os dois sentimentos. Para que um ajude o outro; para que

um atrapalhe o outro com o intuito do aprendizado. Os exus ensinam que o justo um dia já foi injusto. Que o digno um dia já foi indigno. Que o altruísta um dia já foi egoísta e que o caridoso um dia já foi ganancioso. Não existe uma vida pautada apenas na perfeição. Todos os encarnados já vagaram pelas sombras dos vícios. Os que lá permanecem nós ensinamos, mostramos e educamos. Quem se recusa a aceitar volta para o fim da fila e recomeça. Quanto maior for a negação, mais pesada virá a nossa cobrança. E resiste quem se abala, mas não atravanca. A dor faz parte do processo, a dor é útil, é mais útil que o amor, porque o amor sem dor é uma ilusão, já a dor sem amor é uma constatação. Negar a dor é negar a evolução. Negar o ensinamento é negar a vida. Negar a ajuda é negar o futuro. E o que é uma vida sem futuro e sem evolução? É nada. E nada não pode prevalecer, porque o mundo gira e traz benefícios, desafios e recompensas. Não conseguimos desafios gratuitamente. Quando aparecem, é porque existe um aprendizado em sua conquista. Não existe mundo sem benefício, ele só se revela quando a boa ação vem sem intenção que não somente na irmandade. Não existe recompensa sem dor e sem benefício, porque ela é a justiça encarnada e a dignidade pura. Nossas honrarias ficam com os que apanham, mas se levantam. Nossas honrarias ficam com os que sofrem, mas sorriem. Nossas honrarias ficam com os que bebem o azedo e imaginam o doce, porque são os glorificados. Exus do mundo já caíram com a dor e já se levantaram com o ego no chão. Seguem hoje passando a lição da justiça e da prosperidade pautada no amor-próprio e na doação a quem precisa. Trazemos o ouro a quem sabe distribuir. Trazemos o amor a quem sabe amar. Trazemos a justiça aos que veem nela o ideal e presentemos com dignidade quem a merece. Saiba amar, saiba distribuir, saiba ser digno, saiba ser justo, e exus do mundo serão seus eternos guardiões, porque nosso orgulho vem de quem já tomou os vícios do mundo para si com a mesma voracidade que os largou em

cada esquina sombria desta vida e os nega e os negará em detrimento da honra, da justiça e da dignidade. Em nome de todos os protetores do mundo, eis-me aqui, sou eu quem decide quando e como.

Nada, absolutamente nada ou ninguém é inútil nesta vida. Seja como espelho, seja como repúdio, cada pessoa ou situação vai aos encarnados como uma forma de evolução. Nada é descartável, nada é desconsiderado. Pensamentos são o ensaio e já refletem possíveis ações. As chances que aparecem são o prenúncio do sucesso ou do fracasso. Exus sabem se sim ou se não e tentam, a todo instante, uma melhor forma de evolução, sempre pautada pela dor. As cicatrizes na alma ajudam na decisão. Há os resistentes, há os bons alunos e há os teimosos. Os resistentes nós amansamos, os dedicados nós provemos, os teimosos nós surramos. Surramos com a vida ou deixamos um outro obsessivo em seu caminho.

O encontro de Pedro e de Diana beirava o romance perfeito e daria a ambos um brilho promissor em suas vidas. O acaso sempre é a melhor forma de justificar o destino. Ela trabalhava em um shopping center na zona sul de São Paulo, tradicional aos ricos de berço, e ele tinha essa predileção pelo bom gosto e pelo requintado. Não há pecado nesses caprichos, desde que isso não corrompa seu coração. Pedro tinha a mania de caçar mulheres ricas para investimentos, mas eu conseguia livrá-las da armadilha e também livrá-lo da estagnação. Sua evolução precisava de uma alavanca forte e firme, e nada como um relacionamento sólido e promissor para tal.

Em um sábado de verão, estava o homem com seu novo aparelho de celular, recém-adquirido, além do café, em um quiosque perto de uma joalheria. Diana precisava de uma água e de apenas dois minutos. Saiu

da loja, parou no caixa do mesmo quiosque e se virou, no instante em que Pedro repetia tal ação. Fácil e divertido. Estavam conectados. Ele sorriu, ela também, mas baixou o olhar. Pedro sentiu algo diferente do que vinha sentindo nos últimos anos. Não lhe foram as partes baixas a ficarem acesas, foi aquele calor diferente no olhar doce e misterioso. Ela não saiu do local, porque sabia que ele iria até ela. Ele se levantou resolutamente e seguiu até seu encontro. Parou a dois metros dela, cumprimentou-a, disse que seu sábado estava completo e perguntou-lhe o nome. Apresentaram-se em um aperto de mão suave e prolongado. Ela não largou, nem ele.

— Você continua segurando a minha mão — disse ela, corada.

— Você também, mas não quero soltá-la. Posso lhe pagar um café? Porque a água você já tem.

— Claro, Pedro.

— Boa memória a sua, Diana.

— Só para o que me interessa — e não creu que tinha dito aquilo, corando de novo.

Ele percebeu a espontaneidade, pediu mais dois cafés e se sentaram. Mal se conheciam, mas parecia uma parceria longeva. Ambos se sentiram em casa e, pela primeira vez, Pedro amaria alguém. Talvez fosse pela insegurança premeditada dela — Diana não era previsível e parecia brincar com os seus deslizes. Era outra pessoa com ele. Já Pedro se sentiu estranho, pois ela o intimidava mesmo sem ser uma ameaça. Ficaram ali por quase duas horas, e Diana não se importou com o trabalho, porque tinha o controle visual da pouca clientela do sempre fraco janeiro, além da torcida das meninas, que acenavam de longe, cruzando os dedos para que ela fosse feliz. Ela não acreditou na idade dele, nem ele na dela. Preenchiam cada qual um nicho interessante, e ela acreditou que estaria na cama dele naquela noite, mas foi ele quem não quis. Pedro estava diante da mulher mais fascinante de sua vida e tentou

se lembrar se algum dia sentira tudo aquilo. Não, não sentira. Talvez porque ele a respeitasse, fosse por sua inteligência, fosse por seu gosto similar ao dele. Jantaram no mesmo dia e se viram no domingo. Trocaram mensagens na segunda e se reencontraram na terça, quando tudo aconteceu no apartamento dele e ela aprovou o café da manhã na cama.

Começaria aqui um ardente caso de amor e paixão. Ela estava irreconhecível, ele parecia outra pessoa. Sabrina talvez tenha sido uma excelente professora, porque Pedro tinha uma dedicação quase obsessiva por Diana, que não sabia como se amar e compensava essa fragilidade nos carinhos excessivos do namorado. Flores vinham semanalmente. Ele a buscava em casa e a levava de volta diariamente, e combinaram que não viveriam como casados até que realmente assim fossem. Pedro a supria de todos os mimos. Presentes, atenções, surpresas, restaurantes, roupas, enfim, tudo parecia fluir bem e fluiria por mais de dois anos.

Foi em uma noite de outubro, em um restaurante francês, que o garçom trouxe o champanhe com as alianças e, ao som de Sinatra vindo do piano, ela disse sim. Na semana seguinte ao pedido, ela pôs a casa à venda, e resolveram começar a vida no apartamento dele. Casariam dali a seis meses. Pedro, aos 43 anos, e Diana, com seus 28, teriam uma cerimônia simples, com duas amigas dela como testemunha e um almoço no bistrô preferido do casal.

Naquele 2013, fiz questão de duas coisas: provê-lo do dinheiro, porque Diana merecia uma bela viagem de núpcias, e Pedro tinha a intenção de finalmente conhecer a Europa; e testá-lo com seu vício maior, a lealdade. Ora, o homem vinha se saindo muito bem, dois anos e meio de namoro sem desvios nem enganos. No entanto, a pouca ousadia da moça entre quatro paredes e no escuro, em algum momento,

seria testada. Não há desculpas para atalhos. Sempre que o pegamos, temos alguma intenção.

A procura pelos serviços de Pedro nas declarações de impostos quase triplicou, e ele tinha sua cabeça obcecada com isso, além, claro, das boas intenções. Pedro estava virando noites e noites, fazendo uma minifortuna para dez dias de Europa, e realmente não tinha seus pensamentos voltados a outras distrações. Até que, em uma tarde de março, seu telefone tocou, e uma voz rouca e sensual ressoou do outro lado, perguntando sobre seus serviços. Era a prima de um cliente seu, que também precisava fazer sua declaração. Mercedes era seu nome, e tinha um sangue latino forte. Recém-divorciada, com uma pensão gorda e sem iniciativa a nada, tinha de contratar o melhor para desenrolar tudo o que precisava ser desenrolado. E o melhor era Pedro, seu talento, sua disponibilidade e sua atenção o precediam. Era referência no assunto e saberia dar a ela o que ela precisava.

Ela tocou em seu escritório, e ele quase caiu para trás ao sentir aquele Chanel N°5 invadindo a sala, com seios firmes e pouco revelados. Pele morena, cabelos negros e olhos verdes. Colocou-o a nocaute. Ela sorriu um sorriso malicioso, porque sabia que seduzia assim. Deram-se as mãos em cumprimento, e ele se excitou com a presumida cautela da moça. Sentaram-se, e aquela voz ressoou por todos os 20 m² da sala redecorada por Diana. Pedro engoliu a seco e já se traiu ao abaixar o porta-retratos da futura esposa. Mercedes percebeu e sabia que havia ali mais do que um profissional, havia alguém experiente no assunto, precavido e mal-intencionado, o que também a excitou, porque o homem era tudo o que seu ex-marido não era. Tinha inteligência, bom-humor, segurança e um perfume cítrico ideal, endossando a aposta de Diana. Ela expôs o problema e ele, honestamente, revelou que nada sairia errado. Ela fez questão de pagar adiantado, mas ele recusou, dizendo não ser digno aceitar antes o que viria no momento certo para

ser recebido. Ela entendeu e sorriu sem corar, e ele percebeu. Gostava de quem não corava, porque era uma demonstração de firmeza e autoconfiança.

Foi inevitável: ele acabou comparando-a à Diana, que poderia ser doce, mas possuía uma timidez quase irritante. Era inteligente, porém não usava decotes. Era pouco ousada no amor, e o pouco tempo ali com Mercedes já a punha debaixo do edredom. Despediram-se, e foi ela quem o incentivou em um beijo discreto na bochecha. Pedro ficou empolgado, sabia que não podia, mas ficou. Acabou anotando seu celular, porque precisava, mas colocou “senhor” em vez de “senhora”, o que já entregava suas mais profundas intenções. Mercedes saiu levando tudo o que podia, principalmente a libido do contador, que não conseguiu disfarçar o semissorriso enquanto ela virava a esquina.

Quando voltou à sala, estava intrigado com tudo, e percebeu que Diana havia sido sua única mulher naqueles dois anos e meio. Não se dera conta até aquele momento e sentiu um orgulho imbecil disso. Não se pode se orgulhar por ser honesto ou leal. Não tem mais valor quem se reconhece no bem de quem não. Ficou empolgado e decidiu passar o trabalho dela na frente. Mas não poderia começar, porque tinha de pegar a noiva no trabalho. Como de costume, sentou-se no café onde se conheceram e lá ficou.

Quando Diana apareceu, com aquele seu sorriso doce e olhar meigo, Pedro procurou pelos atributos que estiveram em sua sala havia pouco, e não os encontrou nem os encontraria. Quase conseguiu esconder a sua decepção. Não havia ali uma moça sensual, não havia ali uma garota que exalava sedução, não havia ali um decote ou um Chanel N°5, havia, sim, uma garota fina, elegante, com perfume nacional e apaixonada. Ela o sentiu meio distante, e ele deu o alibi do cansaço. Ela, em um gesto surpreendente, apagou as luzes e o seduziu como sabia. Pedro aceitou porque nunca recusaria aquilo, mas estava muito mais empolgado que

de costume. Diana se assustou com a rapidez com que tudo aconteceu, justamente porque o noivo alegara cansaço. No entanto, não era a noiva ali com ele, Mercedes povoou seus pensamentos e suas ações o tempo todo. Era ela ali, no escuro. Era seu cheiro ali em Diana, era tudo dela ali. A noiva sorriu feliz, dizendo que o conhecia como ninguém, e ele não conseguiu falar coisa alguma, porque a realidade estava de volta e a certeza de que sua certeza acabava de ser certeza naquele instante. Em dois anos e meio, foi sua melhor história, e aquilo que deveria preocupá-lo não o abalou.

Naquele instante, soube que precisava de um relacionamento para ter outros. Que a lealdade não era seu forte e que precisava ver Mercedes o quanto antes. Pela manhã, um remorso repentino tomou-lhe a alma quando Diana lhe trouxe o café na cama, agradecendo a noite que tiveram, que foi bom ela ter ficado ali naquela noite, mas que não o faria mais, para não o atrapalhar. Ele sorriu e teve uma sensação boa de companheirismo, porque era o que Diana sabia fazer de melhor, abandonar-se e pensar nos outros. Aliás, pensar em Pedro era o que ela mais fazia. Nunca diria, mas agradecia a Deus diariamente por tê-lo em sua vida, pisava em ovos para não o chatear, e conseguia isso já havia dois anos e meio. Sabia que, com esforço, conseguiria manter aquela relação estável para sempre.

Ele a deixou no trabalho e seguiu para sua sala. No caminho, “senhor” Mercedes ligou, e seu coração deu um pulo de alegria. Ele atendeu, e teve de colocar uma multa por tal infração como aviso, mas ele não perceberia — nem ligaria se percebesse. Falaram bastante, e ele confessou que entregaria tudo ainda naquele dia. Ela agradeceu e pediu que a avisasse assim que tudo estivesse pronto. “Um beijo, meu querido” foi o que ficou em seus ouvidos até o escritório. Pedro nunca cantava, mas naquela manhã ele o fez por quase três horas ininterruptas. Pulou o almoço e conseguiu, em quase quatro horas, desenrolar tudo o que

precisava, passando uma dezena de clientes da frente para trás, sem ética nem ressentimentos.

Às 15 horas, ligava para Mercedes, que sorria na voz enquanto dizia estar na depilação e que passaria lá no fim do dia. Pedro desligou, sabendo que nenhuma mulher falaria aquilo sem outras intenções. Foi almoçar e se lembrou de Diana ao ouvir o carro da pamonha urrando pela rua. Ligou para ela, disse estar tudo bem e, sem notar, desligou depois que ela falou que o amava. A noiva tornou a ligar, enfatizando que o fazia de novo só para dizer que o amava. Ele respondeu que a amava também, e o carro da pamonha já havia virado a esquina.

Pedro voltou com seus pensamentos e se sentiu vivo. Aquelas aventuras o deixavam eufórico, e sabia que Diana era a causadora de tudo. Não fosse por ela, nada daquilo teria sentido. Era como um amigo a quem confiar segredos. A quem contar casos e receber elogios. Ele a olhava com um certo poder de conseguir esconder seus atos ilícitos e quase jogar-lhe na cara que nem ela nem ninguém poderiam ter acesso às escusas ações nas esquinas da vida. Um domínio imbecil e infrutífero, como se fosse Diana sua inquisidora, seu carrasco mais sádico, e ele a punia por não ser como ele queria ou por ser ela a responsável por ele ser assim. Tentou se concentrar nos trabalhos e até conseguiu finalizar mais um, sempre olhando o horário e checando o celular.

Eram 18h15 quando a campainha soou e o cheiro do Chanel N°5 passou antes, por debaixo da porta. Ele sorriu, mas tinha a certeza de que Mercedes o avisaria quando estivesse chegando, mas não, ela era como ele: segura e firme em seus propósitos. Ele abriu a porta e a viu em um vestido curto, exalando intenções lascivas e contidas. Pedro não pensou em nada mais a não ser arrancar-lhe a roupa — e o fez com a imaginação — e não a deixaria ir embora até que ela implorasse que ele a devorasse ali mesmo. Deu-lhe um beijo na bochecha, e ela aceitou o

café. Tomou-o enquanto Pedro lhe mostrava os documentos e a gorda restituição que receberia.

— Bem que meu primo disse que você era o melhor.

— Imagina, foi um prazer.

— Foi?

E aquela pergunta fez-lhe corar. Ele, que nunca corou na vida, recebia os louros do reconhecimento e da ambiguidade. Ela percebeu e se excitou ainda mais quando, sem querer, percebeu que havia um porta-retratos de uma menina meiga ali. Foi o estopim de tudo.

— Sua esposa?

— Quase.

— Quase? Já marcaram?

— Junho.

— Em breve então. E vai se fechar apenas a uma só?

— Não sei.

— Está na dependência, não é?

— Dependência?

— Sim — levantou-se e foi até ele. — Na minha.

E se colidiram em um fervor gigantesco. O Pedro, tão apagado por dois anos, voltou em uma erupção voraz. Diana sumira totalmente dali. Ele não pensou nela, nem pensaria, porque o telefone tocou várias vezes, enquanto ela o esperava no café como em todos os dias. Mas não havia como Pedro atendê-la, tinha seus compromissos com suas necessidades e com suas faltas.

Não pôde crer que Mercedes estava nua ali e dizia que ele seria seu cachorrinho, que ele lhe seria fiel até quando ela quisesse, como se tivessem um pacto de vidas passadas, e ele a aceitou. E aceitaria, porque ela valia a pena, porque a noiva endossava tudo e chegou a culpá-la pela falta de ousadia, o que sobrava naquela mulher. Pela primeira vez, em dois anos e meio, Diana voltou sozinha para casa, preocupada com

Pedro, que depois lhe telefonou, dizendo que esquecera o celular no carro e só percebera naquele momento, em vista do trabalho excessivo que tivera à tarde. No geral, ele não havia mentido. Mas teve de dar mais duas explicações do porquê a linha do celular estava ocupada naquela noite, alegando serem os clientes preocupados com o prazo, enquanto trocava conversas lascivas com Mercedes.

Na manhã seguinte, ele se pôs em débito com Diana e julgou melhor surpreendê-la em casa. Ela sorriu feliz ao vê-lo ali com as flores do remorso, e ele prometeu almoçar com ela naquele dia. E realmente iria, não fosse pela presença de Mercedes, que levava bombons e pediu que fossem dados à Diana, que parecia uma boa moça. Ele concordou, mas cancelou o almoço e o estendeu a um quarto de hotel pela Paulista, porque a mulher dizia não ser garota de motéis. Foi uma tarde onerosa, porque Pedro teve de recuperar o trabalho atrasado e refazer duas vezes as declarações do dia, pois conversara com Mercedes até de madrugada. O fim de semana chegou e, com ele, o primeiro impasse: a abstinência. Pior. Foi ela quem o rechaçou, quando ele, em uma escapada ao banheiro, telefonou a ela.

— Seja ao menos respeitoso com Diana e trate de dar-lhe atenção.

E desligou. Ele se excitou com a brincadeira e voltou a ligar à amante, que repetiu o que disse e acabou por desligar o aparelho para que não se falassem até o fim de semana acabar. Diana notou uma certa inquietação e irritabilidade no noivo, porém achou que o cansaço dos dias fosse o causador de tudo. Disse que entenderia se ele quisesse descansar, no entanto, era doce demais para que ele a destratasse. Ele a traía, mas, em seu íntimo, rechaçá-la seria de uma indignidade sem precedentes.

Os dias passaram, Mercedes recebia Pedro em casa todas as noites. Viviam como casal. Ele cozinhava, e ela retribuía com massagens nos pés. E ficavam juntos até Diana sair do trabalho, porque Mercedes dizia

que a garota tinha esse direito. Enfatizava que sabia dividir e que Pedro deveria ser bom a ela. E ele era; fora a deslealdade, nada lhe faltava a não ser respeito. Era feliz com Diana, que lhe ajudava com tudo, dava-lhe o carinho de mãe, mas não de amante. Passava sua roupa, fazia seus pratos preferidos, mas dormia à noite cansada ou fazia o trivial, com Mercedes entre eles, porque Pedro não conseguia mais encará-la. Deu graças porque o escuro sempre estava ali. Chegou a presentear-lhe com um Chanel N°5, para que ao menos seu aroma se assemelhasse ao de Mercedes. Funcionava, e entrava nesse caminho sem volta.

Um dia, a vida cobraria, e estavam envolvidos. Ele desejava Mercedes, mas tinha lá seu respeito por Diana, não queria desapontá-la. Na verdade, seu ego não suportaria reconhecer-se na canalhice. A noiva notou que ele mudara, mas ficava confusa, porque os mimos, os presentes e as ligações dizendo que ele a amava haviam aumentado. Era quase um hábito comum entre ele e Mercedes. Em cada encontro, ela fazia questão que ele ligasse, lembrando-a do sentimento respeitoso. Não percebeu o homem, mas era Mercedes quem estava no comando. Os presentes, os cartões, as flores, tudo isso ela pedia que ele provesse à noiva. E não. Era ela quem o queria para si, porque, no fundo, ela sabia que todas as mulheres, principalmente as de caráter, não desejavam dividir, sonhavam em ter alguém ao seu lado. E Mercedes sempre soube que Pedro não teria essa iniciativa. Se possível, manteria a vida dupla para sempre.

A vida, sempre a vida. Os exus cobram dela, e ela nos tem prestado contas invariavelmente. Estavam envolvidos, e cada vez mais Mercedes se via encurralada e suja. Chegou a ir à joalheria e pedir que fosse atendida por Diana, que usou seu talento natural, sua meiguice e sua doçura. A cliente decidiu comprar uma joia de preço elevado para que a comissão da gerente fosse justa. Diana agradeceu, mas disse que não era justo. Que a atendera com satisfação e que o valor seria repassado às

vendedoras. Mercedes teve de assinar o cheque e se despedir, porque não conseguiria conter as lágrimas e o remorso que abateram seu coração. Naquele mesmo dia, decidiu terminar seus encontros com Pedro, porque o amava e sabia que ele tinha excelentes momentos com ela. Um dia, chegou a revelar-lhe sua predileção por Gabriel García Márquez; imaginava que o relacionamento de ambos seria como o de Fermina Daza e Florentino Ariza, em *O amor nos tempos do cólera*, que se resolveria já no fim da vida ou em outro plano. Ela comprou o livro e lhe escreveu uma longa carta de despedida lembrando o quanto se amaram. Que ela o levaria para sempre e que ele seguisse seu caminho e suas escolhas, porque ela tentaria ser feliz com o que a vida lhe trouxesse. Não assinou e não datou, porque ele sabia quem ela era e quando viveram cada encontro. Em seguida, telefonou a ele e disse que acabara de conhecer Diana. A voz dele sumiu, ela conseguia escutar a respiração ofegante de Pedro e não se surpreendeu com a sua covardia. Teve a certeza de que havia feito a escolha certa, que nunca mais queria vê-lo, porque ela o amava, mas principalmente porque Diana o amava e não merecia aquilo tudo. Ratificou que se sentia imunda com tudo e que deixaria um presente em seu escritório. Pedro tentou dissuadi-la da ideia, alegando que ela era importante para sua vida, e Mercedes nada mais disse, apenas pediu que ele não abrisse a porta. Ela passaria ali e, se ele tivesse um pouco de respeito por si e por ela, que apenas tomasse o presente em mão, já que terminar uma linda história e uma eterna promessa com a poesia latina de Gabo seria simbólico e, quem sabe, premonitório.

E assim o fez. E assim aconteceu. Ela estacionou o carro, e ele não pôde ver seus olhos inchados. Pegou o livro e teve uma pontada no coração, porque sempre se lembraria dela e de toda a forma como ela o amou e como o respeitava. Ele sabia que nunca o leria, principalmente porque nunca lera um livro em sua vida. Mas aquilo seria o elo eterno

entre eles. Pedro tinha essa habilidade de atrair pessoas justas que, mesmo errando, sabiam reconhecer o desengano e mostrar a ele o caminho certo de tudo. Mercedes teve o que mereceu, a dor agora já era a sua punição. Quanto a Pedro, eu tinha outros planos melhores em seu encaço.

Quando um exu se envolve com a ganância de um encarnado ou com suas faltas, é como se o próprio estivesse cometendo os erros que cometera outrora. É como se a entidade tomasse para si a responsabilidade pela falta desse obsessor. Então, saímos em seu encalço para que possamos corrigi-lo, e a correção virá, da forma justa que deve vir. A justiça com a mão de ferro só se vê em dores pelos corações fracos e descompensados. Aos corações que suportam escutar o que é fato nada machuca, nada condena. Os obsessores que usam a soberba como defesa e pensam que passam imunes de nossas ações ficam tão certos de seu esconderijo torpe e frágil que nunca aceitam a queda. Podem estar com lama até o pescoço que vão negar até ao próprio Deus, dirão que são apenas carícias do destino e que em breve se livrarão com força. Ledo engano, ninguém se livra da justiça de um exu, e muitos dizem ser nossa ira. Ledo engano, nossa ira ficou no mundo terreno, porque aqui nossa ira se transforma em justiça e em merecimento. Quem vê nossa ira e a julga o faz porque não é digno nem de aceitar nossa surra. E quando a surra vem, ele toma para si como vítima e crê nesse julgamento, pois a conveniência e o ego sempre serão maiores que a realidade. Não importa, não temos pressa, a pressa é a inimiga do justo e namora o infértil e o indigno. Tomamos a justiça divina como nossa arma e surramos os obsessores de diversas maneiras. Surramos sua soberba com fogo, surramos seu ego com gelo, surramos suas falhas com farpas e surramos o parvo poder com ouro. E enterramos sua alma com todas as riquezas deste mundo. Com elas, ele

se banha, ele sorri e ele sonha, e por elas é capaz de morrer. O poder do obsessor teme a justiça dos exus, e ele cai ante o halo de nossa justiça. A fraqueza do indigno carece sempre de uma correção ideal, nem mais nem menos, ideal. E ela vem, aos olhos dos fracos virá a injustiça, aos olhos de Deus virá o compatível, aos nossos olhos virá o prazer. E gargalhamos das fraquezas pútridas dos obsessores que se julgam acima de tudo e de todos. A deslealdade é vista como uma falha temível, tão vil quanto o assassinato e o roubo. E não se equivalem? O desleal mata o digno. O desleal rouba a lealdade e bebe com traidores, que nada mais são que a escória de todos os obsessores do mundo. Nem mesmo os fracos, nem mesmo os soberbos, nem mesmo os imbecis conseguem conviver com o desleal. Traidor é o lixo da baixeza, o fedor das sombras e a vergonha dos impuros. Mil traidores valem menos que um fraco e caem com apenas um sopro divino. E agora seria hora de cair, porque eu sou exu, sou eu quem decide quando e como.

Seria uma mentira dizer que o coração de Pedro não estava destruído. A dor é autêntica, mesmo a enganos como aquele homem. O diferencial eram as consequências desses danos; a dor aparece como correção, como lição. Quem se faz de vítima com os reveses da vida, quem consegue nutrir dó por si mesmo em situações como essas certamente tem o egoísmo como base a tudo. E havia naquele encarnado um exemplo típico disso.

Ficou ali sentindo pena de si mesmo, em uma comiseração sem precedentes, pondo-se em um lodo de tristezas e miséria. Ficou ali com o livro nas mãos. Não o folheou — nunca lia, por que seria agora o inverso? Deixou-o intacto e assim o deixaria e se lembraria de Mercedes: como uma promessa, que ele realmente sabia que nunca se concretizaria porque era fraco demais para magoar Diana, mesmo que fosse para ser feliz, mesmo que fosse para seguir seu coração. E seu coração pertencia apenas a si mesmo. A incoerência de ser desleal com a noiva era maior que a verdade. Em seu poder de julgamento, a verdade seria cruel, e a verdade nunca é cruel, erro de quem pensar o inverso. A mentira sempre é dolorida, a mentira sempre é sádica. Se não é ela quem machuca sua alma e sua consciência, qualquer outro sentimento é equivocado. Não se podem julgar outras coisas que não a verdade.

Ele ficaria com seu parvo e limítrofe julgamento, pondo o mundo contra sua felicidade, e a si mesmo como um dos mártires da História. Buscou curar sua dor tentando contato com Mercedes, que havia decidido apagá-lo de sua vida e cortara qualquer ligação com ele. No

fundo, ela estava envergonhada por ter crido, por ter se envolvido e pela falta de dignidade do amante com Diana. Viu-se no fim da estrada como outra atropelada, e seria em questão de tempo, pois constatou que seria apenas uma estatística e cabia somente a ela o fim da viagem, já que, pelas atitudes alheias, percebeu que o trajeto não teria fim, seria monotemático, monocromático. Liberou-o, fazendo-lhe um favor. Pedro não teria cacife para bancar uma realidade, um rompimento. O poder da decisão, da escolha, a ele trazia peculiaridades interessantes. Tinha habilidades para dar outras cores a conceitos fechados; cada escolha a ele não implicava em uma renúncia. Pedro Augusto conseguia, ao mesmo tempo, escolher sem renunciar com um talento único, uma inteligência invejável e um caráter manco. E, quando a alma é podre, qualquer outra habilidade perde sua autenticidade.

Vamos encontrar o homem dirigindo mais cedo para casa e se jogando em sua depressão cômica. Colocou o livro no peito, abraçando-o, como se abraçasse a própria Mercedes, travando-lhe as ações e pedindo o impossível, com promessas falsas e intenções desonestas e incabíveis. Ficou ali, no escuro, tentando acalmar sua dor, soprando-lhe uma justiça imbecil e turva, enquanto Diana ligava, preocupada por seu sumiço e perguntando se tudo estava bem. Ele a atendeu com uma voz fúnebre, pedindo que ela entendesse um problema no trabalho com um dos clientes e que preferia ficar sozinho, perguntando depois se ela não se importava de voltar só naquela noite. Diana pediu permissão para vê-lo, mas ele queria apenas a sua dor e o seu sofrimento. Embora ela se preocupasse com seu estado, ele ficaria bem, só precisava de tempo. A noiva aceitou, preocupada, e o deixou com a sua busca.

Pedro tentou ligar mais duas vezes a Mercedes depois disso, mas nada. Perdeu o equilíbrio, andando desvairadamente no quarto. Corria de um lado a outro. Talvez pela dor, talvez pelo inconformismo principalmente de ser largado. Era seu ego berrando a rejeição,

berrando que ele não era tão bom assim, esfregando-lhe no âmago quão nojento ele podia ser, porque, no fundo, Pedro sabia que era isso e muito mais. Nada pior ao egocêntrico que ter seu ego no chão. E Mercedes o fez com tanta classe e dignidade que ele, simplesmente, não conseguia responder à altura. Precisava de um cúmplice aos seus desvios. Como ela se atrevia àquilo? Como podia agir de um modo tão honesto e respeitoso assim? Não. Não podia. Estava inconformado e sem chão. Só podia fazer uma coisa: ir até ela, e foi. Saiu sem pensar e dirigiu até seu prédio. Pelo caminho, tentava insistentemente, mas ela não atendia, nem atenderia, porque bloqueara seu número. Estacionou e foi desvairado à portaria.

— Boa noite.

— Mercedes, apartamento 54.

— Seu nome, por favor.

— Pedro.

— Pedro Augusto Neto?

— Sim.

— Sinto muito, o senhor não tem permissão para subir.

— Não tenho?

— Senhora Mercedes nos instruiu a barrar sua entrada. Sinto muito.

— Talvez tenha havido algum equívoco...

— Sinto muito, senhor. Não há equívoco algum.

Outro forte golpe no ego. Ela fazia o que ele deveria ter feito desde o início, em seus pensamentos: barrado qualquer intenção desonesta consigo, com ela e com Diana. Não havia outra coisa a ser feita senão começar a berrar por seu nome, pedindo perdão, como um louco desvairado, tomado de inconformismo, de dor, de autopunição e de um senso do ridículo. Uma cena patética e uma diversão aos quiumbas do universo. Jurando seu amor, o encarnado berrava que ela o perdoasse, ignorando os pedidos do porteiro, que chamava um segurança. E nada.

As pessoas começaram a aparecer e assistir àquele espetáculo gratuito de péssimo gosto, com atores pífios, roteiro pútrido e trama inconsistente. Vizinhos se amontoavam nas sacadas e nas janelas. Outros avisavam quem não estava vendo ou ouvindo. Pedro estava colado às grades, abraçando a si mesmo e agarrado à falta de bom senso. Uma cena pavorosa, humilhante e vergonhosa. Quando ele viu Mercedes rompendo o *hall* e vindo em sua direção, seu coração acelerou, e teve a certeza de que tudo terminaria, teria como explicar a situação e a vida seguiria seu curso natural, o curso natural de Pedro Augusto Neto. Ela parou em silêncio à sua frente, vendo-a digitar no celular um número, que mostrou a ele:

— Confere?!

Ele se estarreceu, mas pensou que ela não teria coragem. De tão egoísta, não poderia crer que nem todos tinham aquela mancha na alma. Mercedes chamou o número, pôs no viva-voz, e a voz doce de Diana ressoou em alto e bom som do outro lado. Os olhos ficaram estáticos, e tudo o que ele fez foi correr, porque somente isso lhe cabia naquele instante, porque somente os fracos correm dos desafios e da verdade. Somente os impuros fogem dela. Somente os indignos correm da realidade, fogem de si mesmos, porque não têm a força para encarar os próprios defeitos, os próprios desenganos. Pedro se pôs no carro ofegante, com o coração em terror, com a percepção turva, e não sabia o que fazer direito. Tentou recuperar a razão, enquanto as pessoas o vaiavam das janelas e sacadas. Precisava de uma ação cirúrgica. Olhou o relógio: tentaria pegar Diana no trabalho e desfazer o estrago que não sabia se Mercedes fizera.

Ligou a ela. Ela não atendeu. Seu coração disparou e sentiu que morreria. Ligou de novo. Nada. Ficou com a visão interrompida, sem ar, teve de parar para respirar e pulou de susto quando o celular tocou de volta e viu o nome da noiva brilhando na tela. Atendeu em um

rompante, assustando-a. Pelo seu tom de voz, tudo parecia bem, e estava, porque ela trazia ainda um tom doce na voz, perguntando se ele estava melhor, que ela estava preocupada. Quase chorando de alegria, Pedro disse que tivera um pesadelo e acordou em um sobressalto; pediu que ela o esperasse no trabalho, pois estava indo buscá-la. Diana tentou dissuadi-lo da ideia, porque temia por seu estado, mas ele disse estar a caminho e pediu que ela o esperasse. Ela o faria, e ele terminou a ligação quase em um pedido de perdão, dizendo que a amava para sempre, que nada nem ninguém os afastaria um do outro. Ela respondeu feliz e disse que foi a declaração mais sincera que escutara dele naqueles quase três anos juntos. Pedro desligou e berrou feliz em seu carro. Agradeceu por Mercedes ser boa e jurou a si mesmo que nunca mais faria nada de errado na vida. Que aprendera a lição e que os anjos — esta é a nossa parte favorita — o agraciavam.

Pedro chegou apenas 15 minutos depois de Diana deixar a joalheria e a abraçou como se fosse um reencontro. Que assim fosse, se ele preferia encarar dessa forma. Eles se abraçaram fortemente, e ele, sincero, pediu que ela passasse a noite com ele. Diana sorriu como criança e obviamente aceitou. Voltaram e se amaram como nunca. A garota se viu no céu, pois nunca recebera o amor que ele deu a ela naquela noite. Viu-se no paraíso, sentiu-se amada como nunca se sentira na vida. Doaram-se tanto que ela sugeriu um banho para relaxarem. E assim se viram debaixo da ducha, entre abraços e carinhos. Ela esfregou-lhe as costas, ele devolveu o gracejo. Ela saiu antes, e ele preferiu ficar mais uns minutos, precisava respirar aliviado. Deixou que a água batesse em sua nuca e agradeceu ao mundo por ter a vida, que nem sabia que amava, de volta. Saiu do banho, enxugou-se e perguntou a Diana se ela gostaria de pedir pizza. Ela não respondeu. Pedro achou estranho e repetiu a pergunta, desta vez saindo do banheiro, e quase o chão se abriu e o engoliu com a fúria de mil exus: envolta na toalha, Diana tinha um livro

aberto e uma carta nas mãos, e de seus olhos corriam aquelas linhas tão límpidas e tão verdadeiras. Eis-me aqui, eu sou exu e decido quando e como.

O fogo se alastrou pelo estômago, a boca ficou amarga, e Pedro se viu sem saída. Por alguns segundos, considerou contra-argumentar, no entanto desconhecia o teor da carta, desconhecia a carta em si. Era óbvio que havia tudo ali. Era óbvio. Pelo olhar de Diana, pela forma como a sua mão tremia, por sua atitude gélida e perdida. Pedro parou no batente, apoiando-se, porque certamente o chão se abria. Nem ele, que se amava, se adorava e se protegia, conseguiria perdoar-se por não ter folheado aquele livro. Diziam todos que a leitura sempre é útil, e ele não creu que, mesmo ela não acontecendo, poderia ter salvo a sua vida, a sua reputação e camuflar seus erros, sua podridão e sua canalhice. Viu-se na boca das amigas dela. Viu-se na boca de todos. Sua dignidade seria pisada com força, e tudo o que ele precisava era saber agora o que havia sido escrito ali.

— Diana? Tudo bem? — conseguiu mesclar a indiferença e a curiosidade no tom de sua voz e camuflar seu desespero.

Diana demorou para responder, havia lágrimas em seus olhos e uma decepção profunda em seus gestos. Ela não conseguia responder. Tentava balbuciar alguma coisa, mas as palavras não vinham, nem viriam. Pedro perguntou de novo, desta vez com um tom mais preocupado e vindo em sua direção.

— O que aconteceu? Por que você está assim?

Estava a poucos passos dela.

— O que é isso que acabei de ler?

— Eu não sei o que você leu. Eu não tenho a mínima ideia.

— Quem te deu este livro? Você nunca lê.

— Não sei quem me deu esse livro.

— Não minta pra mim, Pedro. Quem deu esse livro a você sabia muito bem o que estava fazendo, estava passando um recado a você. Quem escreveu essa carta?

— Diana, eu não sabia de livro — mentia. — Muito menos de carta — dessa vez era fato.

E sentou-se ao lado dela delicadamente, como se estivesse pisando uma mina, como se não quisesse despertar-lhe os demônios contidos naquela voz trêmula de tristeza, mágoa e inconformismo.

— Não me toque... Não me toque! — era seu urro, mas que lhe soava um sussurro.

— Eu preciso saber o que está acontecendo.

— Ora, Pedro, não me tome por estúpida, quem deu esse livro para você foi quem escreveu essa carta. Foi quem sabia o que estava fazendo e qual o recado que desejava passar.

— Diana, eu não sei do que você está falando. Se ao menos eu pudesse ler essa carta...

Ela a esticou até ele e se levantou. Ele viu que não havia nome nem data, e era disso que precisava para fortalecer seus argumentos.

— Sei, Diana, mas estou tão surpreso quanto você.

Ela ficou entre a incredulidade e a dúvida. Mas preferiu sua intuição.

— Que história você vai inventar para mim?

— Não há história para se inventar, mas são coisas que também me pegaram de surpresa. Senta aqui. Eu explico tudo a você.

— Estou bem aqui.

Sua cabeça funcionava com a rapidez dos talentosos e a habilidade dos mentirosos. Tinha a frieza necessária para tal. No entanto, não era isso o que me chamava a atenção, era a predisposição de Diana, que se pôs aberta à desfaçatez do noivo. Pedro manteve a serenidade de seu egoísmo e narrou uma história absurda de uma mulher de meia idade que se apaixonou por ele havia uns cinco anos — teve o cuidado de

colocá-la quando ambos ainda nem se conheciam. Relatou que era uma cliente e que chegou a persegui-lo na insistência, o que lhe rendeu um certo trabalho e cuidado, porque temia que sua reputação, sendo ele um autônomo, pudesse fazer seu futuro. Jurou que nunca tivera envolvimento com a cliente, contudo errou em um dia falar que a vida poderia ser justa a eles. Com sorte, ela acabou se apaixonando por uma pessoa e sumiu de sua vida havia tempos. O livro tinha sido um presente da época e, como ele não lhe dera importância, somente agora soubera da carta.

— Pedro, você quer que eu acredite nisso? É óbvio que não! É óbvio que isso foi recente. O livro está perfeito, cheira a novo ainda...

— Diana, espero que você acredite, porque é a única versão que tenho para dizer.

— Ora, Pedro. Por que este livro apareceu agora? Eu nunca o vi nesses anos todos em seu escritório.

— Justamente porque estava guardado.

— Mesmo guardado por tanto tempo, esse cheiro não se mantém. E sua depressão hoje? É óbvio que ela te deu o fora e você está com o coração partido. Por que este livro está aqui hoje? Agora?! Você ficou tão mal que não quis mexer nele, não me faça de imbecil... — dizia entre os soluços e o inconformismo.

— Diana, olhe para mim.

— Não.

— Olhe para mim — e assim ela o fez. — Esse livro apareceu aqui porque eu limpei o armário hoje. Sempre ganho coisas dos clientes. Até pensei que você gostaria de ler.

Ela sorriu ironicamente.

— Você sabe a história desse romance, Pedro? Conta a história de dois amantes. Ela compromissada e ele à sua espera. A diferença é que

— Você é o compromissado, e ela estaria à sua espera. Mas certamente teve a decência de não esperar e seguir a sua vida.

— Você tem que acreditar em mim...

— Pedro, você leu a carta toda? Não me chame de imbecil... Ela descreveu sua tatuagem nas costas, como ela poderia saber isso...

— Diana, qualquer um que se interesse por tatuagens e me pergunte algo não precisa vê-la. Basta que eu conte. E outra coisa, se realmente fosse algo forte entre nós, ela assinaria a carta, mas não assinou, e adoraria que tivesse colocado a data, para atestar minha inocência...

Ela sorriu de tristeza, inconformada com a sua negação. Sabia que a mentira estava em sua boca, mas aquela sensação de insegurança começou a lhe cutucar a alma. O casamento. O almoço. Seu sonho. E se fosse realmente verdade tudo o que acabara de escutar? Apesar das evidências, apesar dos argumentos dele e de sua tentativa, sua intuição a incomodava, sua intuição solidificava a versão real de tudo. Estava confusa, porque amava Pedro e estava com medo do que realmente tinha de fazer. E fazer o justo seria sumir de sua vida. Seria assumir seu fracasso. Seria ver-se frágil. Mais uma vez, os estampidos do revólver de seu pai apareciam. Mais uma vez, a morte de sua mãe. Mais uma vez, ver-se sendo o centro de tudo e ter de se ajudar punha-se à sua frente.

Ela não sabia mais o que pensar; mesmo sabendo que ele mentia, ela não queria que ele mentisse. Ficou zozona com tudo e pediu que ele saísse. Pediu que ele dormisse na sala e que a deixasse com sua dor. E foi isso o que ele tinha de fazer. Calou-se, levantou-se, pegou seu pijama, disse que a amava e chegou a pedir perdão por ter-lhe escondido o passado daquele jeito. Ela fechou a porta e se pôs a chorar na cama, mais pelo conflito do que pelos fatos, os tão dolorosos fatos que lhe cobravam um altruísmo a si mesma. Diana se punha em xeque e odiava que fizesse isso consigo mesma, porém tinha de fazê-lo. Era a primeira crise, com obviedades que fariam qualquer idiota lhe dizer que

estava certa, e ela agora não sabia mais o que pensar. Deitou-se de bruços e se cobriu com o edredom, tentando esconder a realidade que teimava em matutar-lhe as ideias, beliscando sua alma para que ela acordasse e crescesse com aquela dor. A dor é útil, assim como o medo. Sempre era benéfico a quem a abraçasse sem medo, porque tinha a consciência de ser o remédio da honra.

Agora, Diana se punha na balança e media com Pedro suas escolhas. A carta estava no chão, fechada. O livro se mantinha aberto, na página em que ficara, escancarando uma realidade a quem soubesse ler. No entanto, não se sabe quem se interessaria pela leitura, quem estaria disposto a ler e, lendo, quem creria, quem não, quem interpretaria, quem não. Pedro ficou com aquele gosto do nada em sua boca, temendo pelo que viria, pelo julgamento alheio, pelo ego machucado, que sofria outro murro, pela canalhice revelada. O canalha nunca se julga canalha. O canalha se esconde nas desculpas para justificar as ações. Chegou a cogitar uma injustiça por toda a entrega que dera a Diana e se achou o homem mais sortudo do mundo por Mercedes não ter assinado, por Mercedes não ter datado. Talvez ele soubesse que não era intenção dela prejudicá-lo, e ficou orgulhoso pela lealdade de suas mulheres. Julgou-se sortudo por Mercedes não ter contado tudo a Diana. Deveria ficar atento, porque ela tinha o número da noiva. Mas conseguiu se tranquilizar; se, no momento do surto, ela não cortou sua cabeça, em nenhuma outra situação ficaria predisposta a tal. Deitou-se na sala escura e por lá ficaria até o veredito. Não dormiria, não tinha sono, doíam-lhe as costas pelo nervosismo, e ficou remoendo a história em sua mente. Não conseguiu se perdoar por não ter folheado o livro. Definitivamente, a leitura não era sua amiga.

O que faria se Diana saísse de lá resolvida em parar com tudo? E o casamento? Sua reputação? Pensou se Mercedes não o receberia de volta caso Diana o rechaçasse definitivamente. Não soube responder. Pensou

em quanto economizaria se não houvesse o casamento. Tentava de todas as formas pensar em algo útil à desgraça, mas não estava conseguindo. Tinha a certeza de que amava Diana, amava sua lealdade, sua inteligência, sua dedicação. Ainda que deixasse a desejar no amor e nas sutilezas da carne, sabia que ela jamais o deixaria, sabia que tinha aquela predisposição à companhia e que talvez não encontrasse alguém tão altruísta em sua vida. Sabia que ela merecia mais, sabia que ela não merecia tudo o que ele escondia, mas, por conveniência, tinha certeza de manter longe os seus desvios, porque gostava do perigo, porque precisava dele, porque sua droga justamente era a sua canalhice, e ele se bastava em suas conquistas, em suas aventuras. Amava contabilizar histórias e revê-las na escuridão de seus pensamentos em uma noite de insônia, em um trânsito congestionado ou em qualquer outro lugar ou situação. Pedro Augusto Neto tinha essa sina de andar no limite do precipício, sem medo de cair, porque sabia, naquele instante, que, se escorregasse, Diana estaria pronta a resgatá-lo, e teve a certeza disso quando a porta do quarto se abriu, horas depois, e ela saiu nua de lá. Tinha um sorriso lascivo, ou tentava isso. Pulou em cima dele, dizendo que o que importava era que ela o amava. E se amaram como nunca. Ele não pôde crer, e ela também não. Entre a solidão da verdade e a mentira como parceira, Diana preferiu a segunda opção, porque era muito mais trabalhoso se ajudar, olhar-se, do que fazer isso aos outros. Naquele instante, ela se tornou mais uma vez o seu próprio obsessivo, e acabou se diplomando o de Pedro, que a recebia com louvor, e o assunto nunca mais viria à tona. Diana acabava de se jogar no precipício e creia forçosamente nas palavras do noivo, que enfatizou que a amava e que jamais a trairia.

A nós, exus, cabia aceitar a decisão do sofrimento, porque não saberíamos fazer melhor. Eles que, por enquanto, se sustentassem e se devorassem em seus defeitos e em suas escolhas. Acabavam de

renunciar o justo e em comum acordo. E como ensinar um indigno se Diana, nosso testa de ferro, abria mão de sua própria evolução e da alheia? Seguia com sua habilidade e talento de pensar no outro primeiro e depois em si. Desta vez, manteve a coerência, emperraria o aprendizado alheio e o próprio. Uma nova porta se abria no corredor de suas vidas, em conjunto. Se quisessem se abraçar nas mentiras e endossá-las por medo e por covardia, que criassem a própria forma de evoluir. Os planos agora seguiriam outros rumos. Eis-me aqui, eu sou exu e sou eu quem decide quando e como.

A questão do livre-arbítrio é muito particular. Desmenti-lo é uma farsa, endossá-lo muitas vezes também. Quando as entidades preparam seu caminho, cabe ao encarnado seguir com o combinado, com o acaso. Muitas vezes, a pessoa decide mudar o rumo, pegar um atalho, e acredita que está fazendo seu trajeto com as rédeas na mão. Não, não está. O livre-arbítrio existe para que o agraciado escolha o melhor horário para que aquilo aconteça em seus dias. De resto, somos nós quem decidimos. Há os que adiam, há os que adiantam, há os que se atrasam, há os que antecipam, e há as entidades que sabem o caminho natural para cada encarnado, para cada coisa se desenrolar em suas vidas. E aqui temos um exemplo típico do atraso. O exemplo típico do abandono, do descaso e do ideal. Diana preferiu esquecer as faltas do noivo pelo simples medo de seguir adiante sozinha. Pedro preferiu continuar abrindo as portas dos débitos como quem se julga protegido, como quem acredita que a vida passa despercebida pelo destino, pelos quiumbas, pelas entidades. Como se Deus fechasse os olhos e não designasse a nós a reação a cada gesto, seja ele bom, seja ele mau. O que muitos não entendem é que não existe o fim, existem etapas, e cada uma delas tem um fim, sim. A vida e sua continuação são eternas, os aprendizados também têm seus dias contados. Quando todos cumprem suas lições, tomam para si a lei do retorno, ficam aptos a seguir com a ajuda a quem ainda nega tal auxílio. Ter a consciência de que não existe uma vida sem sofrimentos e de que somente o bem é o caminho para a evolução já é uma ponte a ser cruzada pelo trajeto a ser feito. Quando se

deixa de estar e passa-se a ser, tudo se transforma. E o fim deixa de existir. Nossa vida é interminável, ela não acaba com a morte, a morte é apenas um estágio que marca suas colheitas mais firmes e determinantes. A morte indica continuidade, seja ao caminho da luz, seja ao retorno, até que o estágio da evolução esteja completo. Diana e Pedro entraram naquilo que chamamos de evolução em conjunto. Sem saberem, acordaram sofrer e punir. Bater e assoprar. Acordaram estimular o pior em cada um, testando-se talvez por uma vida toda, sem se darem conta de que tudo na vida, a não ser o amor, implode. Tudo o que se guarda, tudo o que se acumula, um dia implode. E, quando implode, nunca se sabem as consequências que se pode ter com esse desvario de sensações e de sentimentos. São energias ruins ricocheteando para todos os lados. Negar as lições, negar os aprendizados, evitar a dor e a verdade não é apenas um alívio e uma fuga. É escapar por um lindo trajeto que se encerra, sem volta, em um precipício fundo e estreito, com paredes espinhosas e um poço fétido e escuro. Diana e Pedro acordaram se dar as mãos e seguir juntos pelo caminho mais fácil, mais conveniente e mais tenebroso. A vida e os exus têm um carinho especial aos teimosos e pecadores, pois negar a lição é um risco muito alto que os ignorantes tomam para si. E assim a vida seguiria aos dois.

Diana e Pedro se casaram 40 dias depois dos fatos que quase culminaram em um rompimento previsto e com consequências prévias, que agora se acumulam e se espremem em um quarto escuro, apertado e abafado. Tal qual bactérias e fungos, elas crescem desordenada e descontroladamente. A hecatombe inevitável deixa o imprevisível sem rédeas, e deixar o imprevisível descontrolado é aceitar o nefasto.

O cartório do centro recebeu o casal como tantos naquele dia. Havia uma serenidade nos olhares mais ao alívio do que à esperança. Mentiria se dissesse que Pedro não ficou de olho, com a certeza de que Mercedes não apareceria e mostraria o óbvio a Diana. Arriscaria dizer que até a noiva rezou para que isso não acontecesse, porque justificar a resignação era como abraçar o estrume e sorver o veneno. Diana fazia isso como ninguém e sorria ao mundo, pois não conseguia sorrir a si mesma, porque ninguém mente para si mesmo. Até para o egoísta, que tem o amor em uma única direção, saber lidar com as próprias mentiras requer um talento excelente. E um conseguia enquanto a outra negava.

Assim, com uma dezena de pessoas, o casal assumia seus riscos e suas mentiras ao mundo. Assinavam o documento, atestando um amor inexistente e um caminho ainda mais florido e sem atritos.

Encontravam os espinhos pelo trajeto, arrancavam-nos e os atiravam longe, mas não sabiam que vida e mar se equivalem, que tudo o que se é arremessado à frente volta depois, com a força de mil demônios ou mil amores. Sorriam a todos e faziam daquele sábado frio de sol o que realmente teriam: um calor camuflado e uma beleza fria. Não usariam a

luz para iluminar um ao outro, não usariam o frio para se aquecerem e darem calor. Uniam-se na mentira e a proliferariam como a máxima de suas vidas, agora mais inúteis.

Existem certas diversões e comprovações que muitas vezes nos servem de apostas e de passatempo. Abençoar uma união que atravancaria ambos era como endossar os enganos, e um exu não endossa um erro, um exu o surra e o trata como deve ser tratado.

E foi a comitiva ao bistrô preferido do casal. Reservaram uma parte só deles e ali ficariam entre sorrisos e a promessa falsa de alegria e de fidelidade. Diana estava atenta a tudo e desenvolveu a mania de esconder-se sob qualquer suspeita de Pedro, que, ao menos em sua quarentena, não dava motivos a qualquer vista grossa da esposa.

E a vida faz coisas incríveis para testar, retificar ou ratificar. Deus, em Sua perfeição, nos deu não só a beleza e a natureza com seus benefícios infinitos, deu-nos metáforas que servem de aprendizado. Vemos isso nos casulos, por exemplo, vemos isso nos animais e vemos isso nas ondas do mar. E, se mãe Iemanjá^[8] crer que algo pode ajudar, ela nos presenteia de volta com as oferendas que melhor lhe aprouverem e nos couberem.

Com isso, temos aqui uma das meninas de Pedro, a ruiva empresária, aluna do curso de inglês, que a nós não cabe nome, porque é apenas uma ferramenta de evolução ou de atravancamento. Sumira, havia mais de dez anos, dos dias de Pedro e aparecia como recusa dos oceanos e a pedido de Xangô. A vida, ah, a vida. Quiseram o destino e algumas entidades que ela se regenerasse, aceitasse o marido com as suas ausências e se deixasse em paz. Quiseram os exus travarem duas avaliações, a dela e a de Pedro. Tudo fica muito mais tranquilo e convidativo quando se tem a gasolina e o fogo. Quando se tem o coxo e a beirada. E vamos encontrar um casal do outro lado do bistrô com a reunião nupcial a poucos metros dali.

Pedro estava entregue e seguro de tudo. Decidiu não pensar no casamento em si, tinha a viagem à Europa como forma de se redimir de tudo aquilo e tentar afogar o passado nas margens do Sena ou em Veneza. Já Diana, com o coração sempre tenso, punha um pé na relação e não sabia onde pisaria o outro. O garçom trazia o champanhe com o bolo, e foi no exato momento em que os olhares do passado se puseram com os do presente e se firmariam aos do futuro. A ruiva viu Pedro, que olharia a ela, porque o mundo se punha naquele vestido apertado e nas formas sinuosas daquela mulher. Não demorou para que ambos recordassem os dias intensos que tiveram. Ela havia se tornado mãe de gêmeos e agora dividia as mamadeiras com planilhas e outras chatices que ela jamais entenderia como aprendizado. Vendo-se, reacenderam somente os bons momentos que imaginaram terem passado. E passaram. Não entendiam os encarnados que a vida sem dor, sem problemas, sem mentiras ou enfrentamentos, nada mais era que uma planta de plástico, que tinha tudo, beleza, cores, menos realidade. Precisavam se autoafirmar mais uma vez e necessitavam de algo a mais.

Ele estava casado e de viagem marcada. Ela tinha a blusa manchada com a golfada do bebê, e ele, uma aliança no dedo. Mas o que seriam essas coisas senão apenas um incentivo? O que muitos tomariam como vida e escolha, eles tomavam como fatalidade e precisavam de um pouco de energia, de ar para tentarem entender que a vida tem, sim, as escolhas, mas saber fazê-las era algo muito diferente. Ao se reconhecerem, passaram a se encarar. O marido da ruiva estava ao celular, enquanto ela ninava o filho. Pedro estava com a taça de champanhe nas mãos, aproveitando a distração da esposa, que sorria com os amigos e contava nos dedos a viagem dali a seis horas. Não se sabe quem acenou a quem, no entanto, seria preciso e inevitável o que tinham em mente.

Ele se levantou e caminhou tranquilamente para o lavabo, que ficava no andar de cima, separando os dois banheiros. Os degraus de madeira rangiam as intenções, desembocando em uma cuba primorosamente retratada em uma louça colonial branca com toques vitorianos. O cheiro de lavanda e a torneira de bronze aromatizavam o ambiente, contaminando-o com um clima parisiense de início do século xx. Ele se prostrou ali, tentando lavar as mãos, antecipando o que teria em mente. Ela não demorou e pisou a ponta da escada. Trazia mais do que uma determinação, seu olhar era quase um pedido de socorro, e ela estendia mais do que sua mão, estendia o braço e tudo o que viesse colado a si. Ela ameaçou entrar no banheiro feminino, mas ele a colocou no masculino, invadiram uma cabine e se resolveram por ali. Aliviaram-se por ali. Ninguém conseguiu escutar, mas os berros ressoavam pelos quatro cantos do mundo, reverberando que o insucesso dominaria a vida de ambos e que, por escolhas e convenções, culpavam a vida e se punham como vítimas.

Não demorou, os cinco minutos que passaram ali foram suficientes. Ela pegou o batom e escreveu o seu número do telefone para eventuais resgates e salvamentos. Conseguiu se aprumar, arrumou o cabelo e entrou no banheiro feminino. Precisava sorver aquela aventura que acabara de ter, que acabara de dar. Ajudou Pedro a cair mais uma vez pelo precipício, e ele levaria consigo à Europa aqueles minutos que só lhe dariam mais sonhos e débitos. Respirou fundo, limpou o que deveria limpar, saiu da cabine e se deparou com Diana. Mas não a reconheceu, porque a ruiva só tinha olhos para o marido da moça no meio do grupo. Diana não. Percebeu uma movimentação estranha, deixou que a ruiva saísse e, para realmente acalmar-lhe a nova fase da vida, decidiu checar a cabine recém-usada. Nada. Respirou aliviada e disse a si mesma que estava ficando maluca e que precisaria olhar mais para si. Óbvio que não conseguiria, e percebeu que sua viagem seria

mais bem aproveitada agora, porque seu recém-esposo não havia ido se atracar com uma mulher nas celebrações matrimoniais. E isso a deixava mais feliz.

Pedro já decorara o número e lavava a mão, limpando o batom, quando Diana saiu do banheiro, sorrindo. Ele se certificou de que nada mais havia em sua palma, sorriu e perguntou se estava tudo bem. Ela disse que nada poderia ser melhor que aquele momento. Pedro sorriu, e desceram juntos as escadas. Foram recebidos com aplausos pelos convidados e por todos os exus presentes ali. Fiz a saudação aos dois, que não poderiam crer por quais águas estavam pondo seus lindos e frágeis barquinhos. Mãe Iemanjá os saúda, Xangô deu a permissão, e a aventura ganharia ares realmente marcantes. Laroîê, seu Tiriri.

Quando a evolução mútua é atravancada, muitas coisas ficam sem rumo, muitas coisas ficam presas e prendem também as energias que vêm com elas. Não há como deixar fluir uma energia parada e pesada sem a vazão ideal, é um caminho sem saída a ela. É natural: em algum momento, essa energia vai entrar em eclosão, e tudo se estilhaça pela vida. Gritos, urros, choros, lamúrias e todas as desgraças contidas nesse entroncamento ressoarão ao eterno e voltarão com a força desmedida, provocando um caos absurdo até que todo o previsto se realize e se concretize, solidificando o destino de cada um. Quando dois encarnados assumem o papel de obsessor um do outro, a ordem de Deus é coibir cada sucesso sem que um sofra pelo outro e vice-versa, até que se percebam errados, até que se vejam como obstáculos mútuos. Nem sempre isso é rápido, embora, geralmente, a percepção seja, mas a atitude tem um bloqueio muito intenso, pois as ações não correspondem às intenções e aos deveres. A vida, então, para, cessando os passos de todos. E somente um rompimento brusco ou uma consequência desastrosa é capaz de fazê-los entender, mesmo que seja uma via sem saída, a aceitar seus caminhos. Se o manso não aceita, o revolto terá de ser domado, e são estas forças chamadas cruéis. A crueldade é muitas vezes vista como uma injustiça; na verdade, a injustiçada é ela, porque não passa apenas de uma reviravolta intensa e sem controle dos erros cometidos pelos encarnados. Cabe agora aos exus decidirem como Pedro e Diana receberão suas punições, suas lições, seus aprendizados. Se for pela lição, será manso. Se for pelo

aprendizado, será digno. Se for pela punição, será forte, devastador. A vida nunca se engana na força, e ela virá com as cores justas e o peso medido, como tem de ser. Eis-me aqui, sou exu e sou eu quem decide quando e como.

Uma coisa fica bem clara: não é a distância, não é o escuro, nada pode proteger um obsessivo ou um pecador. Nada. Que a viagem siga seus protocolos e que a vida de ambos pareça um conto de fadas irretocável. Viram as belezas que o homem sabe criar, presenciaram outras. Provaram sabores inesquecíveis e se vestiram de locais espetaculares. Tudo isso, quando a realidade segue a mesma coerência, todas essas experiências ficam ainda mais realçadas, se potencializam. Quando a mentira é a base de tudo, quando os desenganos falam alto, os dias longe da vida ficam apenas na memória, não se fixam na alma ou no coração, e tudo rui, tudo cai, a fragilidade se mostra, e o retorno sempre é mais difícil, tornando cada dia um arrastar mais penoso. São escolhas, e assumi-las de modo errado traz tais conotações.

O casal voltou de viagem 20 dias depois, com fotos e muitas histórias para contar. Pareciam dois irmãos. Pedro com sua libido no chão, Diana com suas vontades, as poucas que ainda lhe restavam, guardadas. Pedro sempre solícito, ela sempre sorridente, mas, quando as luzes do quarto se apagavam, ela se punha em pensamentos e ele contava as amantes e qualificava-as. Era comum que ele se excitasse nos pensamentos e os apagasse usando a esposa como ferramenta. Ou mesmo ele se bastava. Era um casamento morno, era como se dois irmãos dormissem na mesma cama e sem poderem justificar a quem ouvisse os motivos. Pedro se continha pela vida, Diana tentava não pensar coisas terríveis em um simples atraso ou em um simples telefonema no meio da noite.

Com pesar desgastante, com esforço excruciante, com andar claudicante, eles chegaram ao primeiro ano de casados. Ela sugeriu um jantar romântico, ele teve de aceitar, porque nem faria sentido estarem casados, e os quatro meses sem as suas intimidades, quanto mais negar um pedido desses. E foram, ficaram à luz de velas falando sobre as séries de que tanto gostavam e depois voltaram para o apartamento. Ela colocou o penhoar de seda preto, enquanto ele estava no banheiro. Pedro voltou e se amaram como havia tempos, e por duas vezes. Diana, somente naquele dia, não se lembrou daquela carta ou do livro, estava feliz e esperançosa, porque sentiu ter retomado o início do namoro, três anos antes. Por fim, ele acabou adormecendo, exausto, e ela ficou olhando o teto, com um sorriso besta e uma expressão ainda mais incrédula. Foi ao banheiro e quis se ver. Quis constatar como era a expressão de alegria, de paz e de felicidade. Olhou-se, e há tempos não se reconhecia naquele sorriso. Estava em paz, não queria tirar a maquiagem, tinha medo de que toda aquela sensação saísse em um algodão qualquer. Não seria justo. Mas ela se sentiu ousada naquela noite e tirou, delicada e calmamente, a base, o batom, o lápis... e foi juntando tudo no canto da pia. Minutos depois, após lavar o rosto e enxugá-lo, voltou a se encarar e, para sua alegria e paz, a mesma expressão continuava ali. Diana sorriu a si mesma e se cumprimentou, parabenizou-se e teve inveja de si mesma. Juntou todos os algodões, abriu o cesto no canto do vaso sanitário e, antes de despejar toda a sua máscara, pôde ler “Viagra” solto no lixo vazio. Respirou fundo e tentou não chorar. Talvez tenha conseguido, porque o quarto estava escuro quando se deitou, porém luz alguma ali seria necessária para se saber que, se dependesse dela, nunca teria removido a sua expressão de alegria. Teve a certeza de que viver com máscaras era o melhor para se encarar a realidade, para se encarar a vida. Diana adormeceu e Pedro já roncava, em um sono pesado e com sua obrigação cumprida.

Entediado, sem ânimo, apenas sobrevivendo à morosidade de sua vida, Pedro nem pensava em pôr fim naquilo. Tinha seu carinho por Diana e grande — talvez, nem ela sendo sua irmã, o sentimento fosse o mesmo. O grande problema era que lobos como ele precisavam de caças. No entanto, protegiam seu rebanho como quem protege a própria família, sua única família, sempre à mesa, sempre em volta e nada mais. Enquanto isso, Diana acordou naquela manhã refeita. Não importavam os meios, não havendo a interferência externa, os recursos para ser feliz variariam de pessoa a pessoa. Enxergar a vida com os olhos do otimismo seria seu instrumento, mas enxergá-la com os olhos turvos do imaginário e da fantasia seria desastroso. Tomaram seu café naquela manhã, como sempre: com galanteios de velhos amigos, e só. Ele a deixou no trabalho e seguiu ao seu escritório. Tinha um cliente somente às 11 horas, então decidiu esticar por alguns pontos por onde havia passado com suas mulheres e onde se julgava feliz.

Seus quase 45 anos batiam forte, e aquele saudosismo não lhe faria bem. Precisava de uma aventura e das boas para que seu sorriso e sua vida voltassem a ser como um dia foram. Passou pelo prédio de Mercedes, mas não se alongou muito, teve medo de o reconhecerem nas grades novamente. Lembrou-se da ruiva, da morena, de Sabrina e das muitas outras. Tentou ver benefício no início de namoro com Diana, mas havia ali um amor terno de proteção. Ele queria o cheiro do suor, do corpo. Ele queria o atrevimento sem permissão, ele queria a conquista e retomar seu precipício. Sentiu uma dor na alma e julgou-se infeliz nesse campo. Uma vítima nesta vida, pelo simples fato de ser um fraco, um canalha, e decidiu não se alongar muito nisso para não se reconhecer em tais atributos.

Estacionou seu carro 15 minutos antes do agendado. Abriu a porta e o cliente apareceu. Havia algo diferente naquele senhor gordo, de cabelos com gel, óculos escuros, que bufava um certo nervosismo

naquele “bom dia” meio tímido e desconfiado. Apresentaram-se e entraram. Ele não quis água nem café fresco e foi direto ao assunto. Tinha duas autoescolas, e a venda das carteiras de motoristas estava em alta. Muito alta. Conseguira aumentar seu patrimônio, quase triplicando-o, e pediu que Pedro fosse generoso em omitir tudo aquilo na declaração de 2013. Fora bem indicado e não sabia se Pedro faria aquilo. Confessou que estava disposto a pagar além dos 500 reais normalmente cobrados para tal fim.

Pedro Augusto se lembrou do evento entre os primos nos contrabandos com os celulares e não se sentiu tão à vontade, mais pelo trauma do que pelos princípios. No entanto, quando 15 mil reais apareceram na conversa, o trauma pareceu recuar, deu uma fredda imponente, e a conversa mudou de rumo. O dinheiro seria entregue naquela tarde e em espécie. Não se sabe se Pedro fechou as cortinas, checou os cantos do local ou trancou a porta, fato é que pegou a documentação e a prometeu para dali dois dias. Sentiu que sua sorte vinha, senão pela carne, que fosse pelo bolso.

Pensou em comprar um carro para Diana, seria uma ótima distração a ela, que vivia se culpando por atravancar os itinerários do marido, e também, em novas e possíveis aventuras, ele estaria livre para tal. O aniversário dela estava próximo, e os dez dias que o separavam da data seriam suficientes para a surpresa. Empolgou-se com a situação e decidiu que faria tudo ao homem para aquele dia mesmo. Ligou e pediu que mandasse a filha mais tarde, que tudo já estaria pronto. Ele pegaria o dinheiro e conseguiria inteirar com outra parte, tirando a outra metade de seus investimentos. Mesmo dizendo à Diana que aqueles 300 mil reais seriam para uma emergência, que ambos sabiam que provavelmente nunca viria, fazê-la pensar que ele mudou de ideia em detrimento de sua felicidade seria um bom álibi às noites fraternas que

vinham acumulando naquele casamento morno. Prometera a si mesmo que encerraria o assunto ali com o homem e a vida seguiria.

Eram 18 horas quando a campainha soou e Pedro se deparou com um paraíso sem fim. A caçula do homem trazia mais do que 15 mil reais em notas de cem, trazia um olhar verde, daqueles que faziam qualquer ser deste mundo se perder, um sorriso claro e delicado, uma pele jambo como o pecado, os cabelos negros como o mistério e os lábios macios e doces como a perdição. Seus 21 anos eram mais do que uma fonte de renda escusa, eram a resposta de que tanto ele precisava. De repente, o carro sumira de sua mente, e havia ali somente um pedaço de carne que falava e cheirava a um francês cítrico estonteante. Os rostos se iluminaram, porque tinham de se iluminar, era eu quem a punha ali com o pagamento e os demais atributos. E ela se surpreendeu com a simpatia e o bom-humor de Pedro, porque era eu quem estava ali. Ele pediu que ela entrasse e ofereceu-lhe café, água e um repertório de simpatias convidativas e duradouras.

— Laís.

— Pedro.

— Sim, eu sei — sorriu.

“Sim, eu sei” e aquele sorriso poderiam significar muita coisa. Preferiu o homem pensar em sua própria conveniência. Sorriu de volta. O pai deu um leve toque na buzina e acenou para Pedro, atestando o negócio. Não demorou que ela tirasse da bolsa uma caixa de madeira, embrulhada em papel florido, e pusesse em cima da mesa, enquanto recebia os documentos de volta. Conversaram quase nada, porque o pai a esperava no carro. Pedro tinha 15 mil reais e uma jovem perdição na sua frente. Ficou atônito e culpou a abstinência por vê-la sair sem nada mais. Ela sorria enquanto entrava no carro de volta e acenava junto com o pai, vendo um Pedro com uma expressão boba, parado na porta, julgando-se imbecil e tentando maquirar algum pretexto para entrar em

contato de novo com o homem para chegar à filha. Decidiu seguir com seu plano do carro e esperar que Laís um dia voltasse.

No dia seguinte, foi a uma concessionária e conseguiu um modelo zero e popular. Conseguiu encaixar metade do que desejava, e tudo estaria pronto em uma semana. Armou um plano de deixar o carro envolto em um laço vermelho, contrastando com o branco do veículo, na porta do escritório. Sairia para jantar e passaria por ali sem querer, a noite seria perfeita. E, assim, tudo se deu como deveria se dar. Naquela semana, amou-a duas vezes antes de dormir, pensando em Laís, e, na manhã do aniversário da esposa, serviu-lhe o café na cama — gostava de ver aquele olhar de Diana em paz. Quando eles estavam em paz, a tensão em seus gestos e em sua fala sumiam. Estava ansioso pela surpresa. O carro estava pronto logo cedo, e ele o retirou, deixando-o na porta do escritório. O dia correu rápido, e não tardou que a noite viesse. Pedro colocou o laço em cima do veículo, e mentiria se não imaginasse o mesmo laço em volta de Laís, que estaria nua, como seu próximo presente. Saiu de lá e, por ele, pulariam o jantar para ver o sorriso da esposa com a surpresa.

Ele a pegou no shopping e foram ao bistrô preferido. Pedro estava acelerado e Diana perguntava se tudo estava bem, porque ele parecia eufórico. No entanto, ele teve de se conter e fingiu ser o carro uma de suas aventuras, para que os segredos ficassem mortos. Ainda assim, conseguiu comer e se lembrou da ruiva no banheiro havia quase dois anos. Manteve a serenidade com a ansiedade e conseguiu apressar a sobremesa, dizendo que ela estaria em outro lugar. Diana ficou empolgada, imaginando uma noite de amor e romantismo. Saíram dali e o marido avisou que passaria no escritório rapidamente, não levaria cinco minutos, porque teria de entregar um documento a um cliente na manhã seguinte. Diana encarou com naturalidade e não se conteve ao

dizer que estava empolgada com a sobremesa que teria. Pedro sorriu e falou que seria muito saborosa.

Estavam a dois quilômetros de lá e os faróis os contiveram. O homem não cabia em si de ansiedade, e a esposa não pôde deixar de perceber aquilo. Sorria feliz e pensava consigo mesma que era a melhor noite de aniversário de sua vida. Tinha um marido feliz, tinha uma noite que ainda poderia ser surpreendente e juntaria mais histórias para contar. A um quarteirão de lá, Pedro teve a feliz ideia de emendar um assunto para a conclusão de tudo. Disse que pensara bastante e que talvez fosse melhor que ele não mais a levasse para o trabalho todos os dias nem a pegasse de volta, porque preferia que Diana tivesse sua independência dele. Ela calou o sorriso de maneira enigmática. Não pôde deixar de perguntar por quê. E ele, segurando o sorriso, falou que o casamento ficaria melhor, assim ela não o sufocaria tanto.

Definitivamente, ela não entendeu, e, a menos que houvesse uma justificativa plausível, a menos que houvesse um forte motivo para todo aquele discurso esquisito e descabido, os ânimos estariam mudados. E havia. Na verdade, deveria haver, na verdade, havia, quando ele entrou na rua e pôde enxergar apenas o laço no chão. Um laço lindo, vermelho e descabido, em frente ao seu escritório. Sua expressão se transfigurou. O olhar obscuro de Diana e toda a alegria que estavam com ela ficaram para trás, contudo não eram páreo ao semblante do inferno que tomava conta do marido. Sim. Eles pararam em frente ao escritório e via-se um lindo laço ali, a enfeitar a entrada florida do local. Diana, em um tom enfadonho, perguntou o que aquele laço estaria fazendo ali.

Certamente, Pedro teria de explicar tudo, mas só depois de contar que os ladrões vieram antes da apólice de seguros. Eis-me aqui, sou exu, sou eu quem decide quando e como.

Pedro teve de ficar quieto ao ser questionado por que não havia feito o seguro antes e continuou a ser questionado por que não fazia um plano de saúde para ambos. Existem humilhações neste mundo que ficam ainda mais evidentes quando os inocentes cospem sem querer em sua cara. E aos inflados pelo ego, tudo piora. Não foram somente os 15 mil reais de dias atrás, foram outros 15 mil que não estavam nos planos. Exus não toleram roubos ou traições e, com as bênçãos de Xangô e de Ogum, a punição vinha na velocidade das ações. E deveriam os encarnados agradecer por isso, pois o retorno, quanto mais demorado, mais denso, mais justo, mais intenso e definitivo.

Diana tentou acalmá-lo, embora ela tenha ficado sem o presente. Aquela noite ficou apagada. Pedro espumava de raiva e tinha de culpar alguém, qualquer um que não ele. Talvez livrasse os bandidos, isentando-os de qualquer responsabilidade. Precisava de alguém mais à mão e, claro, a esposa teria de assumir a culpa. Eles não se falaram mais naquela noite, ela por pena dele e de si mesma, ele por raiva dela. Ora, não fosse sua existência, não fosse seu aniversário, não fosse sua doçura, ele estaria com 15 mil a mais em vez de 15 mil a menos. Uma noite de prejuízos requeria uma retaliação justa e na mesma medida. Como são imbecis os vingativos e os injustos. O machado dourado de Xangô e a espada de Ogum bailavam junto aos exus e à vida.

No dia seguinte, ele a levou ao trabalho. Ela bem que tentou fazê-lo sorrir, mas ele disse um “eu te amo” morno e saiu. Rodou quase 15 km e parou em frente a uma das autoescolas do cliente com suas tramoias.

Pedro e sua mania de envolver a família em suas aventuras, e viu Laís sair de uma delas. Era um sinal, pensou ele. O roubo do carro não teria sido em vão. Cria em suas teorias malucas. Enquanto Diana fazia o boletim de ocorrência no trabalho — tentando livrar-se de parte da culpa que não lhe cabia, teve ela a certeza de que, sim —, o marido estacionava o carro 200 metros à frente e saía em direção contrária à da menina. Fingiu falar ao celular e se deixou à mostra. Ela o reconheceu mesmo atrás dos óculos escuros e acenou a ele, que fingiu surpresa e encerrar uma conversa, falando:

— Uma luz no fim do túnel.

— Está tudo bem? — disse arrumando o cabelo, em um gesto claro de que estava disponível.

— Agora sim. Seu sorriso já me valeu o dia.

Ela corou. Não sabia por que se sentia ameaçada e atraída por ele. Fosse pela idade talvez, regulada com a do pai. Fosse pelo carisma latente e pelo talento de fazê-la sentir-se bem. Ela contou que o pai estava satisfeito pela competência dele, e Pedro disse que foi um prazer e mentiu ao justificar sua presença ali porque vinha de outro cliente. Ela perguntou o endereço, e ele, mais do que rapidamente, lembrou-se da rua na esquina à direita, onde estacionou o carro. Laís não era uma jovem qualquer. Sua pouca idade não refletia nas roupas da moda ou na expressão frívola que tinha. Era uma leitora voraz de livros e de pessoas, no entanto tinha aquele desvio para o perigo, o mesmo desvio que Pedro trazia havia vidas consigo. Ela tinha consciência de que ele não seria alguém com quem poderia contar, mas também sabia que era tudo o que precisava para ter uma boa história para viver. Tinha acabado de se formar em Economia e, aos 21 anos, emendara um MBA às custas dos inseguros e corruptores. Um bando deles engordava o pai e sua conta cada vez mais. Ela tinha um plano de juntar tudo o que possuía e sumir do país, e sabia que ainda não poderia fazê-lo sem um grande amor. Viu

naquele olhar seguro de Pedro muito mais do que estava acostumada a ver em seus dias. Sabia que não ficariam como dois estranhos a se cumprimentarem no meio da rua e apostaria tudo que teria muito mais a viver ali. Ele a convidou para um café:

- Eu deveria confiar em você?
- Seu pai confiou e não se arrependeu.
- Meu pai não tinha nada a perder, e pagou por isso.
- E o que você tem a perder?
- Eu? Nada. E você?
- Também não.
- Mentiroso! Tem uma esposa e mesmo assim prefere arriscar...
- Se sou eu quem arrisco, então cabe a mim o prejuízo.

Ela sorriu e ficou tentada. Pedro também sorriu, e percebeu que a vingança viria ainda quente. Bem quente.

- Seu carro está por aqui?
- Sim, bem ali.

Ela olhou e continuou a sorrir. Saiu sem nada dizer, e ele a seguiu. Foi até o carro e pôs a mão em cima do capô, que estava muito quente.

- Diga que veio aqui para me ver e eu confiarei em você.

Pedro ficou surpreso. Deveria saber que ela não era como a ruiva do banheiro, a morena do curso de inglês ou Mercedes. Ali não havia muita sensatez e, mesmo com uma segurança invejável, a inconsequência, a beleza selvagem e a perspicácia da menina eram assustadoras. Não seria algo comum, não seria algo rotineiro, não seria seguro. Se Pedro realmente sabia em que estava se metendo, tem-se de cumprimentá-lo e desejar-lhe sorte, porque Laís era todas as obras da natureza, tanto ao belo como ao desastre. Mas ele se excitou com tudo o que Diana e as demais jamais foram e jamais seriam.

- Sim, vim porque você não saiu da minha cabeça desde quando bateu em minha porta.

Ela sorriu, chegou perto, passou a língua nos lábios, umedecendo-os e o olhando de cima a baixo com um semissorriso lascivo.

— Não pense que você me impressiona. Um homem casado com uma bela moça...

— Como sabe?

— Eu vi o retrato dela em sua mesa. Um homem casado com uma bela moça vir atrás de outra significa duas coisas: frustração ou loucura. Você veio por qual das duas?

— Pelas duas.

— Ui. Vida triste. Mas não é você que vai me levar, sou eu.

E o chamou até seu carro no estacionamento ali perto, e saíram. Uma pessoa mostra seu caráter e sua firmeza ao lidar com máquinas. Laís dominava aquela direção. Corria sem se arriscar. Dirigia com uma segurança invejável e de modo suave. Pedro sabia que perderia a cabeça por ela, porque era um fraco e perderia a cabeça por qualquer mulher linda com uma inteligência mediana. Laís estava longe daqueles dois atributos, e ele já estava caindo no próprio precipício. Seguiram sem quase se falar. Ela sorria, ele sorria. Quando o carro entrou no hipermercado, tudo ficou mais confuso. Pedro questionou, e ela enfatizou que foi ele quem confiara e que agora as perguntas eram tão inúteis quanto o casamento dele. Ela estacionou em uma parte praticamente vazia. Ao puxar o freio de mão, enquanto Pedro olhava ao redor e tentava encontrar alguma coerência, ela o atacou, beijando-lhe de modo único. Ele pareceu sonhar. Alisavam-se entre o carinhoso e o animalesco. Ela foi beijando-o em todas partes. Metia-lhe as mãos no rosto, por dentro da camisa, por dentro da calça, dentro dos bolsos, de onde tirou as chaves do carro, o celular e os colocou no banco traseiro. Pedro começou a levantar o seu vestido, mas, em um gesto rápido, ela saiu de cima dele, dizendo que o café do quiosque ali perto era ótimo. E saiu do carro. Ele ficou entre o inconformismo e a tentação. Estava em

êxtase. Laís ficou em pé, parada, com a porta aberta, uma mão na cintura e outra na maçaneta, esperando que ele se arrumasse e saísse. Ele assim o fez, e, quando bateu a porta do outro lado, com a mesma rapidez com que saiu, ela entrou e se trancou no carro. Pedro ficou confuso. Então, ela entreabriu o vidro dele:

— Se realmente eu valho a pena, você tem 20 minutos pra voltar e pegar suas chaves. Sua carteira está aí, que eu senti. Boa sorte, tio.

E arrancou, deixando o homem sem ação e literalmente com as calças nas mãos. Ele ainda se ajeitava quando a viu arrancar com seu sorriso lascivo e sua perspicácia apaixonante. Decididamente, ela era tudo o que ele nunca pensou. Procurou um táxi. Precisava de suas chaves, de seu celular. Começou a imaginar se Diana ligasse e ela atendesse, mas algo dizia que não. Em menos de dez minutos, estava no caminho de volta. Não sabia o que pensar, não sabia o que fazer. Precisava dela, precisava vê-la. Talvez já tivesse se apaixonado, porque as paixões arrebatam os fracos com ações insanas. Para quem tinha escolhido a morbidez, qualquer carrossel seria encantado. E ela era um parque de diversões inteiro.

Depois de 15 minutos de corrida, o táxi parou em frente ao carro dele, e ele a viu lá dentro, ao volante. Ele procurava o dinheiro quando a viu passar pelo táxi e dizer que tudo estava lá dentro e que, em breve, se ele quisesse, estava doida para saber o fim da história. Nem mesmo o taxista conseguiu disfarçar, olhando aquele gingado perigoso, e acabou se benzendo. Pedro sentiu-se orgulhoso; depois de tanto tempo, estava vivo. Vivo. Sabia que o roubo do carro valeria o nervoso. Quando entrou de volta, leu o bilhete com a marca de batom nele e o número do celular dela. Rapidamente, pegou o dele para anotar, no mesmo momento em que uma mensagem brilhava em sua tela: era uma foto de Laís com os seios à mostra, mas com o braço tampando os mamilos, feita em seu carro. Pedro foi aos céus e respondeu a ela, que falou que, se quisesse

vê-la de novo, que fosse naquela noite, que a encontrasse nas catracas da estação ao lado de sua casa, caso contrário, que a esquecesse.

Óbvio que ele aceitaria, porque aquele furacão o arrebatara em meia hora mais do que qualquer outro poderia ter feito a si. Ele topou e não conseguiu trabalhar mais naquele dia. Ficou relembrando tudo e julgou-se sortudo. Pensou qualquer coisa para enganar Diana, dizendo que teria de atender a um cliente à noite, que a buscaria, mas que não subiria e que não demoraria. Diana relatara sobre o boletim de ocorrência, e ele praticamente a desencorajou, usando de um certo desdém a tudo. Aquilo a magoou, sabia que era o dinheiro dele, no entanto, o presente era dela. Diana preferiu não dizer que poderia ir com ele ao cliente para que o marido não voltasse sozinho, talvez fosse melhor. E seria, a quem ainda não se sabe. Láis morava a dois quilômetros de uma estação final do metrô. Pontualmente às 21 horas, ela estava nas catracas e percebeu que o tinha nas mãos quando ele apontou à esquerda, com uma cara de adolescente estúpido, que faria de tudo pelo primeiro beijo. Láis estava do lado de dentro da estação.

— Passa.

— Não tenho bilhete.

— Nem eu. Vai ter de comprar ou pular a catraca, se preferir.

Ele sorriu, comprou e voltou. Desceram até a plataforma e sentaram-se nos bancos. Ela trazia uma espécie de poncho, talvez por causa do frio. Estendeu sobre as suas pernas e as dele, cobrindo-as. A intenção era clara, ela estava de saia e livre. Enquanto buscava o zíper de Pedro, ele entendeu e urrou por dentro, tocando-a. O trem chegava, pessoas saíam, e poucas embarcavam. Uma, duas. Na terceira vez, durante as carícias, ela perguntou se ele percebera algo. Pedro só poderia perceber outras coisas naquele instante. Disse que não. Ela falou que quase ninguém mais embarcava de volta. Ele ficou reticente, respondendo com o mesmo sussurro que ela. Láis apontou um trem

vindo, e havia ninguém por ali na plataforma; ela emendou se ele toparia acabar dentro do trem o que estavam começando fora dele. Se havia paixão ali, o amor tomou conta de tudo. O trem parou, pessoas saíram. Ela disse para ficar atento. Quando perceberam que ninguém mais viria, correram ao vagão, o apito tocou, e se atravancaram ali, no chão, entre uma estação e outra. Teriam de ser rápidos, porque a viagem de um minuto e meio era perigosa. E assim começaria a sua nova aventura. O trem chegou à próxima estação, e eles estavam sentados já. Segundos antes de soar a campainha e as portas se fecharem para o trem continuar viagem, ela saiu de lá sob os olhares atônitos de Pedro, que a seguiu com os olhos e se levantou. Ela mandou um beijo e pegou o trem de volta, enquanto ele seguia para outra estação. Não demorou para seu celular se iluminar com a mensagem: “Prazer. Laís”.

E aqui começa uma turnê ao caos em sua vida. Óbvio que ela conseguira o que desejava, óbvio que ela avisara antes, e talvez ele se achasse intenso demais para ela. Não. Pedro não passava de um adolescente de 15 anos perto dos 21 da garota, que amava um canalha e flertava com a inconsequência. Foi o dia em que sua vida começou a sair dos trilhos, porque ele tinha encontrado um furacão de emoções inconsequentes.

A partir daquele momento, começou um turbilhão de loucuras entre eles. Assumiam um risco desvairado. Era comum Diana vê-lo colado ao celular e às escondidas, ao mesmo tempo, e que ele sumisse com seus compromissos. Laís aparecia às tardes em seu escritório sempre que possível, e lá eles faziam planos. Ela viajaria para o Canadá, e ele se divorciaria e seguiria seus passos. Talvez nem ela tivesse previsto, porém estava entregue ao homem, que fazia de tudo por ela, mas que não deixava de fazê-lo à Diana, a não ser as intimidades. Três, quatro, cinco, seis meses sem coisa alguma. Todas as energias ele gastava com

Laís. Iam ao cinema na parte da tarde, e Pedro mandava mensagens fofas a Diana enquanto a garota estivesse no banho. Era comum que ela aparecesse do nada, na esquina de seu apartamento, em um domingo à noite, e ele inventasse uma padaria para que fizessem, em dez minutos, o que ele e Diana não faziam já agora há oito meses. Trocavam e-mails gigantescos com promessas de uma vida fora do país. Sabiam de segredos inconfessáveis. Sabia Diana que nada ia bem, contudo, calava-se com seu medo e seus pavores. Entendia que o marido estivesse trabalhando muito, e estava, uma empresa grande o contratara para organizar a contabilidade caótica de anos. Porém, entre um balanço e outro, era no colo e nos braços de Laís que ele ia beber suas forças e energias.

Ela estava embevecida por ele e não sabia como lidar com aquilo, porque sentia falta dele nas noites de frio e temeu que tudo realmente não passasse de uma fantasia. O caos organizado e as loucuras passavam agora pela fase do amor. E a vida não havia preparado isso a ela. Pedro tinha uma adoração por Diana e um respeito peculiar pela esposa. Mas era nos braços de Laís que ele se soltava, embora a garota agora começasse a querer os filmes com pipoca nas noites de sábado ou nas tardes de domingo, coisa que já não mais satisfazia Diana, que preferia uma noite de amor intenso. Pedro era de ninguém, pertencia a uma mentira à qual nem mesmo os talentosos estariam prontos. A linha reta começou a ficar turva no seu aniversário de 45 anos. Um contratempo dela e o excesso de trabalho os impediriam de se encontrar. Falaram-se o dia todo, no entanto Diana teria a prioridade, porque nem mesmo os ousados poderiam enfrentar os protocolos com tanta habilidade. Diana precisava de algo mais atrevido. E mentiu a ele que pediriam apenas uma pizza naquela noite. Quando chegaram à casa, as luzes se acenderam, e os padrinhos e todos que estiveram no bistrô havia quase quatro anos estavam lá, em uma festa surpresa em que ele fora laçado.

Estava sem saída, e eles ainda cantavam os parabéns enquanto seu celular piscava. Laís tentava falar com ele e soube, naquele momento, que algo daria errado. Depois de quase meia hora, ele conseguiu responder às 15 chamadas dela, escreveu uma mensagem relatando a festa surpresa e que não conseguiria sair naquela noite. Um acesso de loucura e de ciúmes invadiu a alma da garota que não titubeou, passou a mão nas chaves do carro e seguiu até o apartamento dele. Entre sanduíches, salgados, bebidas e um bate-papo descontraído, o interfone tocou, e uma das convidadas atendeu. Segundos depois, ela chamou por Pedro, e toda a festa escutou:

— Uma tal de Laís está lá embaixo e disse que quer falar com você. Disse que é urgente, que é sobre trabalho.

— Hoje, Pedro? — perguntou Diana.

Ele não soube o que responder e teve que pedir à moça que dissesse que a receberia no dia seguinte. O recado foi dado, e o olhar da mulher ficou confuso.

— Eu escutei a mulher louca do outro lado. Dava pra escutar os berros de raiva dela.

Diana achou estranho, mas preferiu não fomentar seus pavores. Pedro perdeu a fome, perdeu qualquer coisa e a razão. Resmungou algo e disse já saber o que era. Pegou o celular.

— Querido, sério?

Ele tinha de ser cauteloso, tinha de ser cirúrgico. A vida. Sempre ela com o retorno e o desastre anunciado. Não se pode jogar sujo e querer que os ventos tragam lavandas e flores de volta. Não haveria dia ou local. A conta sempre chegaria de uma forma ou de outra. Ele não ligou, e ela não parou de ligar, e não pararia. Pedro desligou o aparelho e teve de se esforçar para não deixar que seu dia terminasse descoberto. Uma onda de horror começou a roçar-lhe a alma. Laís teria o perfil da surpresa, e não seria uma insanidade se eles tivessem de acompanhar os convidados

e todos se deparassem com aquele olhar verde e profundo e mil demônios pulando em seus ombros. Diana ficou atenta a ele e pareceu não ver problemas. Suas ações e seus assuntos estavam neutros, e ela preferiu relaxar e talvez relaxaria por conveniência.

Do quinto andar, a visão era boa, e ele fez questão de emendar uma história de que precisaria ir até a janela e o fez com esperança. Abriu a janela e olhou para baixo. Certamente Laís não estava lá. Já fora embora, e tudo ficou melhor quando acompanhou o grupo e ela realmente havia sumido. Assim que chegaram ao apartamento, Diana o questionou sobre o assunto, e Pedro, sempre com sua rapidez de raciocínio, disse que a moça estava desconfiada do sócio e que talvez tivesse provas sobre um roubo. Diana creu e creia mesmo se ele dissesse que Laís vinha do mundo dos arco-íris e que voava por aí em um lindo e perfumado unicórnio.

A esposa estava no banho quando ele ligou o celular e leu uma mensagem longa dizendo o óbvio: que fora humilhada e que não desejava aquela vida para si. Que o amava e, se realmente todas as promessas fossem verdadeiras, que ele a assumisse e fossem embora juntos, porque sua bolsa em um curso canadense saía e ela tinha três meses para ir. Pediu a ele que se dessem as mãos e que conversassem a respeito nos próximos dias, e não deixou de desejar feliz aniversário e que ele não transasse com a esposa naquela noite. Seria demais a ela. Pedro tinha ousadia, no entanto, não era tão grande assim. Fora avisado, mas não acreditou no que aquilo poderia se tornar. Laís não era Diana, porque Diana era parte da covardia do mundo. E assumia tal papel, assim como Pedro, cuja fraqueza às mulheres era igual à frouxidão de seu caráter e de suas falhas. Estava sem saída e sabia que jamais iria embora com Laís, jamais largaria Diana e agora olhava uma garota firme, cuja determinação não parecia tão mansa quanto as intenções de Diana.

Pedro temia que ambas se aliassem de certa forma, que uma tomasse as dores da outra. Viu-se acabado, com aquele medo idiota e imbecil de seguir uma vida reta e sem falhas. Com aquele medo de seguir sozinho. Com um respeito peculiar pela esposa e uma paixão fervorosa e desmedida por qualquer uma que não fosse Diana. Laís era um mundo todo e teve o insucesso de talvez reconhecer em Pedro todas as mentiras com que vivia, que nutria e que a alimentavam. Não queria que a noite terminasse, porque sabia que, a partir do dia seguinte, teria de lidar com o pior de seus inimigos: a verdade. O egoísta e o esforço de pensar somente em si. Cria em uma proteção à esposa, no entanto, os pensamentos eram somente em si. Nesse momento, Laís perdia todos os atributos, e ele agora pretendia deixá-la apenas como, talvez, a melhor e a mais perigosa de suas aventuras. Começou a preparar o discurso do adeus e torcer para que a loucura fosse apenas um acordo entre eles dois. Ter a garota como aliada era a única maneira sensata de viver. O grande problema era que ele endossara as loucuras, e não só isso, fomentara-as com o mesmo despreparo de sempre, com a mesma infelicidade de sempre.

No fundo, ele desejava o morno e a escuridão, embora tivesse pretensões às debilidades da vida, suas ações eram falhas e não se sustentavam. Pensou muito e, caso não conseguisse uma mansidão naquele mar revolto, poria um filho na barriga de Diana, ao menos uma história e um alibi ao qual qualquer mulher cederia, até mesmo a louca Laís, que, de longe, tinha mais dignidade em suas sandices que o bem-intencionado Pedro Augusto Neto. Ele não a procurou no dia seguinte. Fechou-se em seu escritório e tentou trabalhar sem interferências. Conseguiu. Ela também não apareceu e, por instantes, ele desejou que uma luz dos céus iluminasse a razão de Laís e ela desaparecesse. Ledo engano. Assim são os fracos e obsessores, cuja fé se resume apenas em momentos pontuais e cuja ganância em seu egoísmo desvaloriza o

Divino, uma mistura que faria qualquer exu bailar de raiva. Tentar se esconder nas falhas era difícil, mas tentar se esconder em ações premeditadas e escolhidas era um murro em nossas percepções. Ogum traria sua espada, Xangô cortaria os ares com seu machado, e o divino assentaria com a razão. Não. Pedro não merecia a ignorância e aquele abandono, aquele não. No fim da tarde, ele abria a porta e ela estava lá. Em pé, encostada no carro dele, com a cara fria e séria. Tinha os traços breves, nada amigáveis. Se ele pudesse fugir, ele o faria, e ela sabia.

— Pensou que se livraria de mim?

— Você que está dizendo isso.

— Por que não me atendeu ontem? Eu queria te dar um abraço, e você me tratou como uma leprosa.

— Como eu poderia atendê-la? Diana e os convidados lá... Você perdeu o juízo?

— Se não me engano, foi você, deitado com a cabeça nas minhas costas e fazendo corações na minha bunda, que disse quem realmente era a sua mulher. E agora devolvo a pergunta a você: quem realmente é a sua mulher?

— Você sabe quem é.

— Quero ouvir da sua boca.

— Você, Laís.

— Existe, então, uma conta que não fecha. Se eu realmente sou sua mulher, por que ontem eu não estava com você?

— Ora, pare com esse mimo.

— Mimo?! Mimo?! Quando você apareceu atrás de mim, eu avisei quem eu era, você não foi enganado.

— Quando fui atrás de você, eu queria uma aventura, e você sabia disso. Perdemos a mão, perdemos o controle, tivemos uma história muito bonita...

— Tivemos? Eu estou com a data de embarque para o Canadá, vim confirmar se suas promessas têm a sua palavra ou valem alguma coisa.

Pedro era fraco demais para confrontá-la. Sabia que comprar uma briga com Laís seria dar um tiro no próprio pé, ela sabia onde Diana trabalhava, sabia de tudo sobre os dois, e esse foi o maior erro dele, pensar que a garota ficaria longe e escondida por muito tempo. Não mediu que alguém como ela simplesmente se apaixonaria por outro que aceitasse seus gostos e suas exigências. Fato é que ele não levaria adiante pela simples realidade de não saber o que fazer. Tinha mais pena de Diana e admirava a sua dedicação naquele casamento morno e a amava. Sim, como irmã, mas amava. Tinha lá seus conceitos sobre o respeito que nutria por ela, mas não conseguiria fazê-la sofrer. Uma doença terrível, um desvio de caráter, de comportamento, um prato cheio a qualquer psicólogo. Pedro tinha esse talento de se dedicar a todas, essa falsa impressão de exclusividade, que de tão real parecia verdadeira.

No entanto, por mais que quisesse manter as duas, e as manteria até o fim da vida, se possível, o bom senso sempre apareceria. Pode-se dizer que ele teve sorte em demorar tanto para encontrar uma Laís em sua vida. Arriscou-se demais, buscou demais, e sua eterna insatisfação com o justo e o correto e sua lealdade à frouxidão eram o elo entre ele e o seu triste fim. Diana trazia uma insegurança quase infantil, e ele sentia a necessidade de protegê-la, ao mesmo tempo que sentia prazer em rechaçá-la, ainda que ela nunca tenha sido alvo direto de seus ataques, pelo menos estado presente neles.

Exus do mundo se mobilizam à evolução dos encarnados e fazem de tudo para que os planos vingam, mas a parte da Terra não contribuía. Atravancar a evolução alheia e a própria constituía uma hecatombe imensa no decorrer da vida e no trajeto que o destino daria a ambos. Dezenas de portas foram colocadas a Pedro, e ele as fechava com um desdém imbecil, condensando energias, sufocando justiça. Outras mais

apareceram a Diana, que ajudava o marido nessa impensada ação, o que a uniria em faltas e provavelmente dividiriam um retorno cada vez mais fadado ao inferno. Se pudesse, certamente ele tamparia os ouvidos da esposa quando, aos 15 anos, escutou os estampidos que tiraram o pai de sua vida; não só os tamparia a isso, como a tudo o mais que pudesse deixá-la no chão. Se ambos fossem pessoas normais, passariam alguns meses naquele calor da paixão e seguiriam seus outros carmas, em vez de assumirem uns aos outros.

Laís era apenas uma materialização da esquerda, quiumbas fugiriam dela, porque nela havia a verdade, nela havia o justo, a ousadia e a energia da aventura, nela havia o amor. Mamãe Oxum lhe amparava no amor-próprio. Papai Ogum lhe abria caminhos. Oxóssi^[9] caçava com ela, enquanto Xangô lhe emprestava o machado. E agora ela estava ali, com todos esses poderosos orixás, requerendo o que achava que sua alma merecia. E acabou encontrando um obsessor de si próprio, fraco e covarde, o pior deles. O egoísta. E nada interessa aos egoístas senão eles mesmos. Pedro não teria essa ousadia, ofereceria a ela o mesmo, porque o mesmo, o escuro, o errado e o atalho andavam consigo desde sempre.

Pedro era o ganancioso que assaltava burgueses e estuprava mulheres no início do século xx. Pedro era o egoísta que renegara os pais e cuspiria em seu filho com Patrícia. Pedro espezinhou Sabrina, cravando-lhe duas mulheres em sua alma e tirando-lhe 300 mil reais, até hoje para algum fim. Pedro conseguiu decepcionar Mercedes e, não fosse por ela mesma, Diana seria ainda menos digna. O mesmo homem que tentou golpes, que aceitou dinheiro e que fornicou com outra mulher no dia de seu casamento a poucos metros da esposa. Pedro não respeitava a vida, os outros nem a si mesmo. Não sabia o que era amor, não entendia a compaixão, a lealdade. Desconhecia a dignidade e ignorava as honrarias. Era o mais podre entre os quiumbas, era o menos lembrado entre os pecadores. E tinha a parva ousadia de recusar a ajuda de exu. A minha

ajuda. Falhava em cada momento que poderia se redimir. Gargalhava do correto e tinha soberba de pensar sair impune. A vida pisava forte e pisaria ainda mais, porque um encarnado teimoso é um encarnado moribundo e pútrido. Mais uma vez, envolto em mentiras e calúnias, as vestia para ignorar a realidade e fazer o correto. Escolhia as inverdades para se safar e tentar justificar suas atrocidades imundas. Mas a vida punha em seu caminho as pessoas certas para lhe ensinar a crescer. Para tentarem facilitar a sua evolução.

Ledo engano de quem pensava que enganar a vida era possível. Ela e os exus nunca dormem, estão com o machado de Xangô apontado ao seu caminho, ao seu itinerário. O homem nunca esteve tão vulnerável. Punha-se naquelas encruzilhadas definitivas das muitas outras em que teve a chance de escolher o caminho certo para seguir. Não. Preferiu o mais cômodo, o mais conveniente, e isso somente comprova que os obsessores são péssimos matemáticos. A vida era como a lógica dos números, o resultado não seria diferente. Nada que se faz somente com egoísmo termina com egoísmo. Nada que se faz somente com altruísmo termina com altruísmo. A vida é uma troca, é um aprendizado, é o equilíbrio. Láis ficou ali, em pé, esperando o que nunca viria. Pedro se mostrava frágil também com o que nunca saberia dar, justamente porque nada tinha a oferecer, senão o que oferecera naqueles nove meses.

— Você não vai se separar dela, não é? Toda aquela história de vida a dois longe daqui não passou de um devaneio de motel, não é?

Ele abaixou a cabeça e buscou ser o mais convincente possível. Assumiu o papel de homem. Respirou fundo, levantou a cabeça, mas sem olhar em seus olhos.

— Eu adoraria, mas Diana está grávida.

A expressão dela beirou entre o inconformismo, o ódio e outras sensações desagradáveis. O nojo que tomou conta de seu semblante era

agressivo, era asqueroso.

— O quê?!

— Sim.

— Você acha que eu sou uma idiota?!

— Não a acho uma idiota, mas lutar contra a realidade é impossível.

— Lutar contra a realidade é possível, sim; lutar contra a sua natureza, não! Meu Deus, você é um canalha maior do que eu pensava!

— Láís...

— Canalha, mentiroso! Mentiroso!

— Você quer me ouvir, por favor?

— Não há mais o que ouvir! Ou você mentiu sobre vocês dois ou está mentindo agora porque é fraco demais para assumir suas promessas, sua vida! Canalha mentiroso!

Láís sentia mais ódio de si mesma do que dele, e isso se chamava maturidade. E isso se chamava dignidade. Não tinha nem teria o complexo de ser vítima, porque assumiu os riscos e não sabia que se envolveria tanto. No entanto, o asco que acabara de se manifestar por Pedro tinha traços incontornáveis e perigosos. Ela se viu envolvida com a frouxidão e a podridão humana, naqueles olhos vacilantes, que mal a encaravam, que endossavam o desastre iminente. Láís estava descontrolada e tentava conter o ódio, prendendo todos os demônios que a consumiam naquele instante; de tanto esforço para detê-los, acabou vomitando. Sim. Punha todas as mágoas para fora, todas as nojeiras daqueles meses. Pedro passou o tempo todo manipulando as duas, vivendo duas vidas e talvez sem saber qual realmente era a dele. E ela fazia parte daquilo, ela gostava daquilo, traçara um futuro com ele, pegara sua canalhice e desenhara um destino maravilhoso e crera nele, e isso a um ego grande como o dela era um murro na alma, uma pancada na autoestima e uma cuspidela no bom senso. Ela viu que sempre aquele homem esteve lá e não quis perceber. Entendeu que ela acabara

escondendo o demônio com traços floridos e aromáticos. Dividiu mais do que seu prazer, dividiu sonhos imbecis e traçou uma alegria fúlgida e sem consistência. Acabava de se coroar com os louros dos idiotas e sentiu pena de Diana e da vida que cria estar vivendo. A fúria com que o encarou era intensa. Sua boca ainda estava suja com o vômito de segundos atrás quando deu dois passos à frente e foi categórica:

— Nada fica impune, nada...

Pedro temeu pelo pior. Teve a certeza de que ela sairia dali e procuraria Diana. Tentou puxá-la para conversar, mas Laís virou-lhe um poderoso bofetão no rosto. O anel cortou-lhe a face esquerda, havia sangue nas mãos dela, enquanto ele ficava imóvel, tampando o corte e dizendo para não envolver Diana naquilo tudo. Ela não escutou nem escutaria. Porque Xangô e Ogum guerreavam naquele instante contra a baixeza humana e conseguiram tirá-la dali sob as bênçãos de mil exus, que bailavam ao seu redor. Ela deixou para trás uma figura patética e temerosa. O calor em seu estômago subiu-lhe de modo furioso. As percepções do inferno tomaram-lhe por completo, e ele teria de correr para o shopping center, era o mínimo a fazer. Prenderia Laís, se preciso, mas ela não chegaria perto de Diana. Enfiou-se no carro e voou para o trabalho da esposa. Pelo caminho, ligou à esposa, que atendeu tranquilamente e aceitou o convite para comer fora, perguntando se estava tudo bem, porque o tom de voz dele era preocupante. Ele mentiu dizendo que sofrera uma tentativa de assalto, que fora agredido, mas que estava bem e não haviam levado nada dele. Diana ficou branca e perguntou três vezes se realmente ele estava bem e que viesse com calma. Ele disse que sim, que somente ela o tranquilizaria e que a amava muito.

A esposa já se acostumara com essas confissões tensas e culpou-se algumas vezes, porque eram somente nessas ocasiões de tensão que ele se declarava com tanta entrega. Pedro não demorou a chegar e se

prostrou perto da loja, mas só depois de revirar o entorno por duas vezes e o andar de cima, com a certeza de que Laís não apareceria por ali. Não estava nem estaria. E, aos poucos, creu que nem todos eram como ele, que realmente havia pessoas boas como Diana e como Laís. Agradeceu sabe-se lá a quem por ter se envolvido com gente diferente de suas intenções. Ele se sentou em um banco, e eu não tinha outro lugar a ficar.

Pus-me ao seu lado, lamentando todas as falhas que havia cometido, apontando todo o sofrimento que causara a tanta gente boa naquele mundo. Coloquei em seu caminho somente o bem para que ele tentasse se impregnar dele, no entanto ele fechou os olhos como um maldito teimoso, como um soberbo egoísta, como o pior dos obsessores. Igualou-se a assassinos e ladrões e cuspiu a dignidade humana como quem cospe um veneno, sem saber que ele mesmo o produzia em abundância. Lá estava aquele homem, aos 45 anos, cru, sujo, com todas as mazelas que a vida poderia produzir, fedendo ao chorume dos podres, banhado com as sombras dos enganos e infestado com as trevas de todos os pecados do mundo. Matou a lealdade, roubou o bem, saqueou a dignidade, sufocou a caridade, estrangulou o altruísmo, assassinou o companheirismo e abortou várias novas vidas. Chegava a uma situação delicada. Mesmo uma menina, com seus 22 anos, exibia mais dignidade em seu vômito que todos os presentes que ele deu a ela, os caros presentes. Suas intenções falhas. Amigo das mentiras, parceiro da canalhice e sócio da maldição. E ele jazia ali, naquele banco de shopping center, com um corte comprido no rosto e uma lição de humanidade, mas nada parecia afetar-lhe, nada. Medi-o de cima abaixo e senti uma profunda vergonha, um asco comparado ao que Laís assumia agora com seus erros. Sua culpa intensa era agora sua sentença e sua punição. Ela deveria digerir toda aquela raiva da melhor forma possível. Certamente, seria duradoura e, independentemente das ações

que seguiriam com todas aquelas dores, sobreviveria e teria um futuro melhor, um futuro bom. A mim cabia olhar com desdém e abrir os portões de todas as energias que Pedro havia aprisionado, sem o devido cuidado. E o fiz sem pesar, sem titubear, porque fora ele quem me dera a permissão para tal. Fora ele quem assinava sua própria maldição. Mil demônios e belzebus invadiriam a sua alma como quem toma conta de um terreno que lhes pertencia por direito e requisitavam havia anos e agora tinham a permissão divina para assentarem suas marcas e fincarem suas bandeiras. E tudo seria tão claro e avassalador que seria visto a quilômetros de distância e ninguém conseguiria se aproximar. Quiumbas do universo se digladiariam por um pedaço que fosse por ali. Obsessores se matariam para sorver o aroma dali, para comerem um pedaço daquela fatia seca, fétida e infértil. Disputariam a tapas a água suja e pustulenta, que borbularia mais do que todas as maldades do mundo, eclodiria a fetidez humana em um halo podre e incolor.

Pedro era tudo isso e muito mais, abria acampamento à sua colheita, receberia de braços abertos todos os belzebus do universo e teria de sorrir para sobreviver, porque somente abraçando a dor teria sua última tentativa de evolução. Certamente desejaria morrer, porém a morte aqui seria uma bênção que somente os dignos permitiriam e não sou eu quem abre a porta do inferno e recepciona os demônios da vida. Sou quem indica os nichos a serem preenchidos e as sentenças a serem cumpridas. Sou eu quem toca o sino, invocando a justiça de Xangô e a fúria de Ogum, que lidera a verdade e aniquila a mentira. Que Pedro seja alvo de si mesmo e que esteja atado às escolhas que decidiu fazer. Que seja feito, que seja vivido, que seja cumprido e cumprido. Eis-me aqui, sou eu quem decide quando e como.



Não demorou para Diana aparecer e se condoer pela situação de Pedro, que desabou a chorar em seus ombros, um choro sentido, um choro que somente os fracos poderiam ter. Toda a pressão que causara nos últimos meses em si mesmo e em uma vida toda apareciam naquele instante. Lamentava uma mentira: que vira a morte de perto e que temia ser morto e ter de deixá-la. A esposa chorou junto, agarrou-lhe o rosto e prometeu que ficariam bem, e ele chorou aliviado. Os sopros que a vida dava eram interessantes e poderiam confundir em vez de apaziguar ou atazanar. Foram jantar, sempre com a observação atenta do marido, que temia que do nada Laís pulasse em sua frente, cuspidando verdades. Não acreditava Pedro que ela pudesse fazer isso, porque do nada fora ele quem a procurara, fora ele quem aparecera no vespeiro e agora não tinha a força necessária para lidar com tudo. Comeram e voltaram para casa, dessa vez era Diana ao volante e ele atento a tudo. A esposa dizia que ele não precisava se preocupar, pois os bandidos não voltariam, mas ele só se acalmou totalmente quando entraram no elevador. Talvez o forte trauma o trouxera consequências. Pedro teve um certo incômodo para urinar naquela noite, mas conseguiu a muito custo, e a pressão em suas sensações teria de ceder. Diana apareceu com um alguns florais que o ajudariam a dormir, o que fez por quase dez horas.

Acordou em um susto, eram 10h30 e encontrou seu café aos pés da cama, com Diana sorrindo a ele. Ele sorriu; mesmo sabendo que tudo fora real, decidiu ter vivido um pesadelo e que tudo seguiria seu curso. A esposa disse que não trabalharia e que ambos poderiam tirar o dia juntos. Ele adorou a ideia. Depois do café, certificou-se de que o número de Laís estivesse realmente bloqueado e se acalmou. A dor para urinar ainda o incomodava, porém que incômodo poderia ser maior que o que não viria mais. Laís não apareceria porque ele decidiu que ela não aparecesse.

Foram para o Guarujá e lá passaram momentos que nunca haviam passado, nem mesmo na Europa. Havia uma paz no coração dele como nunca se vira. Por ele, ficariam ali e nunca mais encarariam a vida em São Paulo, fugiriam dos perigos e ficariam escondidos para que nada os encontrasse. Coitado. Deveria ter medo do invisível, porque a ele somente o visível eram sinais de perigo e de morte. A ardência em urinar continuou o dia todo e se estenderia por mais dois. A clara infecção urinária era o começo de tudo. Foi a um urologista, que lhe receitou antibióticos poderosos e caríssimos. A ardência sumiu em pouco tempo, no entanto sua alma não estava de toda salva: cinco dias depois de tudo, ele estremeceu ao escutar Diana falando que, no dia de folga, um senhor gordo, de gel nos cabelos, veio procurá-la no trabalho. Sim. Estava claro quem era, mais claro ainda o que queria. Seus temores começaram a voltar. Seriam como fantasmas a atormentar-lhe a vida, e talvez desaparecessem e voltassem todos os dias, como sua própria consciência, talvez não, fosse apenas um fraco a ter de enfrentar o que criara, mas não tinha base suficiente para tal.

Por segundos, pensou estar a salvo, quando ela disse que não lhe forneceram o número de telefone, mas, ao escutar que deixaram a ele apenas o e-mail, as ameaças duplicavam. Sua respiração ficou ofegante e ficaria ainda mais quando Diana ressaltou que o homem disse que voltaria. Não tinha o que falar. Tinha de aprender a conviver com as ameaças, fossem reais ou apenas frutos de sua mente doentia e culpada. Pensou em procurar o homem, mas sabia que não poderia. Corria o risco de uma surra. Nunca sentira tanto medo. Não percebeu que começara a correr ao banheiro com uma frequência absurda. Estava mais do que claro que seu sistema urinário não andava bem. As dores ao urinar sumiam, porém ele vivia no banheiro. A cada meia hora. Era-lhe o medo estourando em alguma parte de seu corpo. Era o fantasma da

culpa, eram os demônios do egoísmo, era a prova real de sua canalhice, de sua frouxidão, de sua fraqueza.

Começou a ter pena de si mesmo, pior, começou a pensar quando tudo viria à tona. Hoje, amanhã, semana que vem? Não conseguia trabalhar. Vivia de olhos no celular, torcendo para que Diana não ligasse de repente. Passou a ligar para ela a todo instante, deixando-a preocupada, porque tinha de repetir que estava tudo bem e que o amava, porque ele não parava de perguntar-lhe isso e de lembrá-la a todo momento. Dizia que teria de voltar ao urologista, porque a infecção deveria ter voltado. Insistiu para que ela fosse com ele, e assim ele a tiraria dali, e por que não forçar dores e prendê-la em casa? Mais um dia se passara e nada. Ele tentava respirar, contudo outro dia começaria em poucas horas, outro temor renovado. Ele já não comia direito. Seu aspecto era horrível, suas percepções refletiam seu medo e seus temores. Seria naquele dia que o homem ou Laís apareceriam na frente de Diana ou em seu e-mail? Passou a manhã ligando a ela, dizendo qual melhor horário para que ela saísse com ele ao médico. Diana se punha à disposição a qualquer um deles. Mentiria que não estava gostando daquela dependência, mesmo que não fosse seu natural, ainda assim seu altruísmo estava aceso e latente. Ela daria a ele tudo de que Pedro precisasse e muito mais. Abraçava-o como a um filho e dizia a ele que, passado o problema com a infecção, já era tempo de procurar uma terapia, porque certamente o assalto mexera com sua paz e seria normal desenvolver traumas como aquele. Depois da quinta ligação em menos de uma hora, disse que conseguira um médico para o dia seguinte, porém que precisava dela naquela tarde. Praticamente implorou, estava com aquela voz desesperada e chorosa, nem assim conseguiu convencê-la. Diana teve de ser dura e dizer que estava tudo bem, que tomasse um floral e que a vida seria justa a ele. E era isso que

ele mais temia ouvir. Ele tentou preocupá-la sobre o homem, ratificando que poderia ser um tarado, que ele poderia ficar por ali.

— Pedro, o que está acontecendo com você? Há algo que você precise me contar?

Embora a pergunta não tivesse a real intenção, foi o suficiente para que ele cessasse com aqueles fantasmas e se precavesse com a realidade. Teve de se calar e rezar. Sim. Agora ele apelaria à fé. Passava o dia entre o banheiro e o celular, em uma obsessão maldita, infernal, entrava em uma paranoia agressiva. Tremia todo. Sua respiração era ofegante, suas dores na alma não cessavam, nem cessariam, exus do mundo sopravam cada sensação, cada tremor. Eram mais de 30 anos voltando com a força da justiça. A dança de Xangô o afetava, a espada de Ogum o feria, e eu dançava e o conduzia ao justo. Naquele momento, Deus não o abandonou, mas o provia com a medida exata de tudo o que em sua volta ele havia plantado. Ligou mais duas vezes à Diana, que pediu para que ele parasse, porque era seu emprego, porque era invasivo, porque era o bom senso caindo em um precipício sem voltas. Ele teve de desligar e tomar uma quantidade triplicada de florais. Acabou adormecendo por duas horas, foi despertado pela urina, que lhe escapava da bexiga e ensopava os lençóis e a sua dignidade. Ele estava caindo.

Os exus avisam que sempre existe a subida, mas sempre existe a descida. Dependendo de como se sobe, a descida se manifesta. Pedro subiu, e alto, agora desceria, e baixo, perto do esgoto dos quiumbas e de seus dejetos. Quando o inferno dos exus se libera, nem mesmo Deus é capaz de parar a todos, porque fora Ele quem dera o aval para que se bailasse na justiça aos obsessores. Quiumbas são como a doença da humanidade, alimentam-se da ganância que possuem. Produzem o próprio veneno e só existem quando eles mesmos o consomem. E consumiam sem parar, desvairadamente. Deus punha os exus para dançarem a dança da justiça e da dignidade, da verdade e da cobrança. Não punha misericórdia, porque o encarnado se dava a sentença devida, a punição adequada sem mais cores, sem menos cores, sem mais peso, sem menos peso. Somente a punição adequada. Era o momento de Pedro saber que a vida e os exus estão de olho e que cobram quando não são convidados. Exus adoram uma surpresa. Exus adoram estragar a festa da injustiça e da ganância. Azedam bebidas e apodrecem frutas. Servem-nos em abundância até que o único convidado fique farto. Depois disso, fazem-no vomitar tudo e recomeçam, e recomeçam, e recomeçam até que o recomeço se perca em números, em um ciclo, sem pressa para terminar nem vontade de ceder. Todas as energias acumuladas retomam essa atividade. Alimentando-se o obsessor de todas as maldades do mundo, plantadas por ele mesmo em sua própria horta. Teria o tempo infinito de comer até vomitar. De vomitar até comer de novo. E vomitaria, e comeria o vômito, até que toda a

podridão em bebidas e comidas sumisse de suas vistas. Somente assim os exus ficariam satisfeitos. Seria a hora da sesta, a hora do pesadelo. E dormiriam um sono incômodo e perturbador. E dormiriam um sono de trevas e de sombras e acordariam em uma realidade ainda mais tenebrosa, em que desejariam dormir eternamente. E ficariam neste ciclo entre a realidade trevosa e o pesadelo horrendo. Entre a realidade horrenda e o pesadelo trevoso. E, depois de tanto se confundir com sono e realidade, as dores tomariam conta de seu corpo. Dores inimagináveis, dores que fariam o mudo berrar, dores que fariam o cego enxergar, dores que fariam o masoquista infeliz. E elas torturariam os obsessores com as cores que eles mesmos escolheram. Vestiriam a roupa da vergonha e desfilariam a desonra do mundo. Receberiam pedras dos assassinos, cuspes dos ladrões e bênçãos dos demônios, os únicos que ofereceriam ajuda em troca de trabalho forçado e de açoites inimagináveis. Não haveria escapatória. Negar o bem e plantar o mal tinha consequências terríveis aos fracos, não aos dignos. O inferno é mais suave aos que aceitam as dores e aos que as abraçam sem ego. A luz do bem apazigua quem se torna seu subserviente, no entanto, queima quem a renega. Pedro agora abraçava a dor e reconheceria todos os quiumbas como seus pares e daria os braços a eles e caminhariam a marcha da vergonha e da podridão, sem hora para acabar, sem previsão de fim, em um caminho forrado de farpas, debaixo de pés lisos cujo sangue se misturaria com o excremento da vida. E neles cresceriam o mato da morte, e o caminho de volta seria de quatro, cada um comendo suas raízes para que finalmente entendessem que não se engana um exu. E se, depois de tudo isso, ainda assim não me reconhecerem, o ciclo todo será refeito, e refeito será até que finalmente seus pecados e suas punições sejam purgados. Eu sou Exu Tiriri, sou eu quem decide quando e como.

Não cria em seu sistema nervoso. Tinha a certeza de que aquela incontinência urinária era decorrência de todo o estresse que vinha passando, e mesmo assim não se punha como responsável. Ficava apenas como alvo e desejava nunca ter se envolvido com Laís, que o havia avisado de tudo, mas ele não acreditou que haveria alguém mais forte, mais digna e mais poderosa. Caiu e estava caindo, porque o trajeto da queda era longo, e a queda mal estava em seu início. Entre o banho e a hora em que saiu para buscar a esposa, teve tremedeiras, sua cabeça doía, os calafrios pela espinha e pelo corpo ressoavam forte. Não conseguia raciocinar, urinava a cada meia hora e parecia não ter fim.

Finalmente chegou ao shopping e sua fisionomia era tensa e, dependendo de como Diana o recebesse, pioraria. Ela saiu com o semblante preocupado, mas ainda havia doçura em seus gestos. Ele a abraçou fortemente e não queria largá-la; embora tivesse as suas peculiaridades em relação a respeito e a matrimônio, ele precisava dela, porque sempre foi perdido e a esposa mantinha essa habilidade de ser sua mãe, irmã e tudo o que ele não precisava em um relacionamento a dois. O marido pediu sua ajuda. Eles se sentaram, e ela pediu um café e um lanche, enquanto ele foi ao banheiro. Voltou ainda tenso, dizendo que havia algo de errado com ele, o que ela comprovou como óbvio e reforçou se ele realmente não tinha algo para dizer. Ele apenas pediu que ela ficasse ao seu lado. Diana confirmou que ficaria com ele para sempre, e Pedro chorou. Chorou de alívio, com a certeza de que nada de errado havia acontecido. Voltaram para casa, e Pedro sempre atento aos

movimentos ao redor do prédio. Parecia tudo calmo. Já uma semana depois, e as coisas pareciam que se acalmariam.

Na manhã seguinte, eles foram ao urologista que, além da medicação, pediu exames, já que a ardência estava voltando e a infecção urinária era preocupante, justamente pelo incômodo e pela febre. Pedro não estava totalmente seguro em relação a Laís e sua firmeza de olhar. Sonhou por uma semana que o pai dela aparecia na joalheria e revelava tudo a Diana, e seu caráter estava no chão, e suas mentiras seriam expostas ao mundo. Toda a sua podridão e suas feridas ficariam à mercê do universo, dando aos olhares um homem fraco, frouxo. Um desleal, um traidor. A lista de exames foi cumprida em uma semana, um check-up que incluía desde exames de sangue ao incômodo exame de toque, passando pelas tomografias e demais procedimentos. Foram dias mais calmos. O antibiótico fizera efeito, a ardência sumira, bem como a incontinência cedera muito. Nesse período, seria mentira dizer que Pedro usou a saúde para esconder seus erros e suas trapaças. Era comum que ele ficasse atento ao seu redor, na rotina de Diana, ligando a ela insistentemente, mas menos. Em um dia, desbloqueou o número de Laís e passou um dia todo esperando que ela aparecesse, e ela não veio. Nem viria. Ao fim do dia, voltou a bloqueá-la.

A semana terminou, mais sete dias haviam passado. Os dias pareciam estar mais calmos, a rotina dele começava a retomar a morbidez dos dias que antecederam Laís em sua vida. Pedro e Diana nunca estiveram tão juntos. Trancavam-se em casa, de longe, até seriam felizes. A paz comia com eles. Estavam apenas entregues aos resultados, que sairiam na quinta-feira da semana que começaria dali a dois dias. Ele não estava convencido de tudo, ainda era normal que seus temores aparecessem ou que os sonhos viessem cobrar-lhe uma atitude compatível às suas ações. Pedro a ignorava como quem desdenha de um desafeto e assume a demência como trunfo às suas responsabilidades.

Naquela quarta-feira, pela primeira vez em dias, conseguia refazer os trabalhos e passara uma tarde toda sem se lembrar dos pavores dos últimos 20 dias. Era uma tarde morna de primavera, o céu estava limpo e o clima, agradável. Recebera uma ligação de Diana e não temera, pelo contrário, ficara contente, porque só se lembrara de que nada havia acontecido depois de desligar e ter finalmente uma conversa normal com a esposa. Eram 16h30, e tinha tempo para buscar Diana. Decidiu caminhar pelo bairro, estava disposto e com uma sensação boa no ar. Fechou a porta e se virou, quando sentiu o perfume inconfundível de Laís, que estava ali, com seu semblante sério e todas as verdades consigo. Ele não teve reação e não teria até que ela decidisse a que rumo a conversa seguiria. Ela percebeu sua expressão tensa, seu estado um pouco debilitado, mas parecia bem, apesar de tudo. Pedro havia emagrecido e exibia um aspecto de alguém recém-curado. Já ela trazia um brilho menos intenso, estava com um vestido longo e florido, que não acompanhava nem de longe o que ela era, o que foi e o que ela é. Ficaram alguns segundos se olhando, tentando cada um se reconhecer ali, e parece que agora, e finalmente, não se viram mais um no outro. Ela tirou os óculos escuros e mostrou os olhos fundos de quem passara dias na escuridão e encontrava a luz pela primeira vez em dias.

— Como você está? Parece cansado.

— Estou bem, alguns exames, infecções, mas bem... E você?

Ela deu um longo suspiro e nada disse. Preferiu desviar o assunto.

— Eu vim dizer adeus.

Ele se esforçou para conter a alegria e o alívio.

— Adeus?

— Sim, consegui adiantar minha viagem, embarco amanhã à noite ao Canadá.

— Nossa...

— Eu sei, eu sei... Seu sorriso tem mais do que alegria e satisfação. Você já não consegue esconder. Sabe, Pedro, eu subestimei todas as mulheres de sua vida, todas. E, no fim, acabei me tornando uma de suas melhores estatísticas.

— Laís...

— Não, não vim brigar com você, já passei por tudo o que deveria passar por sua causa. Queria apenas olhar você pela última vez e ter a certeza de que minha decisão foi a acertada.

— A de adiantar a sua viagem?

— Também isso. Sei que posso carregar esse peso sozinha e que a vida possivelmente vai me cobrar mais para frente...

— A culpa não foi sua.

— Você nem sabe do que estou falando...

E um longo silêncio se fez. Ela continuava ali, parada, com um sorriso dolorido, uma expressão triste e firmava suas convicções a respeito do homem por quem se apaixonou. Poderia dizer tudo o que poderia ser dito, o que deveria ser dito. Em seu semblante, agora, havia apenas pesar, uma dor de reconhecer ali um engano terrível, de ter chegado a desejar dias melhores aos dois, diferente da distância de que ambos se desejavam. Laís deu um suspiro pesaroso e colocou os óculos. Fez menção de sair, mas reteve os passos.

— E a gravidez de Diana, tudo bem?

— Sim, sim, ela e o bebê estão ótimos.

Laís não sorriu, fez uma expressão dura, quase raivosa.

— Você tem muita sorte de ter aquela mulher ao seu lado...

E ficou nisso. Não se olharam mais. Ele a acompanhou de longe e a viu virar a esquina. Continuou parado e esticou o pescoço para ver seu carro passar, e passou, e o alívio que teve o fez cair. Estava livre, tinha conseguido escapar dessa aventura intacto. Jurou que nunca mais faria dessas loucuras ou ao menos que não se envolveria tanto. Até pensou

em sua libido, que havia sumido por quase um mês e talvez não desse sinal de volta. Assim como começaram, ele e Laís romperam, do nada e na rua. Quase um ano depois, tinham histórias por uma vida toda, algumas lindas e todas mentirosas. Ela certamente as pegaria e as queimaria em um tonel, com rum e algumas ervas. Ele ficaria relembrando as sensações fronteiriças entre o escuso e o explícito e pontuaria o exato momento em que nada aconteceu, porque sabia que nunca aconteceria. Sentiu uma felicidade besta e uma vontade maluca de comemorar. Ligou para Diana, que se surpreendeu com sua repentina alegria, e aproveitou para aceitar um jantar romântico em uma quarta-feira. Quem sabe celebrar também com os resultados dos exames e tocar a vida como deveria ser tocada. E assim fizeram, ele a pegou e tiveram momentos únicos. Ela estava feliz, ele também, e fizeram um brinde e uma promessa, a de verem neve em Nova Iorque naquele fim de ano, porque mereciam, porque a vida era boa e sempre seria. Não fosse pelos remédios e cansaço, eles teriam uma noite e tanto, porém preferiram dormir abraçados.

Havia serenidade em suas expressões enquanto o urologista via os resultados. O assunto era ameno e ficaria ameno, até que ele leu e releu o exame de próstata e constatou uma alteração preocupante. Disse que não queria se precipitar nem queria que eles ficassem tensos. No entanto, como segurar a tensão ou manter a paz quando escutaram que o caso seguiria a um oncologista? Diana ficou estarecida, e Pedro perguntou se aquilo era alguma brincadeira. O médico manteve a expressão séria. E os fantasmas começaram a aparecer de uma outra forma. Conseguiram um encaixe para dali a três dias, e o fim de semana foi em silêncio.

Pedro não entendia que aquilo poderia ser verdade, Diana começou a prever os estampidos, e aquela expressão grave tomou conta do apartamento. Foram dois dias de muita tensão e medo. Pedro flagrara a

esposa em prantos, que teve de esconder a preocupação, enquanto o marido passou as horas olhando o nada e tentando driblar os fatos. Na madrugada de domingo, eles se viram na cozinha, em silêncio. Ambos com a insônia em seus ombros e a preocupação carregando-os. Diana não conseguiu segurar e desabou, chorou tudo o que tinha de chorar, e Pedro não conseguiu consolá-la. Dizia qualquer coisa sem nexos e ficou quieto. Abraçou-a e disse para ficarem juntos. Foram para a sala. Ela tomou o chá, e ele olhava o nada. Ficou observando os aviões cruzarem o céu e imaginando em qual deles Laís estaria. Oncologista. Não conseguia encaixar a palavra em sua vida. Sugeriu à esposa que procurassem uma segunda opinião, se o pior fosse constatado. Diana pediu que ele não tocasse no assunto, que a vida deveria ser vivida dia a dia, passo a passo. Que Deus sempre teria uma chance a todos, todos. E, pela primeira vez, disse em voz alta o que sempre dissera a si mesma, desde os 15 anos.

— Quando escutei aqueles tiros na casa de meus pais, pensei que fossem qualquer coisa, menos tiros. Afinal, quem escuta tiros dentro de casa? Eles aparecem na vida de outras pessoas. Minha mãe berrou e eu, naquele momento, soube que algo não ia bem. Tampei meus ouvidos e imaginei minha viagem à Disney, como se ela pudesse me tirar de lá e trazer meu pai de volta. Não há um só dia em que esses tiros não ressoem em minha mente. Todos os dias, eu tento apagá-los de minha memória, tento não os escutar. Há dias em que eles ressoam com menos intensidade. Há outros que parecem zunir em meus tímpanos. E eu me sinto culpada por não ter dado a ele um motivo que fosse para seguir a vida. Talvez eu mesma, ali parada à sua frente, fosse o suficiente para que ele não sumisse dos meus dias. Mas ele sumiu. Foi nesse dia que achei que minha ajuda seria essencial a todos que precisassem de mim. Eu sei que nada acontecerá com você, Pedro, mas, se as coisas não

saírem como devem sair, saiba que eu sempre estarei ao seu lado. Sempre.

Pedro nada disse, apenas a abraçou procurando amparo e a tranquilizou, falando que, a partir de segunda-feira, tudo seria diferente. Estariam mais fortes, e o susto já lhe tinha valido a pena. A vida, com aquela alerta, punha-o diferente e, se o ser humano aprendia com a dor, aqueles últimos dias já lhe valiam por uma vida toda. E ali ficaram com a promessa de tudo ser diferente. E estavam certos, seria realmente diferente. Naquela segunda-feira ensolarada, souberam que o tumor era agressivo e que somente a intervenção cirúrgica seria garantia de vida. Pedro não teve reações e Diana puxou forças de onde não parecia haver. A notícia poderia ter-lhe devastado, mas não. Era ela quem daria forças ao marido, que não tinha outra saída, principalmente quando outros três especialistas disseram a mesma coisa. A queda ainda estava no começo e, um mês depois, Pedro estava na mesa de cirurgia. Diana passou as quatro horas da operação na capela do hospital, pedindo saúde ao marido, pedindo a Deus que o livrasse do pior e que usasse toda a Sua benevolência com Pedro, que lhe desse a vida como prêmio. Foram as horas mais terríveis a ela. Durante todo aquele período, os estampidos, os zunidos, lhe atormentaram a alma, e ela prometia que ficaria ao seu lado, tudo o que custasse seria pouco. Pedia que as balas se calassem em sua vida em troca do bem-estar do marido. E ela ficou ali, ajoelhada, entregue a um amor incerto e manco, contudo, sincero. Diana estava na sala de espera quando o médico apareceu sorrindo, dizendo que tudo correria perfeitamente e que esperariam os próximos dias para dar um relatório mais detalhado, mas que ela não se preocupasse. O tumor havia sido removido.

Pedro acordou em uma tarde de quinta-feira e viu que uma luz diferente havia transpassado em sua vida. Desejava saber como tudo estava e chorou de alegria ao escutar que a cirurgia havia sido um

sucesso e que, se tudo seguisse seu curso natural, teria alta em uma semana e poderia seguir a vida com poucas restrições. Naquele momento, nada mais importava. Os amigos de Diana estavam com flores, bombons e celebravam o susto como apenas uma lembrança amarga de dias que nunca mais voltariam. Pedro Augusto Neto era um homem forte e tinha uma sorte imensa. Sorria. E sorria para sempre, mesmo sabendo que os 280 mil reais na escolha dos melhores médicos e de um hospital de referência fossem história agora. A vida, ah, a vida, enfim. Tudo seria renovado. Tudo seria diferente. Diana e Pedro se dariam as mãos para sempre. Os amigos celebravam e o marido enaltecia a força daquela mulher. E endossou a todos que a amava, que a fé dela o salvara e que celebrariam o *réveillon* no Guarujá ou em qualquer parte deste mundo. Diana concordou e emendou com doçura e firmeza:

— Em qualquer parte do mundo, menos no Canadá.

Eles se olharam, e Pedro sentiu um frio na barriga. Diana, naquele instante, mostrou que o amor não era apenas uma brincadeira, que, se estava ali ao seu lado, era por escolha dela, não merecimento dele. E ela estaria ao seu lado todos os dias de sua vida, mesmo que fosse para lembrá-lo de que agora os estampidos estariam no ouvido do marido. Que acabara de ouvir uma confissão que nunca teve coragem de fazer. Não poderia saber se fora o pai de Laís que revelara seu segredo à Diana ou se a própria Laís o fizera. Talvez Pedro nem precisasse saber disso, nem que estava impotente para sempre, já que grande parte de seus nervos foram afetados para remover o tumor e lhe deixar a vida como presente em uma bandeja dourada. Segredos que agora não seriam relevantes. Pedro estava nu. Eis-me aqui, eu sou exu e sou eu que decido quando e como.

O horário de visita acabou, e o casal não conversou mais naquela tarde. Diana estava ali, exibindo toda a sua compaixão, e Pedro sabia disso. Engoliria a seco o restante de sua jornada e teria mais uma vida

toda para abraçar seu destino. Havia um clima estranho e uma sensação incômoda, e os dois juraram sentir um forte cheiro de fumaça de um charuto cubano. E dos bons. Melhor isso do que cheiro de enxofre...

1. Na cultura nagô-iorubá, em que há o culto de orixás, Ogum é a divindade que representa a Lei Divina. [Todas as notas não assinadas são do autor] [«]
2. Na cultura nagô-iorubá, Xangô é o orixá que representa a Justiça Divina, o bom senso. [«]
3. Na cultura nagô-iorubá, Omulu é a divindade que traz o fim de ciclos, a morte em seu sentido mais amplo. [«]
4. Espíritos obsessores, trevosos, que atuam para prejudicar e fazer o mal. [«]
5. Na cultura nagô-iorubá, Oxum é a divindade que representa o amor, o verdadeiro ouro da vida. [«]
6. As pombagiras, entidades que se manifestam na Umbanda, representam o poder da mulher que se valoriza e não se deixa subjugar. Surgiram nos terreiros em uma época em que a sociedade exigia submissão da mulher perante o homem, o que fez com que sofressem muito preconceito. [«]
7. Segundo o *Dicionário Yorubá-Português*, de José Beniste (Bertrand Brasil, 2019), “mo” é o pronome pessoal “eu”, e “júbà” significa “respeitar, estimar, admitir como superior”. Assim, “mo júbà” quer dizer “meus respeitos”. [Nota da Editora, daqui em diante NE] [«]
8. Na cultura nagô-iorubá, Iemanjá é a divindade que representa a geração da vida, é a grande mãe, rainha das águas salgadas. [«]
9. Na cultura nagô-iorubá, Oxóssi é o orixá que representa o caçador, rei das matas, que traz a fartura. [«]



Este e-book foi projetado e desenvolvido com base na primeira edição impressa publicada em
2020.

